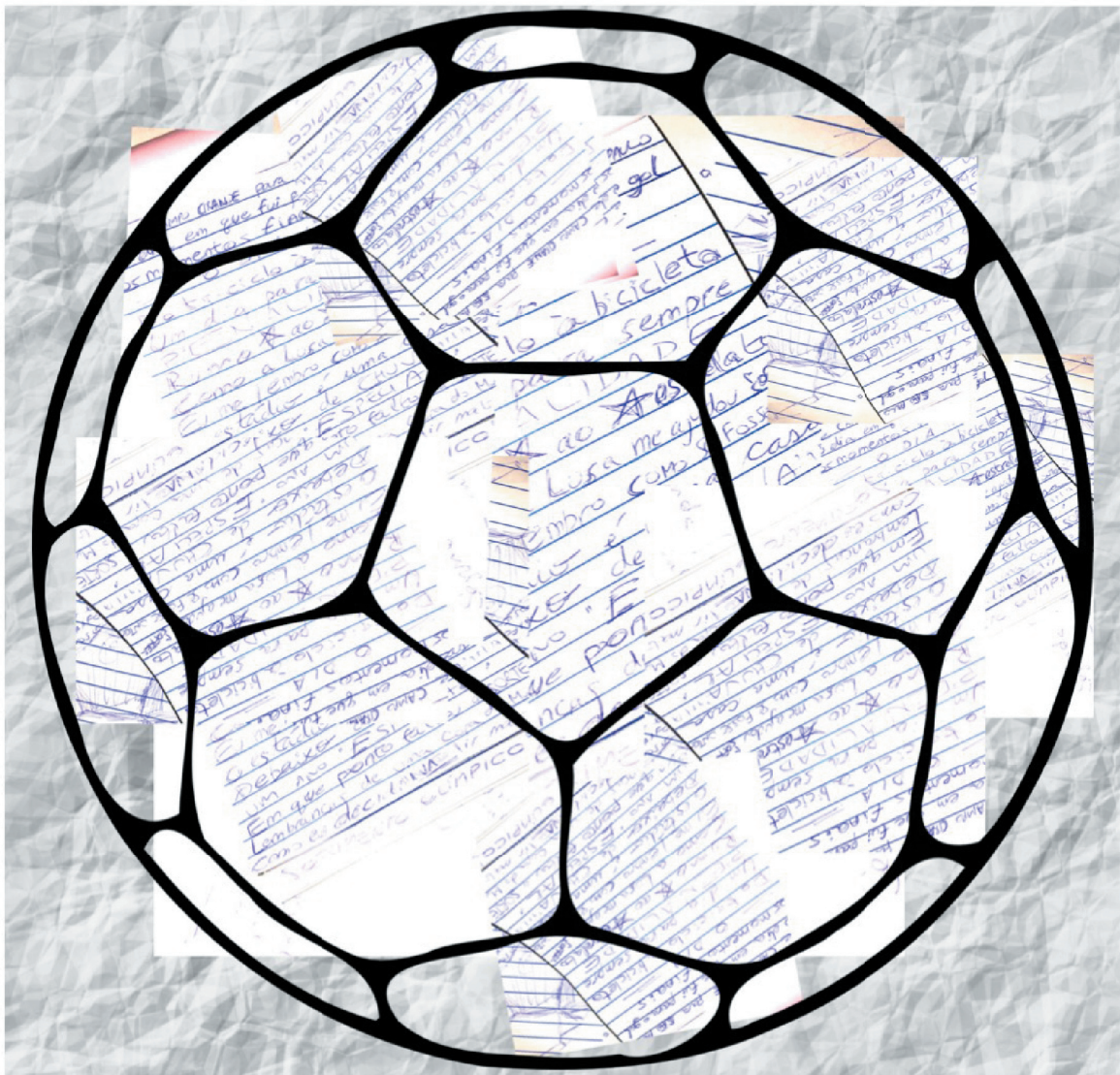


# CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

3ª EDIÇÃO



**Luciano Victor Barros Maluly**  
**Alexandre Bianchini do Amaral (orgs.)**

**USP *eca***

www  
USP

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY  
ALEXANDRE BIANQUINI DO AMARAL  
(ORGANIZADORES)

# **CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO**

3ª edição

São Paulo  
ECA-USP

2017

# **Caderno de Jornalismo Esportivo**

Luciano Victor Barros Maluly & Alexandre Biaquini do Amaral  
(Organizadores)

## **Projeto Gráfico e Capa**

Carlos Augusto Tavares Junior

## **Universidade de São Paulo**

**Reitor:** Marco Antônio Zago

**Vice-reitor:** Vahan Agopyan

## **Escola de Comunicações e Artes**

**Diretor:** Eduardo Henrique Soares Monteiro

**Vice-diretora:** Brasilina Passarelli

## **Departamento de Jornalismo e Editoração**

**Chefe:** Dennis de Oliveira

**Vice- chefe:** José de Paula Ramos Júnior

**É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria.  
É proibido qualquer uso para fins comerciais.**

**Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

---

C122m **Caderno de jornalismo esportivo** [recurso eletrônico] / Luciano Victor Barros Maluly, Alexandre Bianquini do Amaral (Orgs.). 3. ed. - São Paulo: ECA-USP, 2017. 96 p.

ISBN 978-85-7205-184-2  
10.11606/9788572051842

1. Jornalismo esportivo I. Maluly, Luciano Victor Barros II. Amaral, Alexandre Bianquini do.

**CDD 21.ed. – 070.449796**

---

## **Índice para catálogo sistemático**

1. Jornalismo esportivo 070.449796

**Blog do Jornalismo Esportivo da ECA-USP:** <http://www.usp.br/cje/esportivo>

*O atleta pode ser mostrado como aquele em quem o cidadão comum se espelhará tanto nas questões esportivas quanto morais, mas tendo consciência de que a dedicação e o esforço podem mover para frente qualquer um, independentemente do campo de atuação.*

MARCELO CARDOSO

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
O dia em que fui para o gol - <i>Alexandre Tsutomu Kanashiro</i>	9
Os momentos finais - <i>Amanda Sanches de Souza</i>	10
O dia - <i>Amilton Reginaldo Nogueira</i>	11
Penalidade - <i>Ana Carolina Martins</i>	12
Do triciclo à bicicleta - <i>Ana Raquel Andrade Silva</i>	13
Um dia para sempre - <i>André Aché Guedes</i>	14
A primeira a gente nunca esquece - <i>André Justo dos Santos Schmid</i>	16
Rumo ao estrelato - mesmo que só por um dia - <i>André Martins Gonçalves</i>	17
Na chuva a FEA cresce - 60 segundos de handebol - <i>Arthur Flosi Alexandre Peão</i>	20
Como a Lusa me ajudou a sofrer - <i>Caio Mendonca Gorgulho</i>	22
Eu me lembro como se fosse ontem - <i>Carlos Eduardo Laurelli das Neves</i>	24
O dia do bicampeonato - <i>Catarina Saccomandi</i>	25
Três anos e um mês - <i>Celso Lasarin</i>	27
Um jogo fora da quadra - <i>Daniel Imura</i>	28
O estádio é uma casa e vice-versa - <i>Davi Gemio</i>	29
Debaixo de chuva - <i>Débora Mangold Campos</i>	31
Um ano especial - <i>Edison Junior</i>	33
Lembranças de uma copa do mundo - <i>Fernanda Callejas</i>	35
Em que ponto faltou a minha sorte? - <i>Felipe Moraes</i>	36
Como eu decidi não ir mais ao estádio - <i>Gabriela Rabelo Bueno</i>	38
Quando conquistamos o mundo - <i>Giovanni Ardito</i>	39
Domingo, eu vou ao Pacaembu... - <i>Heitor Prado de Moraes</i>	40
O mascote desatento - <i>Henrique Votto Freitas</i>	42
1977 - O mês mais importante - <i>Homero Galante Jansell</i>	44
Copa do mundo - <i>Jade Rezende</i>	46
Dilecti fraters et sorores, audite vocem domini! - <i>João Victor Jardim Mendonça</i>	48
Quando o futebol acontece - <i>Jully Mika Tsuchitori</i>	49
O primeiro jogo - <i>Kao Temin</i>	51
Fantasia e uniforme - <i>Larissa Daroque</i>	52
A luta pela terceira estrela - <i>Leandro Yukio Haraoka</i>	54
De Campo Grande para São Paulo - <i>Lucas Machado de Melo</i>	56
O dia que eu me tornei palmeirense - <i>Lucas Rehbaim</i>	57
Sufrimento olímpico - <i>Luís Henrique Franco</i>	58
Que dia é hoje? - <i>Matheus Tambolini Schmidt</i>	60
Os operários de uma nação - <i>Mônica Guimarães</i>	61
A taça mais importante - <i>Murilo Loureiro Sion</i>	63
As cinco mulheres - <i>Natália Isepi</i>	64
Interusp XXX - O relato do tesoureiro - <i>Osiris Miguel Rodrigues Turim</i>	66

## SUMÁRIO

<b>A baliza</b> - <i>Paulo Cesar Santos</i>	69
<b>Só futebol, só esporte</b> - <i>Pedro Paulo Sousa Argôlo</i>	71
<b>Hoffen: ter esperança em alemão</b> - <i>Rafaella Guerra Moreira</i>	73
<b>4 de dezembro</b> - <i>Raissa Oliveira Martins</i>	74
<b>Areias do tempo</b> - <i>Raphael Bueno Medeiros</i>	75
<b>O sonho olímpico</b> - <i>Renato Filippini</i>	78
<b>Juego picante</b> - <i>Roberta Capalbo</i>	79
<b>O que aconteceu em 8 de julho de 2014?</b> - <i>Rodrigo dos Santos Silva</i>	81
<b>O dia que me redescobri atleticano</b> - <i>Stéfano Silveira</i>	82
<b>O voo de Ceni</b> - <i>Victor Deucher Figueiredo Santos</i>	85
<b>Acredita!!!</b> - <i>Victoria Pissolato</i>	87
<b>O fatídico dia</b> - <i>Virgilio de Sousa</i>	88
<b>O dia que me aproximei de Garrincha</b> - <i>Wagner Tertuliano de Lima</i>	90
<b>POSFÁCIO: Crônica dos autores</b>	
<b>O jornalista esportivo</b> - <i>Luciano Victor Barros Maluly</i>	92
<b>Um empurrãozinho</b> - <i>Alexandre Bianquini do Amaral</i>	94
<b>REFERÊNCIAS</b>	96

## INTRODUÇÃO

O despertar para o jornalismo esportivo surge quando se tem a necessidade de relatar os momentos que marcaram o universo das práticas esportivas e das atividades físicas. É assim que a nossa memória preserva os jogos inesquecíveis do nosso clube de coração, da pelada na rua ou praia ou mesmo da competição organizada pelo professor de Educação Física. São os sonhos de tantas crianças e adolescentes que choraram nas vitórias e nas derrotas.

A atividade inicial da disciplina *Jornalismo Esportivo - A pauta além do futebol* se constitui na elaboração de crônicas sobre as lembranças dos alunos e das alunas, desde os ligados aos diversos cursos de graduação e aos da Terceira Idade, ambos estudantes da Universidade de São Paulo.

A crônica é distinta de um simples relato jornalístico. Ao mesmo tempo, Ivan Cavalcanti Proença em seu livro *Futebol e Palavra*, revela que “não é fácil defender a crônica esportiva como Literatura” (1981, p. 29). Isso porque, para os vinculados ao meio, é quase impossível se dissociar a Vida-vida e Vida-futebol, ou Vida-esporte.

A crônica brinca com a realidade para além dos ginásios e campos; em meio ao trabalho, às rodas de conversa, ao cinema, aos verbetes e às origens sociais. Se por um lado, o argumento está vinculado aos fatos, por outro, o autor se importa com as sensações e os sentimentos de seus personagens. Afinal, o ponto de vista constituído na crônica não se limita a quem a escreve, mas se torna um reflexo das lembranças dos atletas e torcedores fanáticos que a lêem.

O desafio é ainda maior quando o professor explica que o texto será publicado na internet, como uma matéria de cunho opinativo. Pela maioria dos alunos não ser do curso de jornalismo, talvez essa seja a única chance de alguns se tornarem cronistas por um dia. A pauta revela o encontro com aquele dia inesquecível no esporte. Como um instante mágico que une o espaço e o tempo, cada escritor se torna personagem da própria história.

São dois estilos que marcaram os textos dos cronistas: O primeiro é o dos *amadores com muito orgulho*. Surgem aqui os craques do cotidiano que nasceram para brilhar nas quadras, nos campos ou nas piscinas. Nem sempre o resultado foi o esperado, mas o que importava era competir. Eles sabiam dos seus limites e, mesmo assim, não amoleceram. Foram em frente e enfrentaram as batalhas, da mesma forma como fazem no dia a dia da escola ou do trabalho. Já o segundo estilo é composto pelos *torcedores para sempre*, que demonstram o amor eterno pelos clubes de coração. As lágrimas de quem acompanhou consagrações e desastres, como o da vitória perdida ou da conquista inesperada. São crônicas da vida privada que remontam o imaginário de milhões de brasileiros.

Depois das aulas, cada um seguirá o seu caminho, mas tenha certeza de que este *Caderno de Jornalismo Esportivo* marcará para sempre a trajetória dos jovens cronistas esportivos da Universidade de São Paulo.

*Os Editores*



## O dia em que fui para o gol

*Alexandre Tsutomu Kanashiro*

Desde criança gostei de jogar bola, era futebol na sala, no quintal, na rua e onde mais tivesse espaço para que uma bola fosse chutada (mesmo que algumas coisas se quebrassem no caminho). E como a maioria dos que compartilham desse sentimento, queria ser o artilheiro, mas minha falta de talento com as pernas acabou me jogando para trás, e quando me dei conta estava debaixo da trave do meu próprio time.

Isso aconteceu quando eu tinha uns 12 anos de idade. Não me obrigaram a ir para lá, mas eu sabia que não jogaria em outra posição. Tínhamos uma partida pela frente e a formação inicial já estava praticamente escalada, com uma exceção: o goleiro. Ninguém queria ficar debaixo da trave levando “bolada”, sendo que a meta adversária ficava do outro lado da quadra. Pensei comigo mesmo: o maior ídolo do meu time é um goleiro, talvez não seja tão ruim assim. Olhei para os meus companheiros de time e disse, sem confiança alguma, que jogaria na posição. Nesse momento, mudaram meus objetivos no jogo, não era mais a minha função atacar, agora eu tinha que evitar que os gols acontecessem. Eu tinha me tornado o vilão do jogo, o cara que tem de evitar o momento de maior glória do esporte.

A partida começou e eu só esperava não engolir nenhum frango até o final dela, no primeiro tempo tomei dois gols, que não foram culpa minha, e terminamos essa primeira parte com o placar empatado. Mas foi durante a segunda metade do jogo que realmente fui testado, o outro time voltou muito melhor e pressionava a nossa defesa, e naquele momento eu percebi que levava jeito para aquilo, evitei alguns gols adversários e deixei o time “no jogo” ainda. Nunca saíram da minha cabeça aqueles chutes defendidos, eu realmente tinha encontrado o meu lugar no jogo.

Infelizmente não foi o bastante e acabamos perdendo aquele jogo, mas a partir daquele dia não consegui mais sair do gol. Se eu for jogar bola com alguém que já tenha jogado comigo, certamente vão preferir que eu jogasse na meta. Mas até que não é tão ruim assim, pelo menos há sempre uma grande chance de jogar a partida inteira, já que ninguém gostaria de trocar de posição comigo.

## Os momentos finais

*Amanda Sanches de Souza*

Era o dia da final do campeonato. Estava ansiosa, como fico em todos os jogos decisivos, mas pouco esperançosa. Não era uma final muito animadora, afinal, era contra o melhor time de handebol universitário, aquele que estava invicto por anos, aquele que tinha consciência de que era o melhor e treinava para ser sempre o melhor.

Diante das probabilidades mínimas do ouro, decidimos, como time, que aquele não seria um jogo nem um pouco fácil para nossas adversárias, mesmo sendo muito superiores. Decidimos fazer daquele o jogo mais acirrado do campeonato – e cumpriríamos aquela promessa.

Os movimentos na torcida aumentavam, assim como os sons que se instalavam no ambiente. Durante uma espécie de concentração pré-jogo, na qual repassávamos jogadas e estratégias para a partida, ouvimos vagamente o discurso de uma de nossas adversárias para seu time. Já sabemos que vamos ganhar, sempre ganhamos, mas vamos fazer dessa uma vitória especial – dizia ela.

Soou o apito inicial e, sem muito tardar, um gol nosso. Não houve muito alarme, afinal, diz-se que a partida só se define nos momentos finais. Em seguida, mais um gol nosso. E mais um. E mais um. E pasmem: nenhum gol delas. Isso fez crescer uma esperança: vai que? A euforia não durou muito tempo e, ao final do primeiro tempo, nossas oponentes gozavam de 6 gols de vantagem.

Não nos deixamos abalar. No intervalo de jogo, repassamos nossos erros e voltamos para a partida determinadas e de cabeça erguida. Sabíamos que não ganharíamos de pronto, então, com paciência, estreitamos nossos erros, enquanto os delas aumentaram. Faltavam poucos minutos para o final e, por um toque de ansiedade, espiei o placar de relance. Seria possível? Empate!

O jogo transcorria como um cabo de força que não pendia mais para ninguém. Era um duelo entre tradição e expectativa. No agitar da torcida, um tiro de esperança. Seria o fim da invencibilidade de nossas adversárias? Refletia-se no olhar delas a preocupação. Estavam desestabilizadas e, naturalmente, ganhamos força diante disso.

Acontece que o jogo é feito de eventualidades e, por um deslize, tomamos um gol nos últimos segundos, levando-as à medalha de ouro. A tristeza foi maior do que se estivéssemos perdendo de muitos gols, já que o gostinho de vitória era delicioso. Mas, como todos sabem, a partida realmente só se define nos momentos finais. E aprendemos isso à força.

## O dia

*Amilton Reginaldo Nogueira*

Este dia era 29 de junho de 1958. Eu iria trabalhar, pois era meu primeiro emprego com carteira assinada e estava prestes a completar seis meses de trabalho. Era um dia memorável. No trabalho tínhamos a difícil incumbência de fazermos o balanço.

O país vivia uma enorme expectativa e intensa apreensão, pois era decisão da copa do mundo de futebol. O Brasil estaria em campo em decisão contra a Suécia, na Suécia. Muita tensão e apreensão tomavam conta do país e, se não me falha a memória, estávamos pela terceira vez diante da oportunidade de sermos campeões.

Fui ao cumprimento do dever naquele dia.

A vontade era de ficar em casa e ouvir a transmissão da partida pelo rádio. Meus colegas de trabalho haviam conseguido um rádio para ouvirmos a transmissão do jogo. Todavia, não nos foi permitido ouvir a transmissão radiofônica, pois tínhamos que concentrar todas as nossas atenções no trabalho. Mas, como bons brasileiros, sempre encontramos um jeitinho para tudo. E, assim, por vezes, simulávamos idas ao banheiro e aproveitávamos a ocasião para ouvir alguns lances esporádicos da partida que tinha como narradores, Pedro Luíz e Edson Leite, os melhores na época.

O resultado da partida, para a felicidade geral da nação, foi Brasil 5 X Suécia 2.

Após o final da partida e a conclusão do balanço, pudemos, como todos os brasileiros, comemorar esta que foi uma das mais importantes conquistas do esporte brasileiro.

## Penalidade

*Ana Carolina Martins*

Era uma noite chuvosa de quarta feira pós expediente, daquelas em que você só gostaria de estar em casa, embaixo do cobertor, vendo um filme e se empanturrando de chocolate quente. Naquele dia, a minha casa se localizava em um endereço diferente. Rua Palestra Italia, 214, para ser mais precisa. A minha cama foi trocada pelo concreto duro da arquibancada Norte da Arena Palmeiras. O meu cobertor era o “bandeirão” que se estendia sob a minha cabeça e o chocolate quente se tornou o suor de desespero que escorria em meu rosto.

O espetáculo marcado para aquela noite foi uma cobrança de pênaltis, daquelas que deixam as unhas no sabugo e causa queda de cabelo precoce. Os protagonistas daquele show eram Palmeiras x Barcelona de Guayaquil. Quartas de final da Copa Libertadores da América. Apelidada de “obsessão” pela torcida alviverde, a disputa pela taça se colocou como prioridade para os jogadores. Mas o cenário era caótico. Uma vitória em casa e uma derrota nos minutos finais no Equador. Os pênaltis eram a nossa redenção. Os jogadores não nos passavam confiança. Meu coração batia no ritmo da bateria e da bagunça realizada pela torcida organizada.

A primeira cobrança realizada pela equipe equatoriana balançou as redes, evidenciando a decepção no rosto da torcida que canta e vibra. Chegou a vez do meio-campista idolatrado pela torcida marcar o seu triunfo, fazendo a Arena tremer o chão da Pompeia. Já era a 6ª cobrança. O volante tem chegado do time rival faz a torcida silenciar. O muro que defendia o time adversário fechou o gol e agarrou a bola como se fosse a própria taça. Para mostrar que Deus é palmeirense, seguindo o som que ecoava no concreto verde e branco, a próxima cobrança também foi agarrada com o reflexo de gato do goleiro Jailson.

Não sentia mais o sangue correr nas veias. Parecia que o coração tinha deixado de habitar o meu peito. Ninguém conseguiu conter as lágrimas. Nossa obsessão tinha ido parar nas luvas equatorianas daquele goleiro na última cobrança. Era o fim da luta pela conquista da América para a equipe paulista. O som do estádio abafou. Os rostos inconsolados tomaram o lugar do mosaico verde, branco e vermelho.

O conceito de obsessão se dá pelo apego exagerado a um sentimento ou a uma ideia desarrazoada. Um apego que faz com que o torcedor se entregue e se sinta mais um entre os 11, provando que o futebol é tudo, menos mais um esporte entre tantos.

## Do triciclo à bicicleta

*Ana Raquel Andrade Silva*

Brincar, Sonhar, Lanchar e Pedalar.

Era isso tudo que Ana queria e achava muito, demasiado e a mãe ria. Ria do sonho de criança, das três rodas que passariam de três para quatro, isso mesmo, quatro e não duas, porque as duas rodas não seriam suficientes para sustentar quem ainda não tinha equilíbrio na vida. A esperar o dia das crianças e o lanche, que vinha sempre depois de tentativas frustrantes ou conquistadas, ou seja, ele sempre vinha.

Assim, Ana passava a maior parte do seu dia com seu triciclo que era na verdade chamado de “motoca”, mesmo assim, gostaria que ele pudesse ser substituído, trocado mesmo, por uma bicicleta e que não ganhasse as mesmas barbies e presentes de menina e sim algo que emocionasse tanto quanto sua “motoca”, um brinquedo que a fizesse crescer.

Ana esperou e ela chegou, pontualmente no dia das crianças, mas rosa, uma bicicleta rosa. Tudo bem, pelo menos poderia brincar na rua, gostaria também de jogar um futebol ou queimada, entretanto Ana tinha medo de bola. O que ela não esperava era não conseguir pedalar e não ter alguém para ensiná-la, afinal, criança tem que aprender sozinha.

Calma, ela aprendeu a andar de bicicleta, tarde, mas aprendeu, aos quinze anos, com os outros adolescentes tirando um pouco de sarro, Ana não se importou, deixou de lado as zombarias, o que não deixou de lado foram os seus lanches depois de tentativas frustrantes, até que um dia pode pedalar livre e triunfante.

## Um dia para sempre

*André Aché Guedes*

15 de Dezembro de 2002. Final do Campeonato Brasileiro. O Morumbi estava lotado.

Mais de 74 mil torcedores assistiam ao último campeonato brasileiro disputado nos confrontos mata-mata. Corinthians e Santos dividiam o Estádio do Morumbi em duas torcidas meio a meio que lotavam as arquibancadas. Entre elas, em meio a torcida santista, um menino corintiano de 9 anos que já vinha se rendendo ao empolgante futebol apresentado pelo Santos na vitória de 2 x 0 no primeiro jogo, e que aguardava as equipes subirem a campo entre os gritos de “olêle olála, o Robinho vem aí e o bicho vai pegar”.

O seletíssimo time do Corinthians treinado pelo técnico do tetra, Carlos Alberto Parreira, tinha pela frente os jovens garotos do Santos, que tentavam acabar com o tabu de 18 anos sem um título importante para a equipe da Vila Belmiro.

A equipe santista, que vinha encantando o Brasil com a genialidade e o futebol de seus jovens atletas, entrava em campo sem o seu artilheiro Alberto. Como se fosse um bom sinal, aos 2 minutos de jogo o jovem talentosíssimo meio campista do Santos, Diego, se machuca e é substituído.

Ainda empolgado com a pressão inicial corintiana que esbarrava nas boas defesas do goleiro santista, Fábio Costa, o menino corintiano vê de visão privilegiada o garoto da baixada santista de 18 anos e pernas franzinas conduzindo e passando o pé sobre a bola em uma arrancada que mais parecia uma dança ser derrubado pelo defensor em plena grande área. Pênalti. Com a convicção de quem faria o gol o garoto pede a bola e se posiciona para a batida. Depois de uma jogada como tal não poderia ser diferente. Bola para um lado, goleiro para outro. Gol.

O placar que já era difícil de ser revertido fica ainda mais. No intervalo de jogo o menino corintiano, perdido naquela multidão santista observava o gigante espetáculo que as torcidas faziam e se rendia ao futebol moleque de um time que impressionou o Brasil.

Como se servisse para dar mais emoção, na volta do segundo tempo com dois gols de cabeça, de David e Anderson, o Corinthians vira o placar e incendeia a partida. Dando falsas esperanças aos corintianos.

Pois aquela tarde era realmente dos jovens santistas, em especial de Robinho. Que em meio a suas jogadas mágicas levou o Santos a mais dois gols. Um com assistência para Elano somente completar para as redes e depois para Léo acertar um belíssimo chute no ângulo e fechar o placar.

No apito final do árbitro o menino na arquibancada já havia se rendido completamente a aquele futebol e ambiente mágico que se vivia inspirado por aquela torcida alvinegra da baixada santista, que a essa altura já se espalhava e tomava conta do

gramado do Morumbi, e guardava com ele a certeza de que aquele futebol que o havia encantado tanto era o que lhe representava como amante desse esporte tão brasileiro.

E foi naquela fatídica tarde de domingo, que eufórico e admirado com aquele belíssimo espetáculo de futebol e torcida, saí pela primeira vez de um estádio de futebol como torcedor do Santos Futebol Clube.

## A primeira a gente nunca esquece

*André Justo dos Santos Schmid*

Como não se lembrar da primeira vez que foi ao estádio de futebol? Todos nós já tivemos uma primeira vez. Os que não tiveram, por favor o façam, é de arrepiar. Pouco importa quem está do outro do lado do campo com tanto que deste lado, o seu time do peito esteja defendendo as cores do clube. É claro que se for um clássico, os nervos vem a flor da pele, mas cantar e ter orgulho do seu time do peito, não tem preço.

Abril de 2007. Domingo de manhã. Final do Campeonato Paulista Série A2. Portuguesa de Desportos x Rio Preto. Estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte, o nosso querido Canindé, lotado de torcedores lusitanos apaixonados, que não enchiam o estádio fazia anos. A colônia portuguesa inteira às margens do Rio Tiête à espera de um título que não vinha há 34 anos. Estava lá eu, menino de 10 anos, não entendendo muito bem a multidão de pessoas vestidas de vermelho e verde cantando e pulando antes mesmo de adentrar ao estádio. Desde aquele momento, já fiquei arrepiado.

Estava acompanhado de meu avô, imigrante português, torcedor apaixonado pela Lusa e conselheiro do Clube, que me ensinava os primeiros passos de amar o futebol. Tive a oportunidade que todos os garotos da minha idade, torcedores da portuguesa, sonhavam em fazer, mas que poucos tem a chance: entrar em campo com os jogadores em uma final de campeonato. Ah! Que espetáculo! Atletas enfileirados de mãos dadas com as crianças, o estádio inteiro gritando, e a Leões da Fabulosa em nossas costas puxando o canto “Le, leleô, leleô, leleô, leleô, LUSA!”. Lembro que ao entrar no gramado, senti aquela grama fofo, o calor subindo e uma explosão de sentimentos tomava conta de mim. Que emoção! Foram cerca de 2 minutos mas que pareceram horas. Jogadores aplaudindo a torcida, hino nacional tocando... Hora da bola rolar.

Subi correndo para a arquibancada junto de meu avô para não perder nem se um segundo da segunda partida da final do Campeonato Paulista. A primeira, no estádio do Rio Preto, havia terminado em 1 x 1 . O empate no Canindé dava o tão sonhado título à Portuguesa.

Primeiro tempo. Jogo truncado, jogadores nervosos, muito erros de passe. Normal, agora era papel da torcida incentivar. A Lusa foi melhor no primeiro tempo, mas sem muitas chances claras de gol. O zero não saiu do placar. Resultado que dava o título aos lusitanos, mas a torcida queria gol.

Segundo tempo. Lusa voltou com tudo, torcida não parou. Não deu outra: 45 minutos de domínio. Final de partida. Portuguesa de Desportos 4 x 0 Rio Preto. Lusa campeã do Campeonato Paulista Série A2 de 2007. O famoso bordão “Orgulho de ser Lusa!” voltava naquele dia a fazer mais sentido.

Que dia! Minha primeira vez no estádio, numa final de campeonato, ingressos esgotados, entrando em campo com os jogadores e meu avô feliz como eu nunca havia visto antes. Uma memória que nunca vou perder.



## Rumo ao estrelato - mesmo que só por um dia

*André Martins Gonçalves*

Sabe aquele menino habilidoso, esportivo, com cacoete de jogador de futebol? Nunca fui. Nunca me destaquei, nem jogando contra os mais novos. Mas não chegava a ser um dos últimos escolhidos no “racho”, ficava ali, na meuca, mais pro final da fila. Normalmente era o quarto a completar o time, salvo exceções quando era o terceiro, mas quase sempre nessas ocasiões era devido ao baixo nível técnico dos outros garotos. E isso levando em conta que o selecionado era composto por apenas cinco jogadores. Não fui de jogar muita bola na rua também. Morava em uma avenida cujos meus vizinhos eram ou idosos ou a linha do trem. Sendo assim, minha atuação futebolística se restringia praticamente à quadra da minha escola, na cidade vizinha, onde a maioria dos meus amigos - se não todos - residia. Sem vizinhos ou amigos por perto, jogava esporadicamente e assim ficava difícil treinar minha habilidade - se é que posso chamá-la assim.

À medida que fui entrando na minha adolescência, comecei a me encantar e a me interessar profundamente pelo esporte que é a paixão nacional. Juntamente, comecei a jogar mais futebol - no meu caso, predominantemente em quadra. Firmei minha posição no “meio de campo” da escolha da pelada. Era um moleque mais alto do que a maioria dos meus colegas, e, por isso, somado à minha quase inexistente afinidade de controle e condução da bola, atuava na defesa. Mas este texto não é sobre o quão normal eu era. Não. É sobre o momento mágico em que um menino se sente como um verdadeiro craque.

O enredo se deu em meu oitavo ano escolar: 2011 era o ano em que Neymar se apresentava em cenário mundial com o título e o protagonismo na Libertadores. Ano também em que eu, mesmo que por um dia, me sentia igualmente importante. O script era o equivalente à Champions Cup no universo escolar: o Interclasses. Em minha escola, o campeonato seria de formato equivalente ao da competição europeia, em que as turmas do oitavo disputariam entre si e com as do nono ano. O time da minha sala era formado por quatro jogadores medianos, que não acrescentavam nem comprometiam, e um realmente “acima da média™”. Eu, logicamente, estava entre esses quatro. A estrela da sala se chamava Maurício, e todas as bolas do time, sem exceção, eram destinadas à ele. Sem exceção mesmo. Jogávamos no 1-3 e, se dispuséssemos nossa estratégia numa planilha tática, todas as setas apontariam para o solitário atacante. Ele, no entanto, resolvia.

Qualquer equipe de cobertura esportiva se sentiria desapontada, no mínimo, se assistissem o jogo do meu time. Narradores e comentaristas capacitados e acostumados a analisarem o padrão técnico, estratégico e tudo mais se sentiriam afrontados com o nosso estilo de jogo. Futebol arte? Zero. Time entrosado? Também não. Jogadas ensaiadas, ou ao menos elaboradas? Muito menos. Um verdadeiro rachão onde nosso objetivo era proteger ao máximo nossa meta e nos livrarmos da bola. Na frente, nas poucas bola que o Maurícia recebia, ele chamava a responsabilidade. Avançamos pela fase de grupos sem nenhum encanto nem glamour, conseguindo de “intrusão” uma segunda colocação. Seria até um desperdício fazer esta crônica se fosse para falar da campanha em si. O destaque

veio no mata-mata, na semifinal. Iríamos enfrentar a sala do nono ano C. O melhor time do Interclasses. Com os garotos que passariam facilmente por alunos do colegial. Era até engraçado comparar o time deles com o meu.

“Maior barbada esse jogo”. Era o pensamento de todos do Fundamental. Até nós pensávamos isso. Um dos meus colegas nem chegou a ir no dia do jogo já prevendo uma provável humilhação. Mas os Deuses do Futebol tinham reservado aquele dia em especial para assistir àquele jogo. Na maior retranca possível e imaginável, íamos segurando o jogo. O primeiro tempo acabou com o placar empatado, 1x1. Não preciso nem falar de quem tinha sido o gol né? De todos os tentos que tínhamos marcado, apenas um não tinha sido de nosso matador - e não, não tinha sido gol contra. Na segunda etapa, não conseguimos aguentar a superioridade do adversário e levamos 2 gols. Conseguimos um golzinho “chorado” que nem me lembro direito, mas parecia ter sido tarde demais. No que seria o antepenúltimo lance do jogo, Maurício conseguiu um escanteio no grito.

Entretanto, o próprio já se mostrava desacreditado na partida. Até tinha dado as costas para a cobrança e caminhava até o meio da quadra. Como já estava no final da partida, foi talvez o único momento em que subi para o ataque. Isso porque era em uma quadra, com menos de 15 metros de comprimento. Na arquibancada, qualquer coisa parecia ser mais interessante do que ver essa derradeira esperança de gol. Alguém do meu time cobrou o escanteio no maior estilo “chuveirinho”, totalmente sem pretensão nenhuma. Afinal, nem nosso centroavante estava na área. Para tirar de cabeça a bola, subiu o maior do time adversário. Mais de 1,80 com apenas 14 anos, fora consideráveis centímetros só de cabelo. Era uma réplica do penteado da Marge Simpson, só que na coloração loira. Eu estava atrás dele, já desiludido acerca de qualquer oportunidade. No momento em que ele pulou, eu inclinei a cabeça como quem não quer nada, só pelo movimento mesmo. Por estar com a cabeça abaixada, não vi direito o que se passou, só lembro de ter visto a bola passando pelo cabelo do adversário numa furada memorável e vindo na direção da minha testa. No momento que se sucedeu, eu tive a única reação possível: não fiz nada. Absolutamente nada. A bola bateu em qualquer lugar da minha cabeça e, sem força alguma, foi “caminhando” em direção ao gol. Algo bizarro mesmo. Nunca me esquecerei daquele momento. Vi, totalmente desacreditado, a bola entrar no gol, quase pondo por água abaixo a lei da Inércia. Me percebi correndo, juntamente com todo meu time e a torcida, comemorando o gol do empate que tinha gosto de decisivo. Parecia que tinha feito o gol da final da Copa do Mundo. Aquele lance definiu o jogo. Acabou com a moral e desestabilizou o time adversário. Nas cobranças de pênalti, nos consagramos vencedores, comigo convertendo uma das penalidades. Mas eu só conseguia recriar na minha mente aquele lance, estava totalmente ofuscado com meu feito, único na minha vida. O fato de avançarmos à final, e, posteriormente nos consagrarmos campeões, quase não teve importância para mim comparado àquele momento histórico.

O futebol marca a vida de grande parte do planeta. É fenômeno constante na rotina de milhões. É de inestimável importância e influência no cenário mundial. Gerações e gerações crescem nutrindo amores e sonhos com o esporte. O que o futebol propicia, só quem é apaixonado por ele, sabe. “É apenas um jogo” é uma das maiores ofensas aos

adeptos, que tem como máxima “Nunca será apenas futebol”. Este episódio me marcou profunda e intensamente. É um daqueles que só quem vivenciou pode sentir e explicar. O futebol tem disso: é capaz de gerar inúmeros sentimentos, alegrias e tristezas, amores e ódios. Mas são experiências únicas e que só esse esporte consegue propiciar. Inúmeras pessoas possuem o sonho de se tornarem jogadores de futebol. Muitas conseguem, mas a maioria não. Mas o sentimento de ser um, de ser uma estrela mundial, eu tive. E tenho certeza que grande parte dos amantes do futebol também tiveram. E estes, por mais “íntimos” que possam parecer, para quem vivenciou, são uma das maiores e melhores experiências. Uma verdadeira representação de um digno “Rumo ao estrelato”.

## Na chuva a FEA cresce - 60 segundos de handebol

*Arthur Flosi Alexandre Peão*

Em pleno verão do interior de São Paulo, a FEA fazia uma semifinal acirrada contra o time do Mackenzie, além da classificação para a final do economiadadas, o resultado da partida tornava impossível a chance de vitória no campeonato geral da atlética perdedora. Faltavam exatos 60 segundos para o término da partida, Mackenzie ganhava por um gol, o central FEAno consegue roubar a bola no campo de defesa e dispara no contra-ataque, com a ideia de parar o jogo e não sofrer o gol de empate que podia levar a partida para a prorrogação, um mackenzista faz uma falta perigosa e sofre uma punição de 2 minutos, mas a ideia de parar o jogo e não sofrer o gol de contra-ataque funcionou, o técnico da FEA corre para a mesa da arbitragem e pede um tempo técnico para instruir seus jogadores no possível último ataque do jogo, placar apontava 43 segundos para o final da partida, única frase dita pelo treinador foi “Estamos em superioridade numérica, mexam a bola até a melhor oportunidade surgir.” Os atletas voltam para a quadra com ansiedade, sabendo o que tinham que fazer, passar a bola o máximo de tempo possível e encontrar a melhor oportunidade para arremessar.

Juiz apita e o jogo reinicia, os jogadores engajam e passam a bola, quando todos menos esperavam a defesa do Mackenzie abre um espaço para o jogador mais velho da equipe FEAna, ainda faltavam 30 segundos para acabar a partida e o central da FEA tinha consciência que o time adversário poderia fazer mais um ataque e até virar o jogo caso o arremesso fosse feito naquele momento, mas um oportunidade tão clara de gol não podia ser desperdiçada, ele volta a bola para o seu jogador mais velho que consegue um arremesso de 6 metros, livre, sem contato e com um ângulo bom de chute, mas aí que surge uma heroína improvável, a trave, a bola explode na trave e sai pela linha de fundo, a torcida do Mackenzie vai ao delírio, parece que a cor vermelha toma conta do ginásio.

O goleiro do Mackenzie repõe a bola rápido em jogo, porém seu técnico pede calma, já que possuía um jogador a menos e quer que seus jogadores apenas mantenham a posse de bola até o fim da partida, o cronômetro passa enquanto a equipe do Mackenzie mexe a bola de um lado para o outro sem intenção alguma de arremessar para o gol, o time da FEA sobe a marcação para o individual já que tinha superioridade numérica e tenta forçar um erro do ataque, faltando 10 segundos para acabar o jogo o goleiro do Mackenzie sai da área para receber a bola e segurar até o apito final, porém faltando 7 segundos, num ato de inocência, ele arremessa a bola pra cima, comemorando a vitória antes da hora, com uma sorte surpreendente a bola cai na mão do central FEAno que já não possuía esperança, ele apenas segura a bola, olha para o placar, o tempo passando, 6 segundos, 5 segundos, olha para o goleiro adversário que está fora da área, parado, incrédulo no que tinha feito, não pensando duas vezes ele arremessa a bola direto pro gol, ela pinga duas vezes, 3 segundos, 2 segundos, ele apenas espera o apito do juiz, 2 segundos, 1 segundo, GOL!

A torcida FEAna vai a loucura, ginásio lotado, mais de 4 mil pessoas assistindo o

que parecia um mero jogo de handebol universitário, metade calada, com a mão na cabeça, frustrada pelo que acabou de ver, a outra pulando de felicidade, gritando como se tivessem sido campeões, porém a partida não tinha terminado, faltava a prorrogação, mas o choque foi tão grande que a equipe vermelha voltou abatida, sem dar chance para o adversário a FEA vence na prorrogação, um dos jogos mais emocionantes que já joguei. No final da partida, com a torcida indo a loucura, jogadores e comissão se abraçando no meio da quadra, apenas o central observa toda a festa com um olhar de dever cumprido, caminho para fora da quadra sozinho, deixando a festa de meus companheiros e torcida para trás, saio do ginásio, não tem ninguém do lado de fora, olho para cima e sinto a primeira gota de chuva cair em meu rosto e lembro de um ditado que ouvi anos antes quando entrei na faculdade, na chuva a FEA cresce!!!

## Como a Lusa me ajudou a sofrer

Caio Mendonca Gorgulho

A Portuguesa vive um momento difícil. Rebaixada às últimas divisões, tanto no cenário estadual quanto no brasileiro, também vive uma grave crise financeira. No entanto, a Lusa sempre teve espaço no coração de todo paulistano. Junto do Juventus da Rua Javari, ambos podem ser considerados como o 2º time de todos que torcem pelos quatro grandes do estado de SP, Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo. Apesar disso, se voltarmos um pouco no tempo, vamos encontrar grandes jogadores e times formados pela Lusa. Jogadores como Zé Roberto, Rodrigo Fabri, Capitão e César fizeram parte do time que foi vice-campeão do Campeonato Brasileiro de 1996.

Apesar de não ser torcedor da Portuguesa, ela tem uma importância muito grande na minha relação com o futebol. Ela me salvou de muitos sofrimentos para, no fim, me levar a outros tantos. Explico.

Em 1995, no auge dos meus 5 anos, possuía apenas uma certeza: era corintiano. Essa certeza advinha de um simples fato: meu pai é corintiano, portanto eu também deveria ser. Mas não entendia muito bem o que era esse conceito de ser torcedor do Corinthians. Para consolidar esse fato, meu pai decidiu que precisava me levar no estádio para ver o Corinthians ao vivo e finalmente compreender o que significava torcer para o time.

O jogo escolhido foi Portuguesa e Corinthians, no Canindé, por algumas razões. Meu pai não queria ir num jogo muito grande, já que eu tinha apenas 5 anos na época. Como meu padrinho torce pela Lusa, ficou decretado: Um jogo tranquilo, numa quarta-feira à noite, seria meu primeiro jogo *in loco*.

Eu não tenho muitas lembranças do jogo em si. Apenas de alguns fatos que me marcaram. O primeiro foi o placar do jogo: Portuguesa 3 x 0 Corinthians. O segundo foi que, no final do jogo, o zagueiro André Santos, do Corinthians, famoso por não aliviar nos carrinhos, deu uma entrada criminosa no meio de campo e acabou sendo expulso.

Sai do estádio com os olhos marejados de lágrimas. Minha única certeza no mundo acabara de sofrer um grande abalo. Como o time que eu torcia poderia sofrer uma derrota tão humilhante? Esse resultado trouxe um nível de experiência nunca antes visto para um garoto de 5 anos. Queria que algum repórter de campo estivesse ali para registrar minhas palavras:

- Pai, não vou torcer para esse time não....

Meu pai achou graça, mas não se importou muito. No almoço de família, no domingo seguinte, ele mesmo contou a história. Ele vem de uma família grande, com 13 irmãos e diversos sobrinhos/netos e a família basicamente era dividida em duas. A velha guarda dos tios, por terem assistido a época do Pelé e dos grandes times do Santos, era

praticamente toda santista. A jovem guarda dos primos, animada pelos títulos da década de 90, era praticamente toda são -paulina. Acabei sendo influenciado e seguindo os primos. Virei são-paulino.

No fim, a Lusa acabou me dando uma escolha, a de trocar um sofrimento por outro. Todas as vitórias que comemorei do Tricolor e todas as tristezas que tive com o time acabaram se balanceando com o rumo que o Corinthians tomou. Assim como meu pai deve se sentir em relação às vitórias e derrotas do Timão. Apesar de ter feito a minha escolha, no fim, acabamos como naquele trecho da música da Elis Regina: “Que apesar de termos/feito tudo que fizemos/ainda somos os mesmos/e vivemos como nossos pais”. Eu sofro como ele, apenas escolhi sofrer diferente.

## **Eu me lembro como se fosse ontem**

*Carlos Eduardo Laurelli das Neves*

Futebol. São Paulo e São Caetano. Campeonato Paulista. Eu me lembro como se fosse ontem ... Minha primeira vez em um estádio de futebol foi, no mínimo, emocionante. Meu pai, fanático pelo São Paulo Futebol Clube, era temeroso em me levar ao estádio, ainda mais com pouca idade que tinha na época - Mal sabia ele o que estava me privando. Minha primeira vez em um estádio de futebol foi em um jogo de domingo à tarde, campeonato paulista, jogo simples contra o São Caetano Futebol Clube, time tradicional do ABC paulista. Simples? Para qualquer um seria, mas para um novo torcedor ... Não. Uma copa do mundo se passava aos meus olhos.

Domingo pela manhã meu pai, Antonio Pedro, decidiu me levar ao jogo do São Paulo no Cícero Pompeu de Toledo, o famoso e histórico Morumbi, estádio esse onde já passaram Zetti, Gilmar, Waldir Peres, Poy e King. Meu avô, também chamado Antonio Pedro, estava nos acompanhando ao jogo e este dizia o quão monumental eram os jogos antigamente, as torcidas gigantes, o estádio com mais de 100 mil pessoas acompanhando os clássicos. Este era apenas um simples jogo. Simples, mas era o meu primeiro. Talvez o mais importante de minha curta história como torcedor.

Adentrando ao monumental estádio, os olhos não sabiam por onde percorrer. Eram tantas novas informações, informações gigantes, cheias de emoção. Aquela multidão entrando pelo portão 5 do estádio parecia um mar de camisetas brancas e tricolores. O primeiro contato com o campo foi simplesmente magistral. Aquela imensidão de grama era tão distante que parecia que estava vendo um filme. O dia claro, limpo, favoreceu ainda mais a sensação que se passava pela minha cabeça, ainda mais que até o dado momento o maior “campo” que eu já vira era a quadrinha de futsal que eu jogava bola em meu prédio.

Os times entram em campo, o hino nacional toca, e ao meu lado está a torcida organizada que não parava de cantar e tocar músicas do time. Meus olhos brilhavam, sentia a arquibancada pular, então o mínimo que poderia fazer era pular junto. O juiz dá o apito inicial ao jogo, e a partir deste momento comecei a viver os sentimentos que jamais tinha vivido: os sentimentos de torcedor. Aflição, angústia, euforia, agitação; um turbilhão de sentimentos juntos viriam ao meu encontro. A bola ia de um lado a outro, buscando sempre o seu destino final ... o tão esperado gol.

O final de um dia como este só poderia ser inesquecível. E o que poderia ser o ápice de uma partida de futebol? Gol. Luis Fabiano, o grande autor de um primeiro sorriso de um novo apaixonado por futebol. Alegria, felicidade, euforia, emoção ... São tantas palavras que eu, mesmo agora depois de anos passados, ainda não sei descrever o que vivi e o que vivo. Só tenho a certeza de uma coisa: eu me lembro como se fosse ontem.



## O dia do bicampeonato

*Catarina Saccomandi*

Amar o futebol foi uma tarefa difícil pro meu pai me ensinar, quando comecei a entender e me interessar meu time passava por uma fase complicada. Em 2010 o estádio que eu tinha como referência de casa foi fechado para reformas, 2012 veio o rebaixamento, 2013 segunda divisão e a crise se estendeu até 2014 quando escapamos da degola na última rodada.

Apesar das dificuldades, ele nunca desistiu de mim, e eu nunca desisti do Palmeiras. Choramos juntos e assistimos jogos de terça e sábado, vi meu time perder para quase todos os rivais no Pacaembu, e nem na estréia da tão esperada arena nós escapamos. Eu continuava acreditando porque sabia que um dia a fase ruim ia acabar.

2016 era o ano, tinha tudo para ser o ano, mas só no futebol. A fase ruim acabou nos gramados mas acabou invadindo minha vida. Larguei a faculdade pra voltar pro cursinho, enquanto meu time subia na tabela eu sentia minha vida regredindo.

36 rodadas se passaram ao longo de 7 meses de estudos quando finalmente chegou o dia. Mas qual dia? 29 de novembro. O jogo do tão sonhado título e a primeira fase da Fuvest. No mesmo dia. Comprei meu ingresso para o jogo e decidi que assim que saísse do vestibular daria um jeito de chegar ao estádio.

Cheguei na prova vestida com o manto alviverde, que foi escolhido como amuleto pra me acompanhar nas 90 questões que me esperavam. Sabia que o jogo já havia começado e o nervosismo dobrou. Estava resolvendo minha pior matéria, física, quando ouço fogos, gritos, era gol. O título estava cada vez mais perto e eu precisava me concentrar para também conseguir a vitória fora do campo. Afinal, a prova estava muito mais difícil do que o duelo contra a Chapecoense.

Sai da prova e liguei para o meu pai que estava no estádio, o jogo estava no intervalo e ele me disse que eu precisava chegar em 15 minutos senão os portões seriam fechados. A adrenalina foi tanta que começou a escorrer pelos olhos, além de achar que tinha ido mal na prova a chance de cruzar a cidade e chegar na barra funda nesse tempo era mínima. Mas não tinha esperado a minha vida toda pra desistir aos 45 do segundo tempo.

Peguei um táxi e só consegui avisar o motorista que precisava ir ao Allianz Parque. O trânsito estava fluindo e minha esperança aumentando. O rádio passando o jogo e eu me sentia cada vez mais perto de ser campeã. Estávamos a 800 metros do destino e 2 minutos do horário quando o carro parou. Olho pra frente e vejo tudo parado, a rua estava fechada. Paguei o taxista e disse que desceria ali mesmo.

Corri a Francisco Matarazzo como se minha vida dependesse daquilo, cheguei na frente do segurança e ele não sabia o que fazer ao olhar meu estado, ofegante e ainda com vestígios do choro ele tentou me acalmar, conseguiu assim que me disse que eu iria poder entrar.

20 anos. Foi a idade que eu entrei na famosa crise existencial e resolvi largar uma graduação pra prestar outra. Foi também o tempo que eu esperei para ver meu time campeão brasileiro. Mal sabia que os dois aconteceriam no mesmo dia.

## Três anos e um mês

*Celso Lasarin*

O olhar desolado de Messi para a taça da Copa do Mundo no Maracanã depois da Argentina ser derrotada pela Alemanha correu o mundo e marcou o fim do torneio em solo brasileiro. Se o olhar de Messi foi de tristeza o do brasileiro estava a sete palmos do chão. Foram sete gols da Alemanha que enterraram a seleção do Felipão. Confesso que mesmo sem Neymar e Thiago Silva, a esperança ainda vibrava. Mas o 7x1 foi a pior derrota em toda história da seleção brasileira. Morremos na praia tão longe do mar. O sonho do hexa acabou. Entre choro, orgulho ferido, raiva e tantos outros sentimentos, a Alemanha mostrou que a seleção canarinho e o futebol brasileiro estavam agonizando na UTI. E a seleção que ganhou Dunga como técnico, continuou respirando com ajuda de aparelhos até 14 de junho de 2016. Dunga é demitido e Tite assume.

Abril 2017 Fifa divulga ranking, e seleção brasileira volta à liderança após sete anos.

Mas as imagens de 2014 ainda estão vivas? O torcedor esqueceu? Aprendemos a lição?

Que venha a Rússia, Alemanha, Argentina. O Brasil tem dois desafios em 2018 a Copa e a limpeza política.

## Um jogo fora da quadra

*Daniel Imura*

Enquanto meus amigos jogavam futebol, pelo time da escola, eu saía mais cedo para não perder os treinos de tênis no meu clube. Era estranho para mim porque todos falavam apenas de futebol e eu ali batendo bola no paredão. Comecei no tênis jovem e acabei me apaixonando pelo esporte. Jogava tranquilo e calmo o que me ajudava a controlar sempre o jogo. É um jogo individual e o adversário, nesse esporte, é você mesmo e se o jogador não tiver uma cabeça boa, esqueça. Depois de muitos treinos acabei entrando em competições mas foi da primeira que participei que me lembro sempre. O primeiro torneio de tênis que joguei não foi um Grand Slam e, mesmo assim, não entrei como favorito ao título, muito pelo contrário, meu treinador me colocou para ganhar experiência e, como não encontrava uma categoria certa para mim, me colocou em uma mais fácil e na mais difícil para o meu nível de jogo. Era um torneio por classes, então jogavam pessoas do mesmo nível e diferentes idades. Logo no primeiro jogo, aquele frio na barriga e a vontade de sair dali, porém, assim que dei o primeiro saque, fiz o primeiro ponto, gritei que a bola do outro foi fora e gritei “game” depois de quebrar o saque adversário, tudo voltou ao normal. Realmente, tudo estava indo melhor do que o esperado mas foi durante o segundo jogo que tudo mudou, porque enfrentei o favorito da categoria.

Um garoto um pouco mais velho que eu e que jogava há mais tempo também. Comecei perdendo o primeiro set e lembro até hoje de como estava sem esperanças mas, durante uma das viradas de quadra, meu pai apareceu e disse que era para eu ter calma, que eu já estava fazendo uma partida boa e para colocar a bola na quadra. De repente, o que era para dar errado estava dando certo e comecei a jogar o meu jogo. Troca de bolas e controle. Um jogo chato de ver mas para quem gosta de jogar, perfeito. Consegui não só virar o jogo mas como ganhar, e segui em rumo à semifinal. As duas partidas finais não foram emocionantes como esta mas com certeza foram reflexo da persistência deste segundo jogo do campeonato. Fui campeão passando sem problemas na semi final e final mas não penso que tive sorte ou que foi porque eu joguei demais aquele ano. Penso da seguinte forma, é um jogo de controle, um jogo mental e, para participar dele, é preciso saber que só perde aquele que não tiver a si mesmo como um aliado. Acredito que ganhei não só porque confiei em mim mesmo mas porque existiam pessoas torcendo por mim. Não ganhei pelo saque, pelo forehand, pelos slices ou pelo spin. Ganhei porque me mantive em pé, de cabeça erguida e jogando ponto atrás de ponto. E, ainda, quando precisei, tive pessoas que me lembraram quem eu era quando talvez eu mesmo tivesse me esquecido. No fim isso que foi curioso porque no futebol a torcida é um dos fatores decisivos para a vitória de um time e, mesmo no silêncio exigido do tênis, foram as pessoas e tudo que está de fora que me ajudaram a ganhar o jogo aquele dia, da mesma forma.

## O estádio é uma casa e vice-versa

*Davi M. Gemio*

Tentando recapitular momentos pessoalmente marcantes da minha passagem pelo mundo notei que muitos giravam em volta da bola, e que neles a bola girava. Uma de minhas mais antigas memórias futebolísticas, ou de qualquer coisa na verdade, é minha estreia como jogador profissional do São Paulo Futebol Clube, contra o Corinthians, em pleno Cícero Pompeu de Toledo.

Pode soar estranho para o leitor um garoto dentre quatro e cinco anos, menor que a camisa que o vestia, encoberto pela sombra da bola, integrar a maior equipe de futebol do mundo e caminhar sob o mesmo gramado que alguns grandes nomes e outros não tão grandes, nem já haviam caminhado. De fato. Curiosamente, naquele dia apenas eu representava o Tricolor e Seu Horácio sozinho o Timão.

Domingo, o Morumbi estava carregado de uma beleza peculiar, mas sem perder o mesmo sentimento de lar de sempre. Casa lotada. Do tapete quase que infinito que era o campo conseguia enxergar minhas razões de jogar bola na vida: na arquibancada do setor cor-de-azulejo-velho minha mãe, no camarote, sentadas na mesa minha vó e minha irmã, e na churrasqueira meu pai. Na minha época as “metas” não eram feitas de metal, como a tecnologia avançada de hoje permite, eram marcadas pelo espaço entre duas árvores razoavelmente distantes uma da outra, e nada de travessão. A marcação das linhas no entanto, seguia o padrão definido pelo mais alto escalão do futebol internacional atual: a área tinha o tamanho de uns quatro passos adultos ou sete de criança e o meio do campo era a linha traçada mentalmente que marcava o arbusto do muro de trás. E das escadas da varanda desciam os esquadrões para a arena.

O professor havia me escalado na posição de atacante-goleiro, permitindo alta mobilidade em campo e fluidez na saída de bola. O adversário havia espelhado nossa formação, escolha tática imaginei. Os capitães reuniram-se no centro do gramado, mas para uma breve troca de olhares e sorrisos apenas, pois era preceito que o time da casa começaria jogando, sem espaço para discussão, caso contrário não havia jogo. O juiz não estava presente, mas decidimos começar sem ele, afinal era quase hora do almoço e o início do embate estava marcado para uma hora depois do café da manhã.

Pois bem, sem cerimônia nem apito rolava a bola pelos pés do xodó da torcida, que tentava pegar o corinthiano de surpresa. Não precisei, deslizava pela marcação como queria, parecia estagnada. “Lindo drible, passou de mais um, inacreditável!”, o radialista extático esgotava-se de palavras para descrever o verdadeiro show que o campo estava tendo o prazer de sediar. Passei do primeiro, do segundo, do terceiro e caí. Pênalti? Pênalti! O zagueiro adversário, numa tentativa desleixada de parar o avanço, coloca seu pé em minha trajetória, cometendo a infração e me levando ao chão, impedindo um gol possivelmente antológico. Levanto-me. Pego a bola e a levo à marca do pênalti. Olho para

cima e não consigo enxergar o fundo do gol, o gigante cobre-o por inteiro. O goleiro já tinha o dobro da minha altura e o triplo da minha largura, mas a circunstância multiplicou suas proporções, ou dividiu as minhas. Tomo um, dois, três passos para trás e respiro fundo. Corro em direção à bola e chuto, observando a pelota afundar no ângulo esquerdo. O guarda-redes, inerte como uma estátua, só me observa correr pelo campo. Beijo o escudo, pulo no ar e dou cambalhota.

Eis que o juiz aparece e apita, assim se encerra o jogo. Os atletas se reúnem no centro não para trocar camisas, mas abraços e beijos. O corinthiano me leva no colo e me põe na mesa onde já estava tudo servido. Ele dá um beijo em minha vó e também se senta. A alegria da vitória se mistura com a alegria da ocasião. E eu acho que o Corinthians não se importava tanto com os três pontos também.

## Debaixo de chuva

*Débora Mangold Campos*

Como todos sabem, o Brasil é conhecido mundialmente pelo seu futebol, a grande paixão nacional. Não estou dizendo que todos os brasileiros jogam ou até mesmo gostam desse esporte, mas pelo menos todos conhecem, seja por bem ou por mal.

Então a minha infância, como a de qualquer brasileiro, foi marcada de algum jeito pelo futebol, e, no meu caso, meus pais sempre gostaram desse esporte, desde que jogavam quando crianças até hoje, que acompanham os jogos e campeonatos pela TV, sendo torcedores do Palmeiras. Crescer em uma família em que a todo momento está ligada a televisão em algum canal de esporte me influenciou a pelo menos gostar de assistir uns jogos, apesar de ser uma perdição na hora de praticá-los.

Além de acompanhar os jogos pela TV, eventualmente meus pais me levam para assistir uma partida em algum estádio perto de casa, mas sempre os jogos menos importantes, com times sem grande rivalidade, por serem mais tranquilos. E é justamente um desses jogos calmos do campeonato brasileiro que vou descrever agora para você, leitor; um jogo que ficou na minha memória apesar de não ter tido um futebol muito memorável.

O jogo era Palmeiras e América Mineiro pelo Campeonato Brasileiro no estádio do Canindé em 2011 e, pelo que me lembro, a qualidade do futebol não foi das melhores, apesar de terem saído dois gols, resultando em um placar de 1x1. mas mesmo se tivesse sido um grande jogo provavelmente não teria prestado muita atenção, pois estava mais interessada nas comidas que eram vendidas naquele estádio do que em qualquer atividade no campo.

Naquele dia estávamos eu, minha irmã mais nova Julia, meus pais, uma família amiga nossa, que havia levado a filha deles Beatriz, que é minha amiga e ainda a minha madrinha. Como já era de se esperar, nenhuma das três garotas estava muito ligada no jogo, uma vez que, como já disse antes, estávamos com fome e o jogo parecia monótono.

Nós ficamos conversando e rindo mais do que assistindo o jogo em si, tanto que quando o Palmeiras tomou o gol de empate a Bia comemorou achando que tinha sido gol do Palmeiras, o que não agradou muito a torcida atrás de nós. Além disso, como em todo jogo que já fui, não consegui ver todos os gols, pois toda vez que eu desvio minha atenção por um segundo perco o gol e fico esperando que nem tonta um replay que nunca virá.

Nos minutos finais do jogo, meus pais perceberam que estavam começando a se formar nuvens cinza no céu e o tempo se fechando, com cara de que ia cair uma tempestade. Dito e feito, logo após o término da partida começou a garoar, mas uma garoa que anunciava a chegada de uma tempestade.

A torcida inteira começou então a sair rápido do estádio, tentando ganhar da chuva, mas essa foi mais veloz. Mal nós saímos de lá e a chuva começou a apertar, agora caindo raios e trovões cada vez mais perto.

Com o início dessa tempestade elétrica os adultos nos falaram que iríamos correndo, literalmente, correndo para o shopping mais próximo para se proteger, e, aparentemente essa ideia era muito boa porque praticamente todos os torcedores do Palmeiras estavam correndo juntos debaixo da chuva até o shopping.

Eu, como morria – e ainda morro – de medo de raios saí correndo para dentro do shopping logo que chegamos perto, o que não me permitiu ver duas situações engraçadas que ocorreram, mas que me contaram depois: para conseguir entrar no shopping era necessário pular um murinho de plantas, mas como ele era baixinho, não era tão difícil. Contudo, isso não impediu a amiga da minha mãe de pular errado, cair de bunda na lama, ter um acesso de riso, ficar caída debaixo de chuva atrapalhando o caminho por alguns minutos até meus pais conseguirem levá-la. A segunda situação foi a que tanto meu pai quanto a mãe da minha amiga pisaram em uma placa de metal no chão que estranhamente estava eletrificada e fez os dois levarem um choque, pequeno, porém, memorável.

Ao entrar no shopping achei que era o final da aventura, mas ainda faltavam alguns percalços pelo caminho: primeiramente, a entrada inesperada de centenas de torcedores ensopados em um shopping não muito grande deve ter assustado a maioria das pessoas, pois aquilo realmente parecia um arrastão.

Segundo, como estávamos molhados e com frio, tivemos que comprar blusas e calças em uma loja qualquer, assim como o resto dos palmeirenses, o que deixou a loja lotada e encharcada. E, para completar, logo após comprarmos as roupas acabou a luz do shopping, acabando também com nossos planos de lá jantar já que a maioria dos restaurantes tinha fechado com a falta de energia e o próprio exaustor da praça de alimentação não estava funcionando, o que deixava o shopping inteiro com cheiro de fritura.

Para sair do shopping tivemos então que esperar a chuva abrandar um pouco para irmos para o carro e depois ir para um restaurante. No final da aventura jantamos em um restaurante perto da minha casa, ainda molhados, mas felizes, apesar de tudo que tinha dado errado, pois sabíamos que essa seria uma história que iria ficar na nossa memória, além de ser muito engraçada de se contar.



## Um ano especial

*Edison Junior*

Era 2006, e eu tinha nove anos na época. Não me recordo de acontecimentos importantes nesse ano, não lembro de como foi o natal, meu aniversário, minhas férias... Minha memória sempre foi muito falha. Porém, 2006 foi um ano especial, pois ele é um daqueles anos múltiplo de quatro em que ocorre o maior evento esportivo do planeta, a Copa do Mundo.

São lembranças vivas para mim, pequenos detalhes daquela copa, como aquele uniforme da seleção brasileira, o shorts azul, a camiseta amarela com aquela gola verde. Eu era uma criança apaixonada pelo futebol, mais do que isso, eu amava o clima da Copa do Mundo, a ansiedade pelos jogos, a expectativa de todos pelos resultados, a celebração a união o patriotismo que brotavam de todos os cantos. Era mágico para mim, era tudo novo, pois a copa de 2002 não havia me despertado esses sentimentos devido a minha idade.

Durante esse período dos jogos eu tinha aulas no colégio, ficava angustiado de ter que ir para a escola enquanto estavam acontecendo os jogos, porém ainda assim era diferente ir a escola nessa época. Tudo era Brasil, os alunos, apesar de serem obrigados a usar uniforme, davam seu jeitinho de expressar o amor pela seleção e colocavam por baixo do uniforme uma camiseta da seleção, era a nova moda no meu colégio. Todos só sabiam falar de futebol, eu na época não entendia muito do assunto, eu assistia alguns jogos mas não tinha conhecimento algum além saber que o Ronaldinho, meu ídolo, era o melhor do mundo. Se por um lado era divertido esse clima comemorativo na escola, não existe felicidade maior para uma criança do que a hora de sair da escola, e para a minha surpresa, num dia que antecedia um jogo do Brasil, que ocorreria de manhã devido ao fuso-horário da Alemanha, a professora anunciou: “amanhã não vai haver aula, assim todos nós vamos poder torcer pelo Brasil”. Acho que se houve uma ocasião em que fui patriota, foi essa.

Chegou o dia do aguardado jogo do Brasil, era cedo ainda, e eu e minha mãe fomos ao supermercado comprar comidas “de jogo”. Pipoca, salgadinhos, refrigerantes, balas, doces. Tudo que poderiam fazer um dia sem aula ser melhor ainda, minha alegria era tão grande que nem podia me conter, corria para todos os lados, falava sobre o jogo. Para falar a verdade não me lembro de nada da partida em si, nem dos gols, nem que adversário foi e sequer se ganhou ou perdeu. Mas me lembro da expectativa de todos, do nervosismo do meu pai e do meu avô, da alegria da minha mãe, dos comentários espontâneos da minha avó, a família inteira estava reunida em frente a televisão. E enquanto todos estavam assistindo o jogo, me lembro do silêncio absoluto das ruas, nenhum carro circulando, ninguém andando, nenhum barulho. Barulho aliás, que não tardava nas comemorações pós jogos, era uma multidão de carros buzinando e centenas de fogos de artifícios sendo lançados ao céu, era uma festa linda de se ver, todos alegres comemorando por algo que

tinham em comum, o amor pelo Brasil.

Bom, não vou relatar aqui o triste episódio da eliminação brasileira nas quartas, pela França. Ai, aquele gol de cabeça do Henry, disso eu lembro, mas vamos deixar para uma próxima crônica.

Bom, a Copa passou então e tudo foi voltando ao normal, a dor da eliminação foi sendo esquecida por todos, nem esperavam pelo 7x1 que viria, e tudo voltou a ser como sempre foi. Mas essa Copa tinha me marcado, tinha me deixado lembranças que eu jamais esqueceria, me deu momentos de alegria, de celebração, de tristeza, mas o mais importante de tudo, me mostrou o quão bonito podia ser um país unido por uma causa. Aqueles “simples” jogos uniu famílias em frente a televisão, fazia as pessoas se unirem e celebrarem juntas. Sim, com certeza foi isso o que esse ano de 2006 me deixou como lembrança.

## Lembranças de uma copa do mundo

*Fernanda Callejas*

Acredito que todo mundo já acompanhou uma Copa do Mundo, principalmente aqui no Brasil onde esse evento tem grande importância, as pessoas normalmente são liberadas do trabalho e da escola nos horários de jogos e se reúnem com amigos e família para assisti-los. É um evento que contagia, tem uma energia diferente, cada copa é única e mesmo que às vezes os resultados não nos agradem tanto, a festa é sempre linda.

Uma lembrança muito forte para mim é a copa de 2010, realizada na África do Sul, eu tinha 13 anos e para mim é o evento que marca a minha entrada nesse mundo dos apaixonados por futebol. Primeiro fui convencida por umas amigas a comprar o álbum de figurinhas, por conta dos jogadores bonitos e também para poder trocar na escola, onde todo mundo já tinha o seu, a partir daí comecei a pesquisar sobre o evento, ver os programas que falavam sobre ele e cada vez mais fui me apaixonando.

Então começou oficialmente a Copa, as partidas eram emocionantes, times de diversas partes do mundo, com línguas e culturas tão diferentes, e todos ali com o mesmo objetivo de conquistar o campeonato e se divertir, afinal a copa nada mais é que uma grande comemoração do futebol arte. Os dias foram passando e eu assistia a todas as partidas que podia, fui buscar entender melhor as regras do jogo, conhecer os jogadores e até a bola, que naquele ano era a famosa Jabulani, que causava controvérsias se era adequada ou não à situação, e cada vez mais eu me via envolvida nesse mundo do futebol, discutindo sobre os resultados e torcendo, sempre para o Brasil e para o Chile, pois também sou um pedacinho chilena.

Nas oitavas de final, o Chile foi eliminado pelo Brasil, aquele jogo que assisti com o coração dividido, e pior, na fase seguinte o Brasil foi eliminado pela Holanda, gerando aquela decepção em todos nós, a copa para os brasileiros havia acabado. Ao mesmo tempo, eu estava tão envolvida com o evento que segui acompanhando todos os jogos e tinha minha aposta na Espanha, que foi a grande vencedora, num jogo tenso contra a seleção holandesa, que se resolveu apenas na prorrogação.

E chegou ao fim essa Copa do Mundo, tão bonita e tão importante para minha vida, eu que sempre me vi muito distante dos esportes por não ter muita habilidade com a bola, me descobri torcedora nesse mundo futebolístico, o qual hoje gosto muito de acompanhar, principalmente campeonatos importantes e internacionais como Copa América, das Confederações, a Champions League e muitos outros. Podem haver mil outros campeonatos, mas na minha memória e no meu coração a Copa do Mundo de 2010 sempre será uma lembrança especial.

## Em que ponto faltou a minha sorte?

*Felipe Moraes*

Era meados de 2003, e nessa época eu namorava uma moça chamada Soraya. Moça inteligente, da mesma estatura que a minha, olhos verdes e cabelos cacheados, gostava de programas caseiros e às vezes brincávamos de futebol no prédio dela, fazíamos todo tipo de atividade juntos. Mas havia uma atividade que infelizmente não dava certo entre nós: Assistir futebol.

Ela era torcedora (ainda deve ser não sei) do São Paulo e eu, Corinthiano, e graças às várias contendas por causa do jogo, decidi que era hora de vermos um esporte em pudéssemos torcer juntos, pois assim gostava do meu relacionamento, com interesses mútuos. E eis que em nosso destino, fortuitamente graças à meu pai, conseguimos um par de ingressos para ver a seleção feminina de vôlei jogar no Ibirapuera (muito próximo à casa dela, visto que ela morava no Paraíso).

A empreitada acabou não dando muito certo, pois nossa seleção perdeu (não lembro se era amistoso ou algo valendo) de 3 sets a 1 para a seleção japonesa e ainda sim, não liguei muito.

Um ano mais tarde, em meados de dezembro, estava saindo com uma moça chamada Rafaela, esguia e de olhos castanhos cores de mel, pisciana (sim..ela falava tanto de signos, que confesso que essa informação acabou fixando em minha cabeça) e que por coincidência gostava de vôlei também.

Acredito eu que foi antes das olimpíadas, mas a equipe que lá estava, era uma equipe misturada de reservas da equipe principal com juniores e lembro bem disso pois havia um repórter comentando na entrada do ginásio. Jogamos contra uma equipe que eram as melhores da superliga (eu acho)... 3 sets a 2 para a equipe adversária. Ha! Dei um risinho, e ao ser questionado pela moça do porquê, eu disse que era curioso ter levado duas namoradas à um jogo de vôlei e duas derrotas da equipe que eu estava torcendo, e ela do jeito supersticiosa disse que dava azar trazer namorada pra ver.

Fiquei com isso na cabeça e decidi que a próxima eu iria tentar pela última vez e em 2006, no começo do ano, a seleção masculina de vôlei jogou um amistoso contra a Holanda. Namorei na época uma moça chamada Elcilene (carinhosamente chamada de Lene) que pra minha sorte (ou não) gostava muito de esportes e - OLHA LÁ - inclusive vôlei, e sem cerimônias a levei para o jogo da nossa geração diamante, de uma das maiores equipes de esporte coletivo já visto, quase um “dream team” do vôlei faltando apenas o Karch Kiraly em minha opinião, contra uma equipe que não figurava nem entre as 20 melhores do cenário do voleibol mundial.... Outro 3 a 2 com direito à vaiais.

Conta a lenda que essa seleção ficou sem perder de Atenas de 2004 até o Pan de 2007, mas houve sim essa derrota em amistoso e eu estava lá.

No mesmo ano comecei a namorar a Thayane, hoje minha atual ex-noiva, e que

não só me acompanhava em tudo, como jogava todo esporte possível comigo e assistia todo esporte possível também. Vivemos através de olhos de telespectador muitas vitórias e derrotas (creio eu, mais vitórias), ouros em olimpíadas no vôlei, mas até meados de 2013 ela nunca havia ido comigo até uma quadra de vôlei para ver um jogo “in loco”. E no meio do ano, fomos ver o Brasil em fase de renovação de sua geração envelhecida, enfrentar uma emergente França.

Claro que lembrei dos momentos azarados que tive com outras pessoas, mas pela Thayane estar há mais tempo comigo e ter sido até o momento o maior amor que tive, não liguei muito pra esse papo de sorte ou azar e a levei.

Foi maravilhoso como nos revigoramos após a derrota no primeiro set vencendo o segundo de uma forma massacrante, mas como parece que não sirvo para levar namoradas às quadras, perdemos de 3 a 1, com direito à show de um dos (ainda) astros do voleibol mundial, o tal do Ngapeth.

Fiquei lembrando isso porque talvez seja uma lacuna que gostaria de preencher, mesmo que tenham havido beijos, abraços, pipocas, bebidas, torcida, vibração, sorrisos e todas as benéficas que momentos como esse trazem, tive a sorte de ter tido esses momentos, mas sei que no fundo faltou a vitória.

Para Soraya, Rafaela, Thayane e a Elcilene não faltou nada, pois à época, minha companhia era o bastante, mas para mim, faltou algo para completar totalmente a minha sorte.... o que será?

## Como eu decidi não ir mais ao estádio

*Gabriela Rabelo Bueno*

Para contar essa história, preciso começar dizendo que sou corinthiana desde que nasci! Graças ao meu tio, tenho essa paixão pelo futebol e por esse time incrível que me traz tanto orgulho.

Tendo cultivado esse amor desde criança, sempre tive um grande sonho: ver o meu Corinthians jogar no estádio. Porém, devido ao fato de meus pais não compartilharem tanto dessa paixão comigo e eu infelizmente ter perdido meu tio citado anteriormente ainda muito nova, não tive a chance de realizar esse meu sonho tão cedo. Fui ver o Corinthians jogar pela primeira vez no estádio em 2011, quando eu já tinha 16 anos e depois disso, fui ao estádio somente mais 4 vezes. O que eu foi o suficiente para que eu me convencesse de que eu sou indiscutivelmente pé frio e que, por amor ao meu time do coração, é melhor com que eu nunca mais vá ao estádio, e a seguir, eu contarei como cheguei a essa conclusão.

O ano era 2011, campeonato Paulista, o Corinthians seguia bem, e graças ao meu irmãozinho que havia começado a jogar no Chute Inicial e foi convidado a entrar com os jogadores em uma das partidas, eu tive a oportunidade de ver o time que eu tanto amo jogar no estádio pela primeira vez. O estádio era o saudoso Pacaembu e o jogo era Corinthians x São Caetano, jogo em que Adriano Imperador foi apresentado à torcida. Eu não poderia estar mais feliz. Porém, eu não saí do estádio com essa mesma alegria. Naquele dia, vi o meu time perder de 2x1 e presenciei o que foi dita nas reportagem seguintes ao jogo, uma das piores apresentações do Corinthians na temporada. O único lado bom dessa experiência frustrante, foi que eu pude ver um gol do incrível Paulinho. Porém, culpei o Adriano pela má apresentação do Corinthians e pensei que eu ainda teria melhores experiências em estádio

Depois disso, fui a 3 partidas de São Paulo x Corinthians, no Morumbi em 2015. Não vi meu time ganhar em nenhuma das partidas. Gostaria de dar destaque especial para o fato de que eu estava presente no jogo em que o Corinthians, depois de 26 jogos invicto, perdeu para o São Paulo no Morumbi depois de 8 anos.

Resolvi então dar uma última chance a minha sorte e fui ver meu time do coração jogar contra o Santos em 2016 em uma partida pelo campeonato Paulista novamente, dessa vez na Arena Corinthians. Pensei que, por se tratar de um jogo em casa, as chances de vitória do meu time seriam maiores. Porém, mais uma vez não pude presenciar uma vitória do meu amado Corinthians. O Corinthians empatou, mas o que eu esqueci de mencionar é que o Corinthians não perdia há 5 jogos, que o time ainda não havia deixado de ganhar nenhum clássico na Arena e que o Santos acabou sendo o campeão Paulista daquele ano.

Acho que depois de relatar todas essas experiências concluímos que estou certa em ter decidido não mais ver o Corinthians jogar em estádio por um bem maior.

## Quando conquistamos o mundo

*Giovanni Ardito*

Sempre fui apaixonado por futebol. Também, como eu poderia escapar deste destino? Meu pai sempre foi apaixonado pela porcada, minha irmã mais velha louca pelo timão e minha mãe santista roxa. Como minha vó dizia, quem herdou não roubou. Mas faltava alguma coisa naquela casa... Alguém que torcesse por um time de fato grande, com história e tudo mais. Por esse motivo me tornei torcedor do São Paulo Futebol Clube.

Quantas emoções este clube já me trouxe... Mas uma delas foi especial. Esta, datada em 18 de Dezembro de 2005, foi a final do Mundial Interclubes disputada por São Paulo e Liverpool. Sim, eu tinha 7 anos, mas me lembro como se fosse ontem como eu sofri naquele jogo. O time inglês era fortíssimo e claramente favorito para aquela decisão. Mas meu tricolor tinha algo que vai além do favoritismo e da probabilidade. O São Paulo tinha amor à camisa. Os jogadores não pensavam apenas no salário, não não! Eles queriam honrar o clube, dar o sangue por essa conquista. E assim foi... Logo no começo o time favorito teve claras chances de gol, mas nenhuma entrou. Consequentemente, como é sabido no futebol, quem não faz toma. Mineiro, o volante com pinta de atacante acabou com o recorde de minutos sem tomar gol dos europeus e trouxe toda a felicidade do mundo para mim e para todos os são paulinos desse país. Não conseguia parar de berrar. Mas logo depois os vermelhinhos voltaram a atacar. Só queria que aquele placar se mantivesse até o intervalo, para termos vantagem no segundo tempo. Foi o que aconteceu. Entretanto, para o meu desespero, alguns minutos após o início da segunda etapa da partida a bola do Liverpool entrou. Depois de tanta insistência ela entrou. Só que não valeu... Graças aos Deuses do futebol ocorreu um impedimento. Minha euforia misturada com a vontade que o jogo acabasse voltou. Mas não durou muito não. Poucos minutos depois aquela maldita bola tornou a entrar. Na minha cabeça tudo foi por água abaixo. No entanto, notei que os jogadores do Liverpool não estavam comemorando. O juiz notou uma falta que ocorreu em cima do goleiro artilheiro. Voltei a berrar. A bola voltou a rolar e eu não conseguia ficar sentado de tanta ansiedade. Só queria comemorar, pular, gritar, mas ainda era cedo demais para celebrar a vitória. E confirmando a minha ideia de que era muito cedo para ficar feliz a bola entrou pela terceira vez contra o nosso gol. Qual era a chance desse gol ser anulado novamente? A chance eu não sei e nem quero saber. Mas foi. Novamente estava impedido, só que dessa vez por milímetros. Fato é que o clube europeu não tinha forças para encontrar outro gol e foi derrotado pelo time que se tornava o maior vencedor de Mundial Interclubes do Brasil. Fato que é assim até hoje. Depois do jogo fui comemorar sozinho porque claro que todos na minha casa estavam com inveja. Inveja esta que até hoje existe, pois não canso de me gabar, que meu time é o maior, tanto na história, como na atualidade.

## Domingo, eu vou ao Pacaembu...

*Heitor Prado de Moraes*

Domingo, 2 de maio de 2010. Não era um dia qualquer, era dia de Final, aos 13 anos a minha primeira final torcendo para o meu time no estádio. Confesso, dormir a noite anterior da decisão não foi tarefa fácil! E lá fomos nós, eu, meu pai, meu irmão, meu primo e mais dois amigos de arquibancada rumo ao Pacaembu. No caminho para o estádio, meu irmão de apenas 8 anos e eufórico colocou a bandeira, recém-comprada para fora do carro, e em instantes, devido a força do vento a mesma em vez de tremular se embrenhou na roda do carro e ficou imprestável. Seria um prenúncio de uma tarde ruim? Só o tempo iria dizer. Chegando no Paca, aquele domingão ensolarado, uma multidão de alvinegros na Praça Charles Miller e um fumaceiro composto de fumaça de rojões e fumaça dos carrinhos que vendiam churrasquinho de gato não deixavam dúvidas: estava no ar aquele clima inconfundível de final. Ao entrarmos no Tobogã, a primeira vitória: os ingressos passaram pela catraca, comemoramos como um gol e ninguém entendeu nada, tudo por que sete horas na fila da bilheteria não foram suficientes e acabamos comprando dos cambistas, e o risco dos ingressos serem falsos era iminente. O estádio estava lindo, um mar branco de santistas e uma pequena mancha azul de torcedores do Santo André. A vantagem era nossa, podendo perder até por um gol de diferença. O jogo se inicia... e gol! Gol dos caras. Logo de cara, o fotógrafo ainda estava limpando as lentes da câmera. O susto de todos os jogadores e torcedores do time de branco era evidente. O jogo seguiu e o gol saiu! E que gol! Digno de placa. Toque de letra de Robinho, Neymar enfileirou um, dois, três mais o goleiro e como diz o mestre Jorge Ben Jor, só não entrou com bola e tudo por que teve humildade em gol. Eu e toda a massa santista comemoramos aliviados. O Santo André vinha insaciável e colocou uma bola na trave e outra na rede, mas a jogada já estava parada por impedimento, assinalado de forma equivocada. O jogo era tenso e ficou mais ainda quando o time do ABC chegou ao segundo gol, o título ainda era do time praiano, mas estava em risco. Em tumulto, dois jogadores foram expulsos, um de cada time, o que só aumentou a apreensão. Para amenizar a agonia, Neymar empatou novamente em passe magistral de Ganso. Vibrei muito nesse gol, que deu uma tranquilidade mesmo que momentânea. E realmente não durou muito, a montanha russa de emoções fechou o primeiro tempo com mais uma expulsão para o time da baixada e uma troca de passes envolvente que resultou no gol do Ramalhão, e só se ouvia o canto do lado azul do estádio. 3x2 para os visitantes e tudo isso ainda no primeiro tempo. O intervalo serviu como um respiro, desci com meu pai até o alambrado, e a taça estava ali perto, dourada, brilhante e mais linda ainda devido ao reflexo do sol, lembro ainda do meu pai me dizendo: estamos tão perto dela, mas ao mesmo tempo tão longe. E de fato o segundo tempo foi de uma apreensão gigantesca. Com um a menos, a pressão era enorme e um gol do Santo André e tudo poderia ir para o ralo. Teve bola salva na linha de gol santista, e mais uma expulsão. Nesse momento vi nos olhares de todos os santistas que naquele momento, com apenas oito em campo, só nos restava rezar e torcer para que o tempo fosse amigo e passasse voando. Paulo Henrique Ganso, que se recusou a sair da partida, com toda classe e



maestria, em lances que podiam ser acompanhados de uma sinfonia de Mozart, segurava a bola de qualquer forma no campo de ataque. Porém, se não bastasse, o ápice do jogo, que já parecia mais um filme misto de drama e suspense ainda estava por vir. Aos 45, em cruzamento vindo da esquerda, meu coração e dos demais santistas gelou e o Pacaembu calou quando Rodriguinho, do Santo André acertou a trave. Era o gol do time azul e o fim do sonho do título do time que praticava o futebol arte mas que também estava sabendo sofrer. Para a felicidade minha e de todos os alvinegros, como diz Skank: bola na trave não altera o placar. Instantes depois, Sálvio Spínola ergueu os braços e encerrou o drama. Enfim, o alívio tomou conta das arquibancadas, abracei todos os santistas que via pela minha frente e comemorei na mesma proporção que sofri durante o jogo.

## O mascote desatento

*Henrique Votto Freitas*

Era um jogo comum, desses que não valem nada além dos famigerados três pontos. Mas para um jovem são-paulino fanático e goleiro extremamente promissor era a chance de ver de perto seus maiores ídolos. Ou melhor, um herói em especial, o mito em si: Rogério Ceni, o goleiro artilheiro. A oportunidade de, enfim, gravar a cena já ensaiada nos vários sonhos e monólogos imaginários: agarrar os braços do capitão supremo, desejar boa sorte na partida, pedir a luva e deixar um aviso nada modesto: “Se prepara, que eu vou te substituir no futuro!”. Pobre menino que desconhecia sua patética curva de crescimento.

Durante todo o trajeto no ônibus, os garotos da escolinha falavam de Adriano. O Imperador era uma febre naquele momento, deixava uma marca eterna na história tricolor, mesmo que emprestado por apenas seis meses. Por breves minutos, todos esqueceram de Ceni. Eu não esqueci de Ceni, muito pelo contrário. Entre espasmos e tremores de total ansiedade, repassava o script na cabeça e me preparava para este dia memorável. Até levava comigo um papel e uma caneta, para o caso afortunado de conseguir um ligeiro autógrafa. “Podem ficar com o Adriano! Mais espaço para mim!”, eu pensava. E nesses longos minutos desde a chegada ao Morumbi até o enfileiramento no gramado, à espera dos jogadores que viriam do vestiário, nada parecia mais relevante.

Atenção. Este é o fundamento indispensável para um goleiro. Alto ou baixo, elástico ou estático, líder ou coadjuvante, nada interessa mais a um *portero* que o foco absoluto, a determinação impenetrável, a concentração máxima. Eu obedecia aos mandamentos da minha posição de maneira perfeita, como mandava o figurino. Não tirei um olho da escada de acesso ao campo, principalmente depois que os atletas apareceram lá embaixo no corredor, a poucos degraus de distância. Então vi que Ceni estava na roda. Adriano também. E Hernanes. Miranda. Não pude conter a euforia! Troquei olhares ansiosos com os colegas e tomei um minuto para contemplar o monumental patrimônio do Tricolor e a sua torcida vibrante. Imagina se eu fizesse um gol aqui, se eu defendesse um pênalti decisivo, se eu desse a volta olímpica com a taça na mão, se eu fosse entrevistado e pudesse lembrar desse momento, da minha infância tricolor, da idolatria pelo Mito... Pois é, eu me perdi.

Quando voltei a concentração ao campo, os jogadores já corriam pela fila de garotinhos malucos, que puxavam os ídolos até quase caírem no chão. Procurei desesperadamente por Rogério Ceni. Que agonia, não o achava em lugar nenhum. Nem no campo, nem no bolo de jogadores que ainda subiam para o palco do jogo. Não pode ser! Com quem vou entrar em campo, agora? Então surgiu Adriano. Esse eu vi! O problema é que, infelizmente, outros novecentos mil garotos também viram e pularam como selvagens no Imperador. Busquei um mínimo de espaço entre os colegas, que o arranhavam e puxavam como num digno lance de falta para cartão amarelo.

Enquanto me espremia na multidão, identifiquei ele, o Mito, a quilômetros, a anos-luz lá na frente, quase carregado por uma legião de fãs mirins. Que péssimo goleiro! Falhara na missão fundamental, na lição de casa mais fácil, e ainda ousava dizer que ficaria com a vaga de Rogério na meta tricolor. Que piada! Um pequeno deslize de concentração e o ídolo foi embora, para sempre.

Ao menos, não me faltou o reflexo.

## 1977 - O mês mais importante

*Homero Galante Jansell*

Outubro foi um mês de muita alegria pra mim, ano de 1977, a espera do meu primogênito era só alegria pra todos, mas com aperto no coração chego em casa à noite, apreensivo, pois era véspera da grande final do campeonato paulista, e minha esposa grávida, foi uma noite de pouco sono e um dia de trabalho que se arrastava e fazia questão de não chegar ao fim, mas aos trancos e barrancos chegou ao seu final. Como de hábito nesses últimos jogos do TIMÃO, meu compadre Capatto, num velho fusca ano 70 acabara de me pegar no serviço, a grande bandeira preta e branca e imponente, orgulhava-nos de tremulá-la pelas ruas, percurso que ao longo se fez decorado de inúmeras outras bandeiras de tamanhos mais variados, éramos ovacionados por transeuntes que gritavam o grito de guerra “Vai Corinthians”, seguiam a pé rumo ao majestoso de concreto, o maior estádio particular do Mundo, onde faríamos a batalha final contra um time que já nos tinha derrotado no último jogo. Já nas proximidades do estádio, tivemos que encostar o carro, pois a multidão era grande, tão grande que só nos dava a garantia de um novo recorde de público, mais um recorde nessa temporada. Enfim chegamos, sim chegamos às grandes filas que nos levará a uma revista feita por policiais, um a um adentravam ao majestoso com sua bandeira em punho, as torcidas organizadas entoando seu canto de guerra, regidos por uma orquestra de instrumentos de percussão e, organizadas de tal forma como uma fileira de formigas, carregavam as grandes bandeiras, seus mastros de bambu eram tantos que dava para construir uma igreja estilo japonês. Aos trancos e barrancos conseguimos. Nos acomodamos na arquibancada de concreto, conseguimos um bom lugar, próximo a linha central do campo, visão privilegiada, sentados sobre um pedaço de papelão aguardamos o apito do juiz, juiz Dulcídio Wanderlei Boschila, conhecido como Alemão, ex policial, era tido como um juiz autoritário. Após algumas horas, os times entram em campo e alinhados cantam o Hino Nacional, após as congratulações entre os artistas do espetáculo, Dulcídio chama os capitães ao centro do gramado e faz o sorteio para escolha do lado do campo. Nós, cada vez mais apreensivos não víamos a hora de iniciar o jogo, que se fizera em minutos, jogo truncado, jogo de final, pois o time da Ponte Preta lutava a 77 anos pelo seu primeiro título de Campeão Paulista e o Corinthians, lutava para quebrar um tabu de 23 anos sem ganhar o título estadual. O time da Ponte Preta, carinhosamente chamada de Macaca pelos seus fanáticos torcedores, era um time bem ajustado com o bom goleiro Carlos e uma defesa forte com Carlos e Palosi eram considerados quase imbatíveis, o Corinthians escalado pelo seu comandante o saudoso Oswaldo Brandão, vai a campo com todos seus titulares, com o apoio de sua torcida vai pra cima da Macaca com tudo, bola na trave, defesas de Carlos e, aos 16 minutos do primeiro tempo, uma bola é lançada no ataque da Ponte Preta, o jovem centroavante Ruy Rey, habilidoso atacante da Ponte Preta, toca a bola com a mão, é punido com cartão amarelo, revoltado o Ruy Rey, parte pra cima do juiz, com gestos e reclamações acintosas, desferiu um palavrão pro juiz que imediatamente apresentou o cartão vermelho, e fora expulso, depois transtornado e muito revoltado o atacante é retirado de campo pelos policiais e, após a retomada da partida, a mesma toma

outro rumo, com um jogador a menos o Timão vai com tudo pra cima da Ponte Preta, e ao final do primeiro tempo o placar de 0 a 0 os times vão para o vestiário. Recomeça o jogo, mais 45 minutos de sofrimento, o jogo parecia se encaminhar para a disputa de pênaltis, mas aos 38 minutos, em um cruzamento do super Zé – Zé Maria, lateral direito do Corinthians, que virará atacante, a bola bate na mão do zagueiro e o juiz apita falta, a galera se inflama parecendo já saber o resultado. Zé Maria ajeita a bola com carinho e em um belo cruzamento em direção da área, encontra a cabeça do Basílio, que com um leve toque desviou da sua trajetória, na sequência da jogada, Waguinho desequilibrado, de perna esquerda, chuta a bola no travessão, na volta, outro lateral Corinthiano - Wladimir, que também virará atacante, cabeceia violentamente no rosto do zagueirão Oscar e o destino a faz ir em direção de Basílio, que carinhosamente de bate pronto, enchendo as redes do grande goleiro Carlos, fazendo o que a torcida já tinha premeditado... Golllllllll, foi o mais sofrido 7 segundos que a nação alvinegra tinha passado nesses 23 anos de sofrimento, o herói Basílio, aos gritos de gol corre, em direção das arquibancadas, para ao lado da bandeirinha e sai mais um o grito sofrido de mais de 150.000 vozes, vozes que o tempo fez questão de guardar pra o dia de hoje, sentei-me com medo, pois o majestoso de concreto tremia como nunca visto antes... Enfim uma vitória suada, bem ao jeito do Timão, vitória na garra e sofrida, que se transformara em pura alegria. Saímos todos juntos rumo a Av. Paulista, palco de grandes festas que em minutos se tornou preta e branca... era só alegria, uma alegria contagiante que durou até a madrugada, a alegria era muita, mas tive que ir embora pois o serviço me esperava ao amanhecer, com todo orgulho, muito cansado, pois não tinha conseguido dormir, fui orgulhoso pro trabalho vestido com a camisa vitoriosa do Corinthians e já pensando na comemoração do próximo título, e após 4 dias, outro grande presente, nasce com muita saúde meu filho, mais um Corinthiano, que hoje é pai de um casal de Corinthians que engrossa a nação CORINTHIANA.

## Copa do mundo

*Jade Rezende*

Nasci no ano de 1998, no interior de Minas Gerais. Quando eu era criança, tinha um contato muito maior com o futebol do que tenho hoje. Acompanhava os jogos e campeonatos e torcia pelo meu time, o Cruzeiro. Hoje, com 18 anos, não acompanho mais time algum e raramente sei os resultados da rodada. Mas o que não mudou, e tenho certeza de que nunca vai mudar, é a minha adoração por Copa do Mundo - e tudo que a envolve.

Desde que eu nasci, acompanhei cada edição em um lugar diferente. Vim ao mundo poucos meses depois da triste final contra a França em 98, e, mesmo sem ter visto tudo acontecer, é impossível não saber da decepção daquela Copa. Não foi nenhum Maracanã, claro, mas sei que o país ficou abalado. Na próxima edição, em 2002, eu só tinha 3 anos e, infelizmente, não lembro do Brasil conquistando o penta.

Em 2006, porém, eu já tinha 7 anos quando Copa aconteceu: é aí que começam as minhas primeiras memórias felizes desse campeonato. Lembro da família toda reunida na casa de uma das minhas tias, que se foi há alguns anos, para assistir o primeiro jogo do Brasil na fase de grupos. Antes da partida começar, as crianças estavam na sala, agitadas, e os adultos lá fora, tomando cerveja. Começou o jogo. Minha tia, sempre muito animada com esses eventos e com a família reunida, assistia aflita no sofá. O jogo rolava e nada de gol, e eu, então, já começava a ficar entediada - afinal, a graça do futebol são os gols. Até que o Kaká abre o placar de 1x0 contra a Croácia. A família toda vibrou, e eu senti pela primeira vez o que era comemorar um gol do Brasil em uma Copa do Mundo.

Passada a fase de grupos, lembro de assistir o jogo Brasil x França, nas quartas de final, na minha casa, lá no interior, com meus pais, meu irmão, meu primo e sua namorada. Estavam todos no sofá da sala enquanto, novamente, os adultos tomavam cerveja. Eu estava muito animada e tinha certeza que veria o Brasil ser campeão naquele ano, até que começa o jogo... Errei. 1x0 pra França. Lembro de todos se lamentando na sala, mas logo os adultos se distraíram e mudaram de assunto. Mas eu não. Fui pro meu quarto e chorei, sozinha. Tudo que eu queria era ver o Brasil ganhar!

Mais 4 anos se passaram e, na Copa de 2010, eu estava morando em Belo Horizonte. Eu tinha 11 anos na época e já havia feito muitos amigos na escola, apesar de ter me mudado pra lá só há 6 meses. A Copa na África do Sul, então, foi a primeira em que eu vi o Brasil jogar sem a minha família, mas sim com meus amigos. Fomos assistir o jogo de estreia da seleção na casa da Laura. Estávamos em muitos. Fizemos pipoca e nos reunimos animados em frente a TV na hora do hino. Depois foi só felicidade: Brasil 2 x 1 Coréia do Norte.

E foi nessa edição que começaram os meus rituais de Copa do Mundo. Eu mal podia esperar pra chegar da escola e assistir um jogo totalmente aleatório, tipo Nigéria x Grécia, e, claro, sempre torcer pro time que parecia mais fraco. Só não era melhor do que as

vezes em que a escola transmitia os jogos em um telão no pátio. Eu nem me incomodava com o frio que começava a fazer em junho.

Mas as minhas melhores lembranças mesmo são as da Copa de 2014. Não tem como ser diferente, né? Ter uma Copa no seu país é o ápice que um fã de Copa do Mundo pode chegar. E dessa vez eu estava morando em São Paulo. O clima na cidade não poderia ser melhor! Bandeiras penduradas nas sacadas dos prédios, o palco do Fifa Fan Fest no Anhangabaú e até férias escolares adiantadas por conta dos jogos. Eu deixava a TV ligada o dia todo pra acompanhar a cobertura de cada detalhe: os jogos, as reportagens com os gringos, as cerimônias... Tudo.

Foram 2 meses muito felizes! Até que chegou 12 de julho. Diferentemente do resto da semana, aquele dia estava muito nublado, me lembro direitinho. E era dia de jogo: Brasil x Alemanha. O time alemão foi elogiado a Copa inteira, mas mesmo assim eu estava confiante. Começa o jogo.

E o resto, bom... Vocês já sabem.

**Dilecti fraters et sorores, audite vocem domini!**

*João Victor Jardim Mendonça*

É com esse lema que o ícone Assisense, Padre Aloísio Bellini, iniciava suas homilias na famosa Igreja da Vila Operária, a qual, foi pároco em meados de 1950. O clérigo marcado pelo entusiasmo nas ações pastorais, resolveu em 1954 fundar o Vila Operária Esporte Clube Mariano, o tradicional VOCEM de Assis, característico por suas cores, o bordô e branco (vinho e o pão consagrados na Eucaristia).

Questiona-se após a leitura do primeiro parágrafo, qual a relação estabelecida entre um padre e um time de futebol (acredito que o leitor deve ter se indagado com o fato), ainda mais, se levamos em consideração o contexto histórico da fundação, década de 1950, tempos de uma Igreja Católica, ainda mais conservadora.

Feitas as ressalvas acima, temos que admitir que Padre Bellini, foi um visionário. Encontrou na criação de um time de futebol, uma forma de evangelizar as crianças e adolescentes que brincavam no entorno da Igreja, nas pacatas ruas da V. O. (como era carinhosamente lembrada o bairro de Vila Operária). Participar da missa, era, portanto, pré-requisito para fazer parte do time.

Não sou conduzido conduzo, do latim *Non ducor, duco*. E é assim que o Esquadrão da Fé foi constituindo sua história de glórias, não por títulos, afinal hoje disputa a 4º divisão do campeonato paulista, mas por seu legado, que carrega em todos os jogos milhares de pessoas ao estádio Antônio Vianna da Silva (Tonicão).

Aliás, falando no estádio, recordo-me como se fosse hoje, minha primeira visita, aos 6 anos de idade. Desci as rampas que dão acesso ao estádio, saltitando, com um pacote de pipocas e uma conti-cola, patrocinadora do clube. Aprendi de criança a gostar do clube, acreditar até o fim na virada, rezar antes dos jogos, ver a rua de minha casa, a mesma do estádio, enchendo de carros, e famílias, entusiasmadas.

O futebol ainda respira no interior paulista. Um amor enraizado, que passa de geração em geração.



## Quando o futebol acontece

*Jully Mika Tsuchitori*

O termo inglês “serendipity” tem uma tradução difícil para outras línguas, como “saudades”, em português, ou basicamente todas as palavras do alemão. Resumidamente, refere-se a descobertas felizes feitas ao acaso. Apesar da aparente complexidade do termo, acontece todos os dias com as pessoas, mas talvez estejamos sempre com pressa ou ocupados demais para nos darmos conta. Porém, lembro-me bem de quando aconteceu comigo, foi na madrugada do dia 16 para o dia 17 de julho de 2005.

Naquele ano, trabalhava em uma fábrica no Japão, onde turnos de 16 horas e meses de trabalho sem folgas eram a regra, não a exceção. Não tinha tempo para assistir televisão, e acesso à internet era fácil e barato se você era japonês, mas não para estrangeiros. Não dominava o idioma local, por isso, não conseguia ler o jornal, o último recurso para manter-me informada. Felizmente, dificuldades linguísticas não impedem a comunicação no Japão, uma vez que os nativos costumam ser lacônicos e com repertório social bastante limitado. Falam sobre o tempo, sobre a Família Real e sobre esportes.

Sim, os japoneses adoram esportes! E teria sido perfeito para mim, amante e conhecedora dos esportes, se fosse familiarizada com a NPB (Nippon Professional Baseball), com os grandes lutadores de sumô ou com “puroreso” (pronúncia japonesa de pro wrestling), cujo entendimento pleno não veio mesmo após dezenas de malfadadas tentativas de pronúncia por parte dos meus bem intencionados amigos nipônicos. Minha suposta erudição esportiva mostrou-se inútil na terra do sol nascente, assim, costumava checar a previsão do tempo na TV para garantir que tivesse um assunto para conversar com meus colegas de trabalho.

Uma noite, como outra qualquer, ouvi o sinal que informava o horário do intervalo na fábrica; dirigi-me até a área de convivência e sentei-me após 4 horas desde meu último intervalo de 10 minutos. Na mesa, havia um jornal, e pareceu uma boa oportunidade para me atualizar sobre o único assunto que conseguia desdobrar em japonês. E foi aí que aconteceu: serendipity. Uma pequena, quase imperceptível reportagem mostrava a foto do Luizão, vestindo o uniforme do São Paulo, levantando um prato de campeão, e a manchete que dizia: “Taça Libertadores”. Naquele momento, percebi Marx estava certo quando disse que o trabalho fabril aliena, pois, após quase 9 meses naquele emprego, me dei conta de que não sabia nada do que estava acontecendo no mundo, e provavelmente continuaria sem saber, não fosse por este acidente.

O que o Luizão estava fazendo no São Paulo? Por quê tiraram uma foto justo dele? Mas, mais importante, muito mais importante, o São Paulo, meu São Paulo, havia ganhado a Libertadores depois de 12 anos! E mais, em breve eles também estariam no Japão! Comecei a chorar, choro de felicidade, de cansaço, de libertação. Chorei até o amanhecer, quando meu chefe chegou e pensou que tivesse sofrido um acidente. Contei-lhe, com os olhos inchados, o que havia acontecido, tentando convencê-lo de que minha reação era

perfeitamente normal. E era, pelo menos para os brasileiros.

Cinco meses depois, os heróis tricolores chegaram ao oriente, confiantes e motivados, sem saber que havia uma torcida quase tão grande no Japão quanto no Brasil. Resumindo os acontecimentos seguintes: não consegui ingressos para a final do Mundial Interclubes, mas consegui um dia de folga. Meu chefe achou por bem dar-me um dia de descanso, tendo em vista o meu estado meses antes. E aconteceu novamente: serendipity! Na praça da cidade havia um grupo de algumas dezenas de brasileiros reunidos para assistir o jogo. Como sabia que eram brasileiros? Um mar de camisas de diversos times: Palmeiras, Corinthians, Paraná, Coritiba, e até algumas do São Paulo. Todos torcendo para, segundo me informaram, o “Brasil na final”. E era o Brasil na final! E, uma vez na vida, vi todos os torcedores de diferentes times torcendo genuinamente para um rival, e, desde então, eu também sempre torço para o Brasil na final do Mundial.

Às vezes, tentamos de tudo para fazer as coisas acontecerem, mas não nos damos conta do que acontece à nossa volta. Às vezes, o acaso nos dá presenteia com surpresas maravilhosas. Às vezes, não importa vencer, mas fazer parte de um time. Às vezes, o futebol une ao invés de separar. Às vezes, o futebol simplesmente acontece.

## O Primeiro jogo

*Kao Temin*

Eu era um estudante de ensino médio e nunca tinha ido assistir um jogo de futebol, para alguns isso era um absurdo, um sacrilégio, como um garoto de 16 anos nunca tinha ido em um jogo de futebol.

Confesso. Nunca fui grande fã de esportes. Mas nessa luta entre minha jovem rebeldia e amigos que queriam assistir partidas de futebol acabei por ceder às pressões e fui no meu primeiro jogo assistir o São Paulo jogar contra o Grêmio no Morumbi.

Para ter um pouco de contexto o São Paulo e o Grêmio eram times bem equilibrados e historicamente nenhum foi muito melhor que o outro em termos de vitórias, até mesmo hoje em dia o clássico segue praticamente empatado em 24 vitórias são-paulinas, 22 vitórias gremistas e 18 empates.

Voltando ao jogo, ele pertencia ao Brasileirão e marquei com colegas também são-paulinos que iríamos assistir ao clássico São Paulo x Grêmio que estava com data apontada em junho de 2011.

Comecei o dia nervoso, não sabia o que sentir e o que fazer o que me causava um estado de desconforto pleno, enfim nos encontramos na casa de um amigo e partimos de carona com o pai de tal para o estádio. Já que nunca tinha dado importância ao time, nunca dei o trabalho de comprar camisetas ou aparências do São Paulo, sendo assim, fui no jogo utilizando uma camiseta no mínimo dois números maiores que o meu que pertencia ao pai de meu amigo que nos dava carona.

Chegando no Morumbi comecei a entender porque meus colegas gostavam tanto de ir assistir jogos, a energia era simplesmente engrandecedora. Gritos, vaias, vendedores ambulantes, vendedores dos deliciosos sanduíches de pernil, parecia que o mundo inteiro e mais um pouco foi assistir ao jogo.

Sempre assumi que as duas horas de jogo iriam ser as horas mais lentas da minha vida, pois bem, nunca estive mais errado. Foram duas deliciosas horas onde pude aproveitar uma goleada de 3x1 do São Paulo, onde o famoso Casemiro abriu o jogo aos 12 minutos do primeiro tempo e novamente aos 8 minutos do segundo para o time adversário.

Após esse deslize do time tinha certeza que o jogo iria terminar em empate pois o jogo andava travado e nenhum time conseguia avançar na defesa do outro. Porém isso para mim pouco importava, estava me divertindo tanto, cantando o hino que não sabia a letra, gritando palavras de força e de apoio ao meu time.

Dois gols depois e um grande sorriso na minha cara o jogo havia terminado, que sensação engraçada eu sentia. Por um lado, eu ainda sentia indiferença em relação ao futebol, mas por outro o jogo foi uma das melhores experiências que tive até o momento. E foi assim que fui chamado para ser um são-paulino melhor, e foi assim que começou a minha carreira de assistir e torcer pelo São Paulo.

## Fantasia e uniforme

*Larissa Daroque*

Minha primeira experiência em um estádio de futebol veio tarde. Aos 22 anos, nunca havia assistido a um jogo ao vivo. De família italiana, nem a macarronada de domingo sobrou das pitorescas reuniões que ocupam o imaginário coletivo, das grandes famílias, falando alto e torcedoras do Palmeiras.... Nascido na Mooca, meu pai frequentava o clube só para jogar vôlei, o único esporte que assistia na televisão. Futebol era na Copa, e olhe lá.

Foi um jogo do Palmeiras. Palmeiras X São Paulo, um clássico. Aniversário do meu namorado, um português cujo conhecimento de futebol pode-se ser descrito como um concordar de cabeça e um sorriso. Logo, a explicação para o inusitado programa era um amigo, palmeirense roxo, que vinha de Campinas para assistir seu time ganhar. “Ganhar em casa!”, disse ele. Bem, após uma breve troca de roupa para ficar mais à caráter (ou menos deslocado), pegamos um Uber e nos dirigimos ao “Allianz Parque”. “Ué, não era Palestra Itália? Ou Parque Antarctica?” indaguei, certa do meu desconhecimento do assunto. “Era, é, é tudo a mesma coisa. Mudou, agora a gente fala Allianz.” Um pouco confuso, pensei, e fui buscar o porquê de três nomes.

“Palmeiras é outra coisa né, tão vocês aqui de boa, com a menina, de relógio e tal. Imagina se fosse Corinthians? Isso não dava não.” Era o taxista. Imersa no celular, perdi o caminho do Itaim até Perdizes (passou a PUC é Perdizes, na minha simplificação -nada correta- dos bairros de São Paulo). “Acho que vocês podem descer aqui”. Apesar de longe do estádio, uma multidão de pessoas de verde e branco andavam em nossa direção. Devidamente vestidos, nos tornamos parte da torcida instantaneamente.

Após algumas voltas em vão, umas cervejas negociadas e bebidas às pressas, encontramos a entrada correta. Durante o caminho, o Google revelou um estádio que é considerado um dos melhores do Brasil, uma obra da WTorre. O estádio, com estrutura para ser um dos melhores do mundo, tem uma grandiosidade impressionante. E grandiosidade que pode ser traduzida em números, com a divulgação da arrecadação do jogo em tempo real mostrando uma quantia maior que dois milhões de reais e trinta mil torcedores.

Descobri que, apesar do estádio gigante, o campo continua do mesmo tamanho (um pouco óbvio, mas que deu uma impressão ligeiramente decepcionante). Nossa demora a entrar significava que o jogo estava para começar, e a escalação era apresentada. “O Ceni é o técnico?”. O nome veio como um flash, talvez reflexo de notícias do goleiro que mais foi artilheiro no futebol brasileiro.

Sentamos nos lugares, uma sessão quase vazia do estádio, com ingressos cinco vezes mais caros do que a sessão ao lado, dividida por uma alta grade, havia desembolsado. Do outro lado não havia espaços para serem escolhidos, com todas as cadeiras tomadas, com a gritaria e a torcida. Meu amigo olhava com inveja para além da grade, como se o

jogo estivesse ali, e não no campo. Como se estivesse separado de sua família, deslocado em sua própria casa, esperando algum contato com o resto da torcida.

Bola para cá, chute para lá, não acontece muita coisa. É mais devagar ao vivo, sem os comentaristas para distrair, ou flashback das jogadas. O conceito de time e torcedor sempre me foi muito estranho. Estranho ao me sentir alheia àquela vivacidade, expectativa e até certo tipo de emoção que parece envolver o torcedor, antes mesmo do jogo começar, e ainda mais durante as jogadas. Palmeiras faz um gol. Não vi a goleada, e não tem replay para repetir. Prefiro na televisão.

O jogo termina no 2x0. Pro Palmeiras, “lógico”. O resultado une a torcida, cantando em uníssono. O sentimento comum de pertencimento, ao vestir a camisa do time, torcendo, gritando e chorando, como aconteceu. Vestir o uniforme, para um torcedor, é defender e apoiar, incondicionalmente e sem expectativa de retorno, com uma fé quase religiosa nos jogadores. E no meu ateísmo, religioso e futebolístico, não coube um grito. Ganhamos.

## A luta pela terceira estrela

*Leandro Yukio Haraoka*

A mais valiosa taça conquistada pela equipe santista no século XXI foi a que consagrou o Santos como tricampeão da Copa Libertadores de América 2011. O ingresso da equipe no campeonato se deu por meio do título da Copa do Brasil conquistado no ano anterior, 2010. As revelações santistas Neymar e Paulo Henrique Ganso, que mostravam um futebol bonito e criativo, tornaram o time sensação favorito ao título da Libertadores.

A estreia na Copa, contra o Deportivo Táchira, na Venezuela, se deu de forma apagada, o que rendeu inúmeras críticas ao time. Adilson Batista, o técnico da equipe, logo se viu fora do comando do Santos. No terceiro jogo da fase de grupos quem assumiu o cargo, com uma amarga derrota para o Colo-Colo por 3x2 no Chile, foi o interino Marcelo Martelotte. O clima de tensão repercutiu no jogo seguinte contra o Colo-Colo, dessa vez na casa do Santos. O único resultado que interessava à equipe santista era a vitória. E assim foi, apesar de ter três dos seus jogadores expulsos, entre eles Neymar, o Santos venceu o jogo por 3x2.

O poder de reação apareceu no jogo de estreia do novo treinador do Santos, Muricy Ramalho. Jogando fora de casa, contra o Cerro Porteño, Muricy conquistou uma vitória por 2x1, que recolocava o time na luta pela classificação. A fase de grupos se encerrou com a vitória de 3x1 sobre o Deportivo Táchira em pleno Pacaembu.

Classificado para as oitavas de finais, o Santos buscava dividir seus esforços entre a Copa Libertadores e o Campeonato Paulista. Para avançar na Libertadores seria necessário bater o Clube América. O primeiro jogo, em uma noite chuvosa na Vila Belmiro, resultou em uma vitória da equipe santista por 1x0, com gol de Paulo Henrique Ganso. No jogo de volta, a estrela de Rafael, goleiro do Santos, brilhou no meio de um estádio lotado pela torcida mexicana. Com o time recuado, o goleiro segurou o empate de 0x0 com inúmeras defesas difíceis e bolas na trave.

Antes dos jogos das quartas de finais, o Santos conquistou o Bicampeonato Paulista sobre o rival Corinthians. Embalado, foi até a Colômbia buscar uma vitória por 1x0 contra o Once Caldas. O segundo jogo, realizado no Pacaembu, contou com um golaço de Neymar. O habilidoso artilheiro recebeu a bola de frente para o gol e chutou de fora da área sem condições para o goleiro. O time colombiano chegou a empatar a partida, mas viu a equipe santista dominar o jogo. Neymar comandava um ataque veloz e agressivo, chegou a sofrer um pênalti, mas não conseguiu convertê-lo em gol. Com o placar agregado em 2x1 para o Santos, a equipe brasileira estava classificada para a semifinais.

O penúltimo duelo foi contra a equipe do Cerro Porteño. Com uma vitória magra de 1x0 o Santos foi para o Paraguai precisando de apenas um empate. O Peixe abriu o placar em uma cobrança de falta. O meia Elano lançou uma bola venenosa para Zé Eduardo desviar de cabeça para o gol. A equipe paraguaia ainda se complicou fazendo um

gol contra com frango do goleiro. Antes do fim do primeiro tempo ambas equipes ainda balançaram as redes, indo para o intervalo com um placar de 3x1. Aos 15 e aos 35 minutos do segundo tempo o Cerro ainda descontou e alcançou o empate, mas não foi o suficiente para impedir o Santos de alcançar a final da Copa Libertadores

A tão esperada final da Copa Libertadores da América 2011 aconteceu nos dias 15 e 22 de junho. O Peixe encontrava um antigo rival, o Peñarol do Uruguai, adversário derrotado na final da Libertadores de 1962. O clima era de revanche e histórias estavam presentes. A primeira partida da decisão foi recheada de emoções. No Uruguai, ambas equipes tiveram diversas chances reais de gol, apesar do jogo truncado, mas a bola parou nos goleiros. O empate levou a decisão para o Pacaembu. Com o apoio de 40 mil santistas a equipe brasileira tomou a iniciativa da partida e aos 10 minutos de jogo já havia desperdiçado 4 chances reais de gol. O primeiro tempo foi percorrido com domínio santista, mas o gol não saiu. Na volta do intervalo, com menos de dois minutos, Neymar recebeu a bola e, de forma habilidosa, empurrou ela para o fundo da rede. Um gol para emocionar o artilheiro, a equipe e a torcida. Aos 23 minutos o Santos ampliou o placar com uma jogada individual do lateral direito Danilo. O Peixe se consagrava campeão da 52ª edição da Libertadores. No camarote, o rei do futebol, Pelé, vibrava na companhia do ex-governador Serra. O Peñarol ainda tentou reagir, marcou um gol, mas não foi o suficiente para tirar a taça das mãos de Edu Dracena, capitão da equipe santista.

## De Campo Grande para São Paulo

*Lucas Machado de Melo*

Seu nome é Campo Grande, mas os íntimos a chamam de Morena, acho que é devido à cor de sua terra, meio avermelhada, sei lá.

Possui afluentes, córregos e rios e até mesmo cachoeiras, mas não o salgado mar ou dunas de areia. É diferente das demais, dizem ser a mais bela, um pouco de orgulho talvez, afinal, tem consigo um pedaço do Pantanal.

Palco do “Trem do Pantanal”, dona do maior estádio universitário da América Latina

(Morenã) e de um dos maiores parques urbanos do mundo (Parque das Nações

Indígenas). Mesmo assim, ainda há aqueles que a criticam por crescer em ritmo lento, mas que culpa tem quem é cria de mineiro.

Era início de tarde quando um vendedor bateu palmas no portão da casa. educadamente, um homem saiu para atender e dar uma olhada nos produtos oferecidos pelo ambulante.

Na garagem, seu filho brincava com a bola, chutando-a de um lado para o outro.

Em um dos chutes a bola bateu no vidro do carro. Às pressas, olhou o pai distraído no portão e verificou se não havia trincado o vidro, já que ele havia dito anteriormente para não jogar bola perto do carro. O som que veio do veículo lhe chamou a atenção. A propaganda no rádio anunciava o jogo de que o filho tanto falara. O seu Santos iria pousar na Cidade Morena.

Contra o Naviraiense, início da Copa do Brasil... Possivelmente apenas um time misto virá, pensou. O anúncio dava certeza de que Neymar, Robinho, Ganso e companhia viriam. Resolveu levar o jovem rapaz, de qualquer forma. Time completo, jogo vazio. Apenas um gol num jogo com dois Naviraienses. Na volta, pela TV, 10 a zero Santos.

Agora é que esse garoto vai morar em São Paulo mesmo.



## O dia que eu me tornei palmeirense

*Lucas Rehbaim*

Era um sábado que, apesar de frio, começou como um dia comum em família, fomos passear no shopping, almoçamos no shopping e a feijoada estava ótima.

Eu havia completado 6 anos há uns dois meses e não me dava conta do que aquele dia dos namorados despejaria de emoção na minha curta vida.

Chegamos em casa e meu pai me levou na padaria para comprar algumas coisas. Fomos caminhando e no caminho tinha alguma coisa de estranho no ar, os vizinhos que nos encontravam diziam: 'É Hoje!' Meu pai tentou até me explicar que haveria um jogo importante que acabaria com uma longa espera por títulos e que nossa dupla de ataque era composta pelo matador e o animal. Dentro da minha inocência de menino, eu me perguntava o motivo daquilo tudo ser tão importante e de fato no fundo eu imaginava que o futebol era somente um jogo qualquer.

Voltamos para o apartamento e não havia nada que os fizessem tirar os olhos da TV.. Um televisor de cubo, 21 polegadas que ficava bem no alto no quarto dos meus pais. Como de costume, apagamos todas as luzes e fomos iluminados pela claridade da TV e mais ainda pelo futebol maravilhoso que começava a encher os meus olhos. O jogo tinha contornos dramáticos e lá estávamos os 3 deitados, eu, meu irmão um ano mais velho e meu pai. Minha mãe levantou-se e foi para a cozinha preparar alguma coisa para nós, a verdade é que ela não tem muito saco para jogos. Eu também estava meio impaciente e só queria ver gols.

Logo as coisas começaram a mudar, a cada gol que saía meu pai gritava alucinadamente "chupa", "aqui é Palmeiras", "gambá filho da Puta", naquele dia estava liberado gritar palavrão pela janela. Eu e meu irmão nos abraçávamos a cada gol (e cá entre nós, foi um belo de um massacre)., Nós não sabíamos direito as regras e nem quantos gols nós precisávamos, tampouco que o Palmeiras estava na fila por 17 anos.

Quando o Evair bateu o pênalti, gritamos 'É Campeão', Meu Deus! A alegria não cabia naquele quarto escuro e nem senti a dor quando caí da cama comemorando pulando como uma criança boba.

O tempo passa, novas conquistas, muitas decepções, a intensidade da paixão oscila e a vida segue. Mas nunca me esquecerei desse dia. Era 12 de junho de 1993. Era final de campeonato. Era Palmeiras contra o nosso grande rival. Era dia dos namorados e conheci o meu primeiro Amor.

## Sufrimento olímpico

*Luís Henrique Franco*

Muitos ainda lamentam o trágico dia em que a seleção brasileira perdeu de sete a um para a Alemanha nas semifinais da Copa de 2014. Para muitos, esse foi o evento mais trágico na história do nosso esporte, a pior derrota que jamais presenciamos. Contudo, existe uma outra derrota que me deixou ainda mais triste e, embora não tenha sido tão marcante quanto o ocorrido na Copa, certamente levou mais de uma pessoa às lágrimas.

Já haviam se passado dois anos desde o sete a um, e estávamos em meio às Olimpíadas de 2016. Jogando em casa, o Brasil carregava um espírito de força e determinação toda vez que entrava em campo, e todos nós presenciamos momentos surpreendentes em modalidades que, até então, costumavam passar despercebidas. Isso não quer dizer, porém, que não houberam sérias derrotas, e algumas ocorreram nos esportes pelos quais somos conhecidos. Uma delas ocorreu no vôlei. Aqui, devo dizer que, embora não seja um seguidor fanático dessa modalidade e não acompanhe todos os jogos de nossa seleção, nutro uma paixão pessoal pelo vôlei, tanto masculino quanto feminino.

Desde 2008, acompanho a saga dos nossos jogadores e presenciei suas grandes vitórias em três Olimpíadas. Em 2012, durante as competições de Londres, nutri uma paixão gigantesca pela equipe formada por Sheilla, Fabiana, Jacqueline, Fernanda Garay.... A equipe que conquistou o ouro mostrou-se como uma das melhores, e havia a certeza de que conquistariam o ouro novamente em casa.

Um sonho bonito, mas que infelizmente encontrou uma barreira poderosa: a China. Todos diziam como a seleção chinesa havia crescido no vôlei, como ela era uma grande ameaça para a nossa seleção. Mas eu tinha confiança. Havia visto as meninas do Brasil jogando quatro anos antes. E de fato, em um primeiro momento, elas me presentearam com uma exibição memorável. Dois sets a zero contra as chinesas. Naquele momento, eu previa vitória. O Brasil avançaria mais um passo rumo à grande final do Vôlei Feminino e rumo a uma novíssima medalha. Um sonho que naufragou logo em seguida.

Após dois grandes sets vitoriosos, fica difícil imaginar que a China conseguiria virar o placar. Mesmo depois da vitória no terceiro set, achei que ainda não havia muito com o que se preocupar. Um tropeço, nada mais. Mas em alguns casos, é o mais simples tropeço que leva alguém ao chão. Quando as duas seleções retornaram para o quarto set, a preocupação começou, uma vez que o Brasil não conseguia abrir vantagem contra a rival e ficava cada vez mais para trás no placar. Segundo set vitorioso para a China. O quinto e último estava prestes a começar, o momento decisivo. Mas, uma vez que algo escorrega de nossas mãos, é muito difícil pegá-lo de volta sem que caia no chão e se quebre. Eu assisti, com pesar no coração, enquanto as chinesas triunfavam sobre as donas da casa e seguiam para a próxima fase. Se me perguntassem, diria que essa dor foi maior que a do 7 a 1. Pelo menos, contra a Alemanha, a derrota já havia sido anunciada nos primeiros minutos, com os primeiros gols e, por mais que o massacre tenha sido doloroso, nada é pior do que ver

uma boa equipe sofrer uma virada estando tão próxima de dar o jogo por encerrado.

Que chorem pelo 7 a 1. Minhas lágrimas são pelo 3 a 2 da China, e o adeus injusto a uma grande seleção dos Jogos Olímpicos.

## Que dia é hoje?

*Matheus Tambolini Schmidt*

Que dia é hoje? É quarta. Quarta?! Meu deus, tem jogo hoje!

O coração dispara, será que dá tempo de chegar em casa antes da bola rolar? Ah, ainda são nove, se não tiver trânsito, está tranquilo.

Quer dizer, tranquilo mais ou menos, os dois zagueiros, o lateral esquerdo e o armador estão machucados. Mas tudo bem, o que importa é o coletivo, já dizia Tite. E além do mais, o adversário é fraco... Mas é jogo fora...

Chego em casa, pós expediente, não vai dar tempo de tomar uma ducha, melhor o banho ser só no intervalo, vou pegar uma geladinha pra relaxar.

Bola rola... 20 minutos, ainda não finalizou no gol. Mas é isso mesmo, o time é eficiente, só precisa de uma boa chance. Jogo tá nervoso, cerveja já esquentou.

Quase 45 minutos, três de acréscimo, o meio campo está capenga, mas pelo menos não tomou muito perigo nessa primeira metade. Angústia já tá subindo pelo estômago. Treinador vai dar uma sacudida no vestiário pro time voltar melhor.

Segundo tempo, essas bolas na área já estão irritando, será que não percebem que não vai dar em nada? Tá na hora de mexer, mudar esquema tático, qualquer coisa, senão vai acabar no zero a zero. Ih, rapaz, vai trocar o cara grosso pelo pior ainda... Já tô desiludido. Mentira, ainda dá pra marcar! Vai Corinthians!

“E o relógio marca 44 nesse segundo tempo, Romero lançou, boa bola pra Clayson, na cara do gol, tirou do goleiro, deu pro Jô, tocou... GOOOOOL!”

Nunca duvidei. Segue o líder.

## Os operários de uma nação

*Mônica Guimarães*

O ano de 2012 foi um dos mais especiais para um clube da capital paulista de nome Sport Club Corinthians Paulista, quem assistiu as partidas do time naquele fatídico ano só teve motivos para comemorar, mas também sentiram na pele o que é ser um corinthiano maloqueiro e sofredor.

Em algumas competições o time teve um rendimento mediano, como no campeonato Brasileiro, no qual terminou o torneio com 57 pontos em 6º lugar, e no campeonato Paulista, no qual foi eliminado na fase quartas de final, diante da Associação atlética Ponte Preta. O “boom” veio a ocorrer em outros dois torneios internacionais: a Taça libertadores da América e o Mundial de Clubes da Fifa onde a equipe foi campeã de forma invicta.

A equipe dava provas de que as competições internacionais não seriam fáceis, porém desistir de uma partida por ter um resultado adverso nas mãos certamente não passava pela cabeça do técnico Tite, que hoje treina a seleção Brasileira de futebol, muito menos de seus jogadores. Um exemplo disso foi o resultado de 1 a 1 contra o Deportivo Táchira na Venezuela com um gol feito no finalzinho – partida válida ainda pela fase de grupos da Libertadores.

Os torcedores assistiam a todos os jogos apreensivamente, todavia, pareciam confiar que a equipe daria bons frutos, tanto isso é verdade que no mínimo 20 mil pessoas foram para o Japão acompanhar a equipe, naquele que seria o seu bicampeonato mundial. É claro que os corinthianos são apaixonados pelo time, mas se o mesmo não transmitisse tanta confiança talvez este número fosse menor.

A jornada do Mundial iniciou-se com uma vitória, sofrida, contra o Al Ahly por 1 a 0. Não foi um jogo de futebol vistoso, daqueles que os telespectadores tem certeza de qual equipe sairá vencedora, porém, a equipe corintiana manteve o seu DNA, tendo uma defesa segura e um ataque cirúrgico, conquistando assim a vaga para final contra o poderoso Chelsea.

Com certeza esta final foi marcante. O que se pôde ver foi uma torcida que praticamente invadiu o estádio de Yokohama no Japão, que não coincidentemente, é o mesmo local onde a seleção Brasileira foi campeã do mundo em 2002. Os mais supersticiosos diriam que o local é místico para os brasileiros, certo é que superstição não ganha troféu.

Logo ficou perceptível que a partida não seria fácil, nos primeiros minutos de jogo o goleiro do Timão fez uma defesa à queima-roupa, a pelota quase ultrapassou a linha do gol, mas ficou presa de baixo das pernas do arqueiro, este não foi o único milagre da noite Cássio defendeu no mínimo cinco bolas que levaram grande perigo a sua meta, prova

disso é que ao fim da partida foi considerado o bola de ouro do campeonato (melhor jogador do torneio).

Outro personagem do jogo foi Paolo Guerrero, o centroavante, do time e responsável pelo gol do título e por fornecer momentos de êxtase para a torcida corintiana. O sobrenome desse jogador diz muito sobre qual foi o comportamento da equipe durante o jogo, foram homens guerreiros que pareciam se multiplicar em campo e não desistiam de nenhuma bola, obtendo o controle da partida em muitos momentos, além de lutar bravamente como um operários a fim de atingir metas grandiosas em seu trabalho.

O mais importante nisso tudo não foi o resultado, mas sim a forma com que cada um jogou. É possível até mesmo recordar da origem do “clube que foi fundado nas esquina das ruas José Paulino e Cônego Martins, no bairro do Bom Retiro, o grupo de operários formado por Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone”. É como se nós em um momento de glória retornássemos a nossa origem humilde, enfrentamos as dificuldades como um time com poder aquisitivo muito maior do que tínhamos mas no final das contas a união foi a força que nos fez vencedores pela segunda vez.

Não era um time, era uma família. Representando 30 milhões de LOUCOS pelo timão, comandados por um mestre chamado Tite que com honestidade soube gerenciar pessoas extraindo deles. Tudo pareceu ser sonho, porém era real e ficou para história na vida de muitos.

Para mais informações, acesso o site <https://www.corinthians.com.br/clube/historia>.

## A Taça mais importante

*Murilo Loureiro Sion*

Era uma noite fria do mês de junho, véspera do feriado de Corpus Christi de 2011, mas não uma noite qualquer. O Santos FC iria decidir a Copa Libertadores mais uma vez, na busca pelo terceiro título da competição. Para mim, era a segunda final de Libertadores do Santos que estava no estádio e, embora não lembrasse muito da minha primeira vez, no ano de 2003, dessa vez não poderíamos perder novamente.

O Pacaembu estava lindo, quase inteiro de branco, lotado, todos tensos e concentrados no jogo que estava por vir. O adversário era o Peñarol, do Uruguai, e o primeiro jogo no Centenário havia sido um empate sem gols. Dessa maneira, quem ganhasse em São Paulo venceria o duelo e um empate levaria aos pênaltis. Eu estava no estádio com minha família: meu pai, meu irmão e minha irmã.

Os jogadores entraram em campo e a torcida santista começou a festa, com muitos sinalizadores, bandeiras e bateria. O Santos começou a partida melhor, mas ainda não conseguia chutar muito ao gol, o que deixava a torcida cada vez mais apreensiva. O tempo passava muito rápido, tanto que em o que pareceram minutos, o primeiro tempo acabou com o empate em 0x0.

Até que no início do segundo tempo, em uma arrancada de Arouca, um passe de Paulo Henrique Ganso de letra de volta para o meio campista, que deu apenas uma rolada para o nosso craque Neymar chutar forte no canto do gol, nosso time abre o placar. Minha família inteira se abraça, a torcida comemora, fazendo o “Paca” explodir de felicidade.

O jogo ficou perigoso, com o Peñarol atacando mais, buscando o gol, fazendo o clima da torcida esfriar um pouco. Mas, por volta de 30 minutos do segundo tempo, nosso lateral direito Danilo driblou seu marcador e chutou com muita técnica no cantinho do goleiro. 2x0 e o Pacaembu explode novamente. Felicidade geral!

Mas, como nenhuma vitória do Santos pode ser tranquila, pouco tempo depois, em um cruzamento desprezioso da equipe uruguaia, nosso zagueiro Durval coloca para dentro. Gol contra e 2x1. O resultado ainda era favorável, mas a equipe precisava se defender. A torcida continuava apoiando, tentando fechar o gol junto com o time.

O Santos se segura até que o árbitro apita o final de jogo e o Santos vence sua terceira Libertadores da América, se tornando um dos maiores vencedores brasileiros da competição. Todos se abraçam e comemoram nas arquibancadas, assim como os jogadores no campo. Por lá, o ídolo das nossas duas primeiras conquistas da América e melhor jogador da história do futebol, Pelé, abraça o nosso craque dessa conquista, Neymar. Uma cena histórica para qualquer torcedor do Santos. O tri era nosso!

## As cinco mulheres

*Natália Isepi*

Cinco jogadoras. Onze jogadores. Essa era a composição dos dois times universitários de rugby que disputariam uma partida naquela manhã seca de domingo.

A princípio o jogo não ia acontecer, já que o time adversário da equipe feminina acabou não aparecendo. Mas aquela seria a primeira partida de rugby da vida dessas cinco mulheres. Elas conheceram o esporte ao entrar na faculdade e como recém calouras já decidiram mergulhar em uma descoberta dessa modalidade. Descobriram força, garra, equilíbrio, velocidade e paixão. Paixão pelo rugby e pela oportunidade de defender o nome da faculdade que elas acabaram de fazer parte: FEA USP.

Foram quase 3 meses de aprendizado e treinos para elas então disputarem o campeonato Bichusp 2015. Parece pouco, mas para essas mulheres esse tempo foi milimetricamente valorizado. Por isso seria um desastre se nenhuma partida acontecesse naquele domingo. Como o esporte ainda possuía pouca adesão das universitárias, o único time adversário desse campeonato seria o de calouras da SanFran, que surpreendentemente resolveu não aparecer para a única partida que elas disputariam.

“Por que não jogamos contra o time masculino da SanFran? Eles estão no campo ao lado e já terminaram de jogar faz um tempo!”, disse uma das integrantes do time. O técnico olhou com um olhar suspeito, hesitou uma primeira resposta, mas depois de um tempo se posicionou: “Vocês querem jogar? O que importa aqui é a vontade de jogar.”

Todos discutiram sobre o assunto e decidiram rapidamente que esse jogo seria possível. Por que não? O único ajuste necessário foi colocar três jogadores do time masculino da FEA no time das mulheres, já que ele estava defasado e o jogo seria disputado em um campo de futebol.

A equipe da SanFran escolheu 8 de seus jogadores, melhores ou piores, não importava para eles, pois todos estavam debochando da situação. “Não vamos poder tacklear, né? Mas aí não é rugby, é flag, pô!”

As regras foram definidas: tackle entre homem e mulher não era permitido; mas ambos poderiam segurar e derrubar no chão com os dois corpos juntos. De resto, todas as regras foram mantidas.

E a partida começou. As meninas estavam focadas, se olhavam sempre para organizar suas posições e dar suporte umas para as outras. A sua união era incrível. Elas gritavam, pediam bola, seguiam com as suas táticas, protegiam suas atacantes. No começo elas até que estavam tímidas, evitando avançar nos homens e tensas em seguir suas vontades no jogo. Mas durou pouco tempo.

A velocidade e a tática das cinco chamava muita atenção. Em 30 minutos de partida se percebia o quanto essas meninas treinaram e o quanto elas tinham vontade de jogar e



aprender aquele esporte.

A SanFran pontuava bastante, mas elas não se afetavam, sabiam que tinham algumas desvantagens, mas que aquilo não importava no momento. O que importava era jogar; sentir o rugby; viver o rugby! E isso encantou a todos que assistiam.

Em muitos lances os homens do time adversário se incomodaram com roubadas de bola, jogos de corpo e até mesmo algumas derrubadas feitas pelas mulheres!

O jogo estava 11 x 5 para eles, mas mesmo assim eles não pareciam satisfeitos. Eles esperavam ser mais fácil, mais “bobo”. Mas é claro que eles pensavam assim, afinal, as mulheres somente entraram para os esportes em 1900. A cultura de desprezo e rejeição ainda é fortíssima. Mas essas cinco mulheres apareceram para mudar o *mindset* das pessoas ali presentes.

A partida estava chegando ao seu fim, mas nenhum dos jogadores pareciam cansados, apesar do calor intenso. Todos apresentavam expressões de satisfação e respeito pelo jogo que ali aconteceu. O placar final: 13 x 7 para a SanFran. Um baita jogo! Desses 7 pontos da FEA, 5 foram feitos pelas mulheres.

Todos se cumprimentaram e parabenizaram as meninas pela raça, força de vontade e pelo amor ao rugby. Naquele momento, a vitória pouco importava. O verdadeiro sentido do esporte era o que prevalecia: paixão e superação. Gênero? De que interessa? A força aqui não é física, é emocional.

## Interusp XXX - O relato do Tesoureiro

*Osiris Miguel Rodrigues Turim*

Organizar um churrasco com os amigos não é das tarefas mais simples. Pensar na lista de convidados, nas compras a fazer e nas desculpas aos vizinhos que irão reclamar do barulho. Até os meus 19 anos, acho que um churrasco foi o maior evento que organizei. Foram cerca de 50 pessoas, todos curtiram muito e até hoje quando reunimos parte da turma que foi nessa festa nos referimos como umas das melhores que fomos até hoje. Apesar do sucesso desse pequeno churrasco, qualquer um podia notar que aos 19 anos eu não tinha a experiência e talvez nem a maturidade necessária para tocar um grande evento. No entanto, a vida nos reserva grandes surpresas.

Em 2013 eu passei no vestibular da USP e comecei minha graduação em Administração. Sempre tive interesse nos esportes, então era natural que em pouco tempo eu já estaria envolvidos com os times e isso me levou até a AA AVC (Associação Atlética Acadêmica Visconde de Cairu) ou, para os mais íntimos, Atlético FEA USP. Comecei indo aos poucos, ainda não conhecia todo mundo que ficava lá, mas de uma forma tão natural, quase uma inércia, eu já estava indo lá todo dia e passava mais tempo na “salinha” da Atlético do que nas aulas. Comecei ajudando em alguns eventos, trabalhando “uma horinha ou mais” nos bares das festas, porém gradativamente aprendendo mais sobre como funcionava aquela organização e ficando mais e mais amigo de todos de lá. Em pouco tempo eu já gostava muito daquele lugar, vestia as cores da FEA e a faculdade começou a ter outro sentido para mim. Os veteranos diziam que no “cafofo”, espécie de mini depósito atrás dos armários de moletons, vivia um polvo que prendia todos na salinha que pelo menos uma vez tivessem sentado no sofá da Atlético. Fiz várias faxinas na Atlético e nunca encontrei esse polvo, mas que ele existe, existe.

Chegando ao fim do primeiro ano de faculdade, eu queria muito ter uma função grande na Atlético, um cargo com responsabilidades, onde eu pudesse deixar minha marca naquele ano. Eu sabia que existia o cargo de Diretor de Modalidade, Diretor de Eventos e o de Diretor Geral de Esporte (DGE), quase um trampolim para a Presidência da Atlético no ano seguinte dado que todos os ex-presidentes tinham sido DGE's também. De início queria ser DGE, não muito pela função, mas por saber que era uma função importante e que no ano seguinte poderia “brigar” por um cargo alto na gestão da Atlético. Não fui escolhido para ser DGE, falaram que o meu perfil combinava mais com outro cargo. O cargo de Tesoureiro da InterUSP. Eu sabia da competição, tinha ido no ano anterior, mas não sabia que havia um cargo para tesoureiro ou que a FEA tinha o histórico de sempre indicar alguém para posição. De início, torci o nariz para o cargo. Será que não confiavam em mim? Que cargo é esse? Quem é Cenoura (tesoureiro do ano anterior)?

Depois de algumas conversas, principalmente com o Rodrigo, vulgo Cenoura, que era o atual Tesoureiro da competição, eu aceitei. Fui na primeira reunião, era o fechamento esportivo e financeiro da competição e a reunião foi inteira conduzida pelo Cenoura e

o Jorge, presidente da competição no ano. Eu achei aquilo incrível, não via a hora de eu ser o responsável pela reuniões, sentar na frente de todos no auditório da Faculdade de Farmácia. Ainda não sabia todas as responsabilidades que viriam, mas só de ver a imagem que todos tinham do Cenoura, meu lado esportista competitivo falou mais alto. Ali eu vi que daria o meu máximo para o melhor da InterUSP no ano seguinte e também para ser considerado um tesoureiro melhor do que os passados.

Nessa reunião também, conheci o Pedro, aluno da Medicina USP e, como eu, também jogava handebol pela Faculdade. Pedro seria o Presidente da InterUSP XXX (30ª edição) e eu seria o Tesoureiro junto com ele. Era isso. Nós dois estávamos a frente da InterUSP. A próxima reunião já foi toda liderada por nós e aos poucos já íamos conhecendo os membros das outras atléticas participantes. Acho que por ir mais nas festas e ser mais comunicativo, logo já tinha amizade com todos e conquistei a confiança deles, já o Pedro não conseguia tanto cativar os membros das atléticas e isso levava muitas vezes a desconfiança sobre o trabalho dele. Mas não tinha problema, eu sabia que a competição era minha e dele, se não confiavam nele, eu garantia para todos que o trabalho estava sendo feito e isso acalmava os ânimos. Dessa forma, seguimos com as reuniões.

Fiz grande amizade com o Presidente e DGE da Farmácia e logo já passava um bom tempo na semana na atlética deles. Me apaixonei pela Tesoureira da Farmácia, quase namorei com uma menina de lá. Fui convidado para todas as festas das Atléticas participantes, festas da Politécnica, Odontologia, ESALQ, São Francisco, Medicina, Farmácia.

Nossa, eu adorava ser Tesoureiro da InterUSP, mas não era pelas festas, eu adorava o sentimento de responsabilidade que o cargo me dava e o respeito que eu conquistei por conta dele. Mas o que eu mais adorava eram as amizades que eu tinha criado, principalmente com o Pedro. Pedro era tímido, não tinha as melhores piadas e não era considerado o cara mais bonito pelas meninas que iam nas reuniões. Mas o Pedro era um cara incrível, ele era muito esforçado, orgulho da família por ter passado em Medicina, tinha o sonho de ajudar as pessoas, era o exemplo para seu irmão mais novo. Eu passei a ser amigo dele, admirá-lo do jeito que ele era.

Viajávamos muito juntos atrás de uma cidade-sede para competição. Araras, Taubaté, Taquaritinga até que a encontramos o palco da nossa competição, Vargem Grande do Sul. Imagino que você que esteja lendo não conhece, eu não julgo pois também não conhecia. Ninguém conhecia.

Parecia estar tudo fechado para nossa competição, tínhamos a cidade com todas as praças esportivas necessárias, todos as quadras e campos, eu já tinha feito reuniões com todas as arbitragens. Estava quase tudo perfeito, mas, como eu já disse, a gente nunca sabe as surpresas que a vida nos reserva. Há pouco de um mês antes da competição, Pedro teve um acidente de carro e veio a falecer. Eu não acreditei quando soube da notícia. Fiquei alguns minutos parado em choque até comecei a chorar sem parar. Voltei a chorar desse forma só dois anos depois com o falecimento de meu pai. Foi horrível e eu conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. No dia anterior ao acidente, ele havia me

mandado uma mensagem dizendo que eu era bom, muito bom tesoureiro e que ele estava gostando muito do trabalho que estávamos fazendo. Ele só me disse que gostaria de ter sido mais meu amigo. Nunca tinha ouvido na vida um pedido desses, ele queria minha amizade? Como assim? Nós éramos amigos. E minha resposta foi exatamente essa “Cala boca Pedrão, nós somos amigos assim. que pergunta é essa, cara?”. Essa foi minha última mensagem para ele. Não foi uma mensagem ruim, mas se eu soubesse que essa seria a última vez que conversariamos, teria pensando em algo melhor para escrever.

Após o acidente, fomos ao funeral dele. Toda a Atlética FEA USP foi junto comigo e foi lá que eu conheci o irmão que ele tanto falava. O menino era a cara dele. Também vi a mãe dele e imaginei como estaria minha mãe se estivesse sentido a dor dela. Chorei só de imaginar aquilo.

Mas e agora? E o InterUSP? E todo o trabalho que ele tinha feito?

Fizemos uma reunião extraordinária e decidiram por continuar a competição, não íamos jogar o trabalho dele fora. Pedi ajuda a alguns ex-atleticanos que já tinham sido presidente dos jogos e a InterUSP XXX aconteceu !

Não dormi os dois primeiros dias, acordava cedo, comia algo e ficava responsável por todos os jogos de uma praça esportiva. Isto é, levava todas as súmulas para os jogos que aconteceriam ali e era responsável por falar com as arbitragens e garantir que elas estivessem no horário da partida. A noite tínhamos uma reunião para discutir qualquer ocorrência que pudesse ter ocorrido durante o dia e marcar os jogos do dia seguinte. E claro, avisar a arbitragem de tudo isso.

Lembro de muito frio na barriga no primeiro, mas depois eu já estava acostumado, parecia que era tudo natural. As engrenagem da InterUSP estavam girando e não podiam parar. Foram os melhores 4 dias que já vivi. Sinto pena do Pedro não ter visto o resultado do trabalho dele, os jogos foram ótimos, o resultado excelente e todos só tinham agradecimentos pelo trabalho.

Hoje, 3 anos depois, já não conheço quem foi o(a) Tesoureiro(a) da InterUSP. Espero que ele ou ela tenha tido uma gestão mais tranquila que a minha, mas que tenha terminado com os mesmos sentimentos. O primeiro “nunca acreditei que eu pudesse ser capaz de tocar algo tão grande e fiz isso bem, dando o meu melhor”. O segundo “como foi bom ter vivido tudo isso”.

Quem vê de longe uma Atlética de uma faculdade, um time universitário e jogos universitários, não entende a dinâmica, a quantidade de responsabilidade que isso demanda ou o sentimento que ela nos traz. O InterUSP é a Copa do Mundo que a FEA não conquistou, o InterUSP foi o primeiro grande evento que eu organizei. InterUSP me fez rir e chorar, chamá-lo só de jogos, é um desrespeito a tudo que aconteceu na sua 30ª edição, nas passadas e não que se seguiram. O InterUSP é grande !

## A baliza

*Paulo Cesar Santos*

No futebol é conhecida também por trave, meta e gol. A maioria fala: “Chuta no gol!” Tem suas dimensões da seguinte forma: mede 7,32 de comprimento e 2,44 de altura. A sua construção é feita de ferro, pvc , madeira etc, de formas redondas e quadradas. Normalmente é pintada de cor branca.

Ela fica colocada no meio das linhas de fundo, circundada por linhas que demarcam a grande área , pequena área e linha de fundo.O goleiro é seu grande defensor. Ele tem a incumbência de protegê-la para a bola não ultrapassar a sua linha de gol.

Em certos momentos do jogo os atletas que estão atacando mandam cruzar no 2º pau ( que seria um dos postes, e ou o mais distante ).Na cobrança de um pênalti ela é fixada por todos os olhares, aguardando o desfecho do chute. Às vezes o goleiro o defende, outras bate na trave e outras vai para fora.

Observada por todos os jogadores, comissão técnica e público que estão assistindo o jogo com muita atenção e emoção. Quando um jogador do ataque chuta a bola em direção ao gol e ela se choca na na mesma o torcedor vai a loucura e fala : “trave azarada”

Em alguns lances do jogo, nos chutes a gol, a bola passa raspando a trave para emoção dos torcedores. Os árbitros quando entram em campo, antes do jogo iniciar, vão até as balizas para fazer a devida checagem. Uma equipe ataca e outra defende a baliza de todas as formas.

Crucificada , odiada e adorada, às vezes, durante o jogo por jogadores e torcedores, quando a bola se choca contra a mesma e não entra no gol. Participei de muitos jogos em que minha equipe jogava muito bem , atacava bastante e em alguns chutes a bola se chocou contra a trave e com isso não conseguia o resultado positivo.

Lembro que em muitos jogos os treinadores pediam para cruzar a bola no 1º pau ou no 2º pau da baliza e com isso tentando no caso uma jogada ensaiada. Muitos cruzamentos , da direita ou da esquerda tinha que ser pelo alto para o jogador tocar de cabeça e conseguir confundir a zaga adversária para o outro colega da equipe finalizar ao gol.

Leva muita alegria para todos quando a bola ultrapassa a linha do gol. Convive com as emoções de todos durante uma partida. Já aconteceram muitos lances em que os jogadores se chocaram contra a trave causando, às vezes, contusões graves.

Outro dia depois de um jogo bem disputado e com grandes emoções entre Atlético Paranaense e Coritiba o técnico do Atlético disse o seguinte: “ o melhor jogador do Coritiba em campo foi a trave”. O motivo foi que o Atlético acertou por 3 vezes a trave do Coritiba e a bola não entrou. O resultado final deste jogo foi 1 x 1. Durante a semana

as traves servem como ponto de exercícios para os jogadores treinarem situações de jogo próximo à meta.

Os exercícios são praticados de forma variada próxima a baliza, tanto treinos de defesa como também de ataque. No treinamento de ataque os jogadores ficam executando chutes ao gol e cruzamentos para cabecear no gol, enquanto os jogadores de defesa executam treinos tirando a bola para fora da área com a cabeça e pé após cruzamentos da esquerda e direita.

Hoje a maioria das equipes fazem treinamentos com campo reduzido , ou seja pequenos jogos com 2x2, 3x3, 4x4, etc, usando as traves pequenas. Exercício muito bom para trabalhar tanto a parte física como a técnica dos jogadores.

Também tem os exercícios lúdicos para promover um exercício técnico, como o desafio do gol, trave ou travessão. Para realizar este joguinho o atleta fica no meio de campo com a bola posicionada. Na sequência executa um chute em direção ao gol. Se a bola acertar o gol ganhará um ponto, se a bola acertar a trave ganhará 2 pontos e se a bola acertar o travessão ganhará 3 pontos. Ao final somará os pontos e quem somar mais ganhará o jogo.

Dizem que um determinado treinador diminuía a altura dos travessões quando o jogo era com adversário muita melhor que a sua equipe com o objetivo de levar vantagem. Se terminasse 0 x 0 seria um excelente resultado.

Na Copa do Mundo realizada no México em 1970, Pelé fez uma jogada espetacular driblando o goleiro do Uruguai com um jogo de corpo e chutando a bola que passou ao lado da trave, que seria um golaço.

Em outro que assisti entre São Paulo x Corinthians, o jogador Rivelino chutou uma falta e a bola entrou pelo lado de fora da trave. O árbitro acabou validando o gol.

## Só futebol, só esporte

*Pedro Paulo Sousa Argôlo*

Quando eu era pequeno, ou melhor, criança – faz um tempo que eu não sou pequeno de fato – meus amigos me diziam que eu ia ser treinador de futebol. Normalmente os técnicos de futebol são ex-jogadores – de maior ou menor sucesso –, mas eu nunca joguei bem – aliás, até hoje eu nem sei como fazer mais que três ou quatro embaixadinhas –, então deveria começar direto como treinador, ou esperar até fazer quarenta anos – porque todo técnico é mais velho né. Mas eu sempre me destaquei no conhecimento psíquico do esporte – na verdade, qualquer conhecimento psíquico –, prova disso era o fato de – antes do Cartola! – eu saber as escalações e os elencos de muitos times, inclusive alguns pequenos e curiosos, resultado das longas horas que eu passava jogando videogame – apesar de eu fazer dois colégios (tempo integral): um de ensino regular e outro de ensino profissionalizante. Eu tinha adquirido o hobby – chamemos assim – de ter um clube do coração para cada país dentre aqueles que o esporte era mais ou menos desenvolvido: Alemanha, Itália, França, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina, México, Japão, etc... Além do meu já amado tricolor do Morumbi – a propósito, time que teve o maior treinador da história: o Telê.

Bem, a verdade é que nem sempre eu gostei de futebol – sim, mesmo certa vez um amigo meu me dizendo: “não, eles (eu e meu mano) não conversam só sobre futebol, 99% é futebol, 1% são apostas... sobre futebol” –, até os 8 anos eu mal tinha um time: minha mãe, que é corinthiana, mas não acompanha muito (só um pouco) e meu pai – curado do “vício” em futebol que tinha no passado –, que é palmeirense – já minha única irmã é santista –, não quiseram me converter às suas “religiões” –, na verdade, isso também vale para a religião de fato, eu me tornei católico porque quis –, queria que eu tivesse o direito à escolha – que se eu tiver um filho ele não terá –, assim quando minha “vódrasta” (esposa segunda do meu avô paterno) me deu um conjunto do maior time do Brasil, achando que eu fosse são-paulino, eu de fato me tornei um. E passei de um garoto que mal jogava bola aos 7 anos – também não me lembro de ter visto o mundial de 2005 – para um fanático – no bom sentido. Na realidade, eu talvez não seja um fanático no mau sentido graças ao empenho dos meus pais. Mas talvez quando eu me bancar eu me torne um sócio.

Lembro-me pela primeira vez com carinho do São Paulo quando eu recebi da minha madrinha – ainda não à época – um pôster comemorando a ultrapassagem do MITO em relação ao recorde de mais gols de um goleiro, que estava nas mãos de Chilavert. Outra grande recordação foi o choro amargo (o dia mais triste no futebol que eu já senti) ao ver o tricolor ser vencido e eliminado pelo Fluminense por 3x1 nas quartas de final da Copa Libertadores de 2008, com gol de Washington nos acréscimos e à voz da minha vó que me pedia para ir dormir.

Hoje grande parte do que eu sou são os esportes. Como exemplos, meu perfil do Instagram apresenta a descrição: louco por esportes; já meu perfil do Twitter apresenta na lista das “Minhas paixões” os esportes, seguidos de alguns esportes específicos: futebol,

football (futebol americano) e basquete.

Quantas vezes não iniciei ou fui iniciado numa conversa – às vezes uma amizade – devido ao meu interesse pelo esporte! Por vezes uniformizado: “E aí, são-paulino”, “Ô, Lugano”, “E aí, Kaká”, etc. Eu costumo pensar que quando eu vejo um torcedor do São Paulo, do Broncos (football), do Lakers, da Juventus, do Brasil, da Itália... é como se eu visse um irmão. Acaso já sentiu a sensação de ver um brasileiro quando está em outro país? Ou em dia de jogo e algum carro ou moto passa ao seu lado e buzina: “Vai São Paaaulo!”? E quem não gosta de brincar com o amigo quando o time dele perde?

Eu disse que jogava quase que só jogos de futebol no videogame, passado um tempo comecei a jogar outros jogos: de MMA, tênis, hóquei, futebol de areia, etc. Grande parte do meu tempo livre é dedicado ao esporte. Até do meu tempo de estudo – faço uma iniciação científica em estatística esportiva. Só não podemos cair no fanatismo e machucar os outros devido ao esporte – o que é diferente da brincadeira.

Bem, para alguns é só futebol ou é só esporte. Cada um, cada um, né? Pra mim é bem mais que só esporte, só futebol, é uma parte de mim.



## Hoffen: ter esperança em alemão

*Rafaella Guerra Moreira*

Esperança. Palavra engraçada de origem latina e de significado muito melhor explicado do que sentido. Significado esse que foi muitas vezes redefinido em minha vida no ano de 2014, Copa do Mundo no Brasil.

Essas redefinições começaram na verdade na Copa das Confederações de 2013. Que noite fantástica, em uma demonstração de perfeição e bom futebol o Brasil fez 3 gols – e não tomou nenhum – na atual campeã mundial, a qual não se necessita mencionar, pois só o que importa era o país verde e amarelo e o grito de “O campeão voltou” que trazia a primeira redefinição da tal palavra. Esperança naquele momento era certeza.

Um ano depois começava a Copa do Mundo de 2014 e uma variedade de sentidos se misturavam em mim, mas o da esperança continuava ali, como certeza. No decorrer dos jogos do Brasil na fase de grupos as dificuldades foram aumentando, e nem todo jogo a certeza era presente, mas a Esperança, ela sim sempre esteve lá. Um novo significado surgia: vai melhorar.

Chegadas as oitavas de final a aflição e o nervosismo se apresentaram em um jogo contra um país que merece ser citado. O Chile não facilitou e fomos para os pênaltis. A Esperança agora era: Seja o que o Deus quiser!

Felizmente (ou não) Ele quis que o Brasil passasse para as quartas de final, mas também quis que o nosso melhor jogador deixasse a competição neste jogo. Mesmo assim estávamos na semifinal e a esperança tornou-se incerteza.

Passados alguns dias no começo do jogo que decidiria a vaga para a semifinal a palavra voltou para sua essência: “confiança em coisa boa”. Com 11 minutos um gol do adversário, mas a Esperança estava incrivelmente intacta até que em 6 minutos Klose, Kroos e Khedira trataram de mudar seu significado para confiança em coisa muito difícil de acontecer. Para terminar as memórias, no segundo tempo Schürrle finalizou tudo e transformou a pobre da Esperança em inexistente.

Porém, quando faltava 1 minuto para o fim do jogo a bola cai nos pés de um brasileiro que durante todo o jogo parecia que havia esquecido sua nacionalidade e vai parar nas redes do gol alemão, neste momento a palavra companheira daquela Copa ganha uma pequena sobrevida e um novo significado com uma duração de mais 4 anos que agora estão chegando ao fim. Naquele momento e até hoje Esperança é: confiança em que o Brasil volte a ser O País do Futebol.

## 4 de dezembro

*Raissa Oliveira Martins*

04/12/2011. Parecia que ia ser mais um dia normal, mas longe disso. Era dia de Corinthians x Palmeiras. Era dia de decisão de Campeonato Brasileiro na última rodada. Foi o dia em que o eterno Doutor nos deixou. Aquele dia era qualquer coisa menos ordinário.

O nervosismo já vinha de meses de um campeonato disputado ponto a ponto com o Vasco, ora empatado, ora com dois pontos de vantagem pro coringão. Ingressos comprados desde outubro, para o que poderia ser o pentacampeonato ou um dos dias mais dolorosos.

E eis que o dia chegou. Noite mal dormida, ansiedade muito grande, pronta para acordar e fazer todos os rituais de superstição possíveis e existentes. Mas mais do que isso, acordar com a notícia de que o Sócrates havia nos deixado. Um dos jogadores mais importantes da história do futebol corinthiano e brasileiro havia nos deixado. Um dos líderes da democracia corinthiana, doutor, magrão.

Fomos então para o palco desse espetáculo, eu e meu pai, no Pacaembu. Tobogã, mais precisamente. Torcida muito aflita pelo jogo e também chorosa pelo doutor. Muitas homenagens, algumas lágrimas antes mesmo do jogo começar.

E começa então o derby decisivo. Corinthians em busca do campeonato, Palmeiras querendo tirar o título do seu maior rival na última rodada. Me lembro do jogo como se fosse ontem, muito truncado, ninguém arriscando muito, ambos os times com medo. O melhor lance com certeza foi a firula do Jorge Henrique em relação ao Valdívia, porque a partida terminou no 0x0.

O grito de gol não saiu, mas saiu o grito de é campeão, saiu o grito de “É Sócrates”. Era o penta do timão, ao vivo e em cores.

E pareceu predestinado. Pareceu até programado. Em 1983, o Doutor disse “Quero morrer em um domingo e com o Corinthians campeão”.

Desejo atendido.

## Areias do tempo

*Raphael Bueno Medeiros*

Eu tinha 10 anos de idade e morava numa rua de terra, Rua Floro de Oliveira, periferia de Guarulhos, ou seja, periferia da periferia. Naquela época a rua tinha acabado de ser asfaltada e um lado inteiro dela era composto por terrenos baldios e o outro por casas. E espero que todos saibam o resultado da combinação entre terreno baldio e periferia, caso não saibam o resultado é o clássico campinho altamente improvisado.

Nosso primeiro campo tinha um coqueiro plantado no ponto exato do círculo central, quantos dribles únicos para quem jogou ali foram inventados, jogava a bola de um lado do coqueiro e corria pelo outro era a minha única jogada, jogo de corpo que levava o adversário a dar de cara com o coqueiro era a especialidade dos menos habilidosos, mas não nego que me utilizei dessa técnica algumas vezes.

Mas como tudo nesse mundo, o melhor campo da minha infância foi desfeito porque alguém resolveu que naquela região seria bom construir um condomínio, assim sendo, fizemos o melhor que podíamos fazer, improvisamos outro campo. Esse campo contava com a camaradagem dos trabalhadores da construção porque ele ficava dentro da área que eles estavam construindo.

Com a localização desse novo campo, ao lado do agora extinto “Campo do Coqueiro”, também tivemos a adesão de um elemento novo nas peladas do pessoal do bairro... areia. O planejamento do espaço do campo não foi dos melhores, parte do campo tinha areia e outra parte não, mas era tudo que tínhamos e adorávamos.

Em um dia qualquer, fui acompanhar meu pai para ver um jogo dele, sim, o campinho não era exclusivo para as crianças, ao contrário, não sei quantas vezes fomos expulsos pelos mais velhos, relegados a jogar na rua, pagando com nossas unhas e tampões do dedão deixados no asfalto a base de grito e choro. Mas nesse dia eu estava indo como mero espectador, acompanhar meu pai, goleiro do time da rua, bicampeão do torneio entre os trabalhadores da FIAT, tricampeão do torneio do bairro. Meu pai era no mínimo muito bom no gol, e tentava me passar alguns ensinamentos volta e meia, por exemplo: não fechar o olho e não ter medo da bola.

Chegamos lá, não era campeonato, era apenas um jogo entre os mais velhos da nossa rua, mas alguns jogadores faltaram desfalcando um dos times. Conversa vai, conversa vem, eu estava mais preocupado em brincar com os outros 3 garotos que foram acompanhar os pais ou irmãos mais velhos, quando alguém chama a gente e avisa que jogaremos. Conferência básica entre os adultos definindo as regras, de relevante e óbvia apenas uma: não chuta forte

quando tiver criança no gol. Eu escolho ficar no time oposto ao do meu pai, não iria perder a oportunidade de fazer um gol nele e falar isso pra ele todo dia da vida dele.

O jogo começa, eu jogava no meio, se é que dá pra considerar jogar quando seus

oponentes têm de 3 a 4 vezes a sua idade. Mas essa parte não tenho na memória, era apenas um momento normal, e, como os momentos normais de dias comuns, minha mente deve tê-lo descartado não muito tempo depois. Por algum motivo acabo indo para o gol. E nessa hora vem uma das minhas memórias mais queridas da infância.

Um dos melhores jogadores da rua era o Mazinho, ele deveria ter algo entre 18 e 25 anos. Atacante, boa gente, direto ele comprava doce ou refrigerante pra mim e para o irmão dele no barzinho da rua. Mas nesse momento ele é o meu rival. Ele dá um corte no nosso volante, alguém da zaga chega junto dele, ele é obrigado a conduzir a bola pra uma área com mais areia que o normal, e na pressão ele chuta a bola. Minha visão desse momento em nada deve se parecer com a realidade do momento, mas carrega a magia que uma criança de 10 anos vê no futebol.

Aquela correria toda na frente da minha área tinha levantado uma nuvem de areia, além disso o Mazinho se deslocou para a parte que tinha mais areia quando foi chutar. O chute cruzado dele fez um túnel de ar no meio da nuvem de areia, só era visível o Mazinho na posição do chute, a bola, e esse túnel de areia apontando na minha direção. Eu não pensei, apenas ouvi os conselhos do meu pai naquele instante, não feche os olhos e não tenha medo da bola, dei um passo para a direita e pulei para a minha direita, dando aquela ponte clássica, esticando o corpo todo e apenas o braço direito, olhos abertos, olhos na bola, força no braço, aquela bola era minha. E foi.

A bola acertou em cheio a palma da minha mão, jogando areia no meu rosto e principalmente no meu olho, mas não foi o pior. O Mazinho, sob pressão, não calibrou a força do chute, dando uma literal pancada que eu defendi ao preço de sentir meu braço todo dormente e formigando. Logo após cair no chão já pedi ajuda, obviamente gritando de medo de algo ter acontecido. Em 2 segundos meu pai estava em cima de mim vendo o que havia ocorrido com meu braço, no momento seguinte estava quase levantando o responsável pelo chute pelo pescoço. A turma do “deixa disso” chegou, mas fato era que o Mazinho tinha exagerado na força. Meu pai atravessou a rua e me deixou em casa e voltou para o campo, acho que para tentar conseguir a briga que o impediram. 20 minutos depois meu pai me chama no portão, pergunta como que estava meu braço, nessa hora já estava bem, dolorido, mas bem. Meu pai abre um sorriso e me chama pra ir no barzinho para a confraternização pós-jogo.

Chegando lá o Mazinho vem pedir desculpas pra mim e me dá um refrigerante. Tudo bem entre ele e o meu pai. Sento no meio dos adultos, me sentindo muito importante porque pegaram um lugar pra mim, normalmente eles incentivavam as crianças a ir brincar e sair dali, mas naquele dia não.

Sentei na cadeira destinada a mim e com o meu refrigerante comecei a escutar sobre o que estavam falando, mas quando meu pai chegou, com outro refrigerante para mim, ele trocou o assunto. O assunto era a minha defesa, como tinha sido espetacular, como eu tinha pulado, como parecia com ele quando eu tava no gol, como eu não tive medo da bola. Eu ali vendo, vendo meu pai todo orgulhoso de mim, contando aos sete ventos como eu tinha realizado aquela defesa deve ter sido um dos melhores momentos

da minha vida.

Acabei virando e preferindo a posição de goleiro depois disso, e sempre que meu pai tinha a oportunidade de ver algum jogo meu no gol ele lembrava essa história e ficava todo feliz. Infelizmente, serei eu quem contará essa história para os netos dele mas espero que eles façam defesas espetaculares e mágicas também para que eu possa lembrá-las para eles anos depois, assim como meu pai fazia.

## O sonho olímpico

*Renato Filippini*

Tudo começou com um simples e-mail em 2014. Não esperava nada além de uma resposta negativa. Porém, um ano após o início do processo de voluntariado, recebo a confirmação de que seria mais um voluntário dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

A preparação para a viagem começou com uma dinâmica em São Paulo, onde conheci alguns colegas que também seriam voluntários nos jogos. O principal fato que me chamou a atenção foi a razão pela qual diversos voluntários estavam ali, a frustração por não ter competido em uma Olimpíada como atleta. Chegando ao Rio de Janeiro, sozinho, me dei conta do que estava por vir. Um evento mundialmente conhecido, com pessoas de todos os tipos e de todos os lugares do mundo unidas pelo esporte.

Meu trabalho consistia em fazer com que os sistemas de troca de informação do Velódromo Olímpico funcionassem. Para isso, havia um grupo formado por mim, um russo, um americano e quatro brasileiras que se revezavam para garantir a entrega de todas as informações dos acontecimentos da arena. As informações eram entregues para hotspots dentro do próprio velódromo, onde cada área técnica detinha uma central. Resumindo, controlávamos a chegada de informações para os técnicos, atletas, mídia e juízes.

Além do trabalho na parte da tarde, tive acesso a todo Parque Olímpico durante o tempo em que trabalhei. A experiência olímpica vai muito além do esporte. Pude ver de perto o sentimento que o público sentia ao entrar naquele parque. Um misto de euforia, felicidade e, principalmente, surpresa. Nós, brasileiros, não estamos acostumados com eventos desta magnitude, com isso, era perceptível o quanto o público estava eufórico com as dimensões daquele evento e o quanto ele representava.

Foram cerca de seis dias atuando como voluntário, um trabalho que tinha mais cara de diversão do que propriamente “trabalho”. Após passar todos estes dias vivenciando o espírito olímpico, posso afirmar com toda a certeza que fui convencido a buscar por mais experiências como esta. As amizades criadas, as palavras em outros idiomas aprendidas e as lembranças daqueles dias ficarão para sempre na minha memória. Espero um dia poder reviver momentos como estes, e porque não, logo ali, na Tóquio 2020.

## Juego picante

*Roberta Capalbo*

O time de Marcelo Gallardo estava saindo dos vestiários para disputar o segundo tempo do Superclásico, quando um dos torcedores xeneize atirou gás de pimenta sobre os jogadores do River Plate. Ponzio, Vangioni, Funes Mori e Kranevitter foram os mais afetados. Adrián Napolitano, também conhecido como “Panadero” e autor desse desastre que apimentou um dos maiores clássicos do mundo foi proibido de entrar nos estádios, além de punido a prestar serviços comunitários em Igrejas durante 3 três anos. A partida válida pelas oitavas de final da Libertadores de 2015 não terminou e o River levou a classificação. Os rivais se cruzaram porque o Boca tinha a melhor campanha da primeira fase e o River, a pior.

Tudo começou quando o Panadeiro disparou o spray de pimenta caseira no túnel inflável por onde regressava o rival para o segundo tempo, perto da barrabrava 12, o que resultou em um escândalo de agressões entre os jogadores e até entre os técnicos Marcelo Gallardo e Rodolfo Arruabarrena e a entrada ao campo do próprio presidente millonario, Rodolfo D’Onofrio.

Leonel Vangioni, Leonardo Ponzio, Ramiro Funes Mori e Matias Kranevitter foram os mais afetados, pois além de apresentarem manchas amarelas na pele, evidenciaram severas irritações nos olhos.

“É uma vergonha o que está acontecendo. Olha o que nos fizeram. Não havia necessidade deste ataque”, disparou Gallardo, que discutiu com Arruabarrena, que por sua vez pareceu querer agredir ao técnico riverplatense.

“Esse partido tem que ser suspenso, estamos indo todos a merd\*, propunha aos gritos Fernando Cavenaghi que ocupava o banco de reservas.

No meio de todo esse alvoroço, o árbitro Dário Herrera postulava uma espera “prudente” antes de tomar uma decisão sobre a continuidade ou suspensão do jogo.

O único que não tinha espera era a confirmação de que aquele jogo tinha se tornado um papelão para a história xeneize.

Após uma hora foi decidida a suspensão do jogo. A evacuação do estádio foi tranquila. Às 02:30 da madrugada, o ônibus com a equipe rioplatense chegou ao Monumental, com exceção dos jogadores Ponzio, Vangioni, Kranevitter e Funes Mori que foram levados ao hospital.

Esse jogo ficou imortalizado na cabeça dos torcedores millonarios e deu início a uma nova canção feita pelos Los Borrachos del Tablón, que diz assim:

“Te sacamos de la Copa, te sacamos otra vez

Che bostero hijo de put\* te volvimos a coger

Lloraste por las patadas

Lloraste com un cagón

Llora ahora que la Copa la ves por televisión

TIRASTE GAS, ABANDONASTE

LO SUSPENDISTE PORQUE NO TENÉS AGUANTE”

Vale lembrar que antes da suspensão o jogo seguia empatado e que o empate daria a classificação ao River Plate, porque o mesmo havia ganhado o primeiro jogo entre os dois times.

Podemos concluir muitas coisas com esse jogo e uma delas é que esse foi um clássico bem picante.



## O que aconteceu em 8 de julho de 2014?

*Rodrigo dos Santos Silva*

Eu não sei como o caro leitor lida com as derrotas trágicas. Mas eu, bem... eu não costumo festeja-las. Aliás, vivo a me perguntar como algumas pessoas podem se divertir com isso. Ao invés de exaltarmos nossas conquistas, preferimos fazer chacota de nossa própria derrota. Eu gostaria de falar daquele 8 de Julho de 2014. Nós brasileiros, em todas nossas derrotas, sempre achamos um culpado. E isso parece servir como forma de alívio. Delegamos a culpa a uma determinada pessoa e nos sentimos melhor. Foi assim com o Ronaldo em 98, foi assim com Roberto Carlos e o seu meio em 2006, foi assim com Felipe Melo em 2010. Mas em 2014, se fosse para culpar alguém, deveríamos culpar os astros, o destino, os deuses do futebol...

Um ser humano comum não poderia carregar tamanha culpa! Nem mesmo o mais durão deles, que carregava no bigode todo o peso da obrigação de ganhar em casa e que em sua história, estava acostumado a apanhar da mídia e dar a volta por cima. Já se passou um ano, e eu ainda me vejo como os jogadores naquele dia dentro de campo, olhando pro lado... perdido... procurando uma explicação que simplesmente não existe. Nunca vi a reprise daquele jogo, mas me lembro a sensação ruim que cada gol me causou, pela primeira vez, vi meus olhos marejados por causa da seleção. Entendi que existem derrotas e existem vexames, percebi que mesmo um dos maiores vexames que já ouvi falar. A vitória do Uruguai na copa no mundo de 1950, pôde ser facilmente superado, quando meu pai chegou em casa aquele dia, não falamos sobre o jogo (como era e ainda é de costume), não criticamos esquema tático, nem jogador A ou B. Simplesmente nos olhamos, com semblante triste, de quem sentiu o baque e nos abraçamos, e só não choramos, porque naquele momento, um sustentava o outro. Ninguém podia desabar. Minha mãe achava besteira, e eu a compreendo, ela não vive tão por dentro do futebol. Seria simplesmente impossível explicar a dimensão de todo aquele sentimento. Aqui em casa, não se trocou uma palavra sobre aquele fatídico jogo de 8 de Julho de 2014, ainda hoje, pouco se fala, muito se sente e nada se comemora! A dor a gente simplesmente respeita.

## O dia que me redescobri atleticano

*Stéfano Silveira*

Nós nos apaixonamos, muitas vezes, por coisas que nos trazem sofrimento, em alguns casos até demais.

Cresci com os berros de descontentamento de meu pai, com a infelicidade recorrente e a insistência quase masoquista de um torcedor do Atlético Mineiro.

Atlético este, que deixava a desejar sempre: Eliminações precoces, futebol de meio de tabela que trocava figurinhas com o rebaixamento e a sombra atordoante de um título demasiadamente distante.

Eu, criança, não me aguentei, me recordo de ficar impressionado ao descobrir que um dos jogadores de um elenco passado se chamava “Mexerica”, e morrer de rir ao ouvir meu pai balbuciar seu nome em frente a televisão.

2005, pra mim, fora a gota d’água, uma campanha que não condizia com a torcida e a história do clube, um rebaixamento que abalou de vez minha simpatia com o galo e reforçou meus laços com o Santos Futebol Clube, que em meio a pedaladas e artimanhas de um time de jeito genuinamente moleque, conquistou toda uma geração.

Mas, o que sempre me deixou perplexo, era esta paixão que meu pai preservava... trinta anos sem glórias, sem poder gritar “É CAMPEÃO” para algo que não fosse seu campeonato regional ou as antigas taças Conmebol... inúmeros campeonatos perdidos por mudanças repentinas de regulamento e mesmo interferências inacreditáveis da arbitragem (vulgo Libertadores de 81).

Minha mãe me explicava com uma frase de caráter jocoso, que sempre me marcou: “Filho, melhor que ganhar é torcer pro Galo!”

E eu demorei muito tempo pra compreender isso, mas atleticano é mesmo um bicho diferente... é um tipo de lealdade invejável, que não se conquista com títulos... é uma massa fiel e apaixonada que por muito mereceu gritar ser campeão e se manteve íntegra, por maior que fosse a fila e as vitórias de seu rival Cruzeiro no cenário nacional.

O atleticano torce mesmo contra o vento, como bem disse Roberto Drummond, e os ventos nunca foram favoráveis.

O ano é 2013, após uma campanha de início louvável e de final trágico no brasileiro de 2012, ao ver o título escapar para mãos cariocas, o Galo finalmente voltava à libertadores.

Jogadores renegados, um técnico azarado e toda atmosfera de subestimação que ronda os times fora do eixo Rio-São Paulo.

De cara, o sorteio oferece como oponente o tradicional time do São Paulo, e assim mais voz é dada para aqueles que desconfiam da capacidade do clube mineiro.

Mas a bola é jogada, e o campo revela a verdade.

Estive presente naquela que fora a vitória mais magra do “galo doido” na primeira fase. 2 a 1 no The Strongest na arena Independência.

Apesar do placar, sentia algo diferente... não era o Galo que conhecia, era enfim, o Galo Forte Vingador, do hino que aprendi antes de qualquer outra canção em minha vida.

A bola atravessava todo o pequeno campo do Horto, domínio de Ronaldinho, lançamento para Jô, Bernard e seu jeito improvisado, Victor implacável, Leandro Donizete fazendo jus ao seu papel de xerife acompanhado do “Pitbull” Pierre, carregando o fardo de preencher os espaços deixados por Réver e Leonardo Silva, que eram usados como arma letal nas bolas aéreas no campo de ataque.

E não deu em outra: campanha indiscutível e uma surpresa que deixava os corneteiros incrédulos.

Nas oitavas: São Paulo novamente, ironicamente, contra todas as previsões, com a (merecida) pior campanha.

Porém a fama do São Paulo de se reerguer em mata-matas inundava os comentários de jornalistas esportivos em programas populares, “agora o galo cai”.

Mas, a bola é jogada.

E o campo, meus amigos, é onde se revela a verdade.

E no campo, meus amigos...

2x1, Morumbi

4x1, Independência

6x2, agregado.

6 a 2... se havia alguma coisa que precisava ser provada ela foi naquele momento.

Uma goleada, uma redenção.

Não poderia ver um sorriso mais sincero na cara do meu velho.

Estava ali, seu cartão de visita.

Estava ali o tão esperado Galo Forte Vingador.

Mas, se fosse fácil, não seria Galo.

E quem diria que aquela empolgação de meu pai, daria lugar à apreensão da campanha mais emocionante da história da copa continental.

Tijuana, era o time das quartas.

Um empate com gol raçudo de Luan no final do jogo do México garantiu o empate pelo placar de 2 a 2.

2 gols fora, qualquer vitória ou empate simples resolveria as coisas pro Galo.

Não fomos neste jogo de última hora, devido a imprevistos.

Benditos imprevistos...

O jogo se desenrolou com um 1 a 1 que não aparentava apresentar tanto perigo.

Mas eis que Leonardo Silva cala toda a euforia atleticana.

46 minutos do segundo tempo... pênalti, bobo.

E só podia ouvir meu pai repetir “de novo não”.

Não era a primeira vez, ouvi este “de novo não”, ouvi algumas vezes em minha infância.

Contra o Botafogo na Copa do Brasil.

Contra o Cruzeiro no Brasileirão.

Contra mais uma vez o Botafogo, na Copa do Brasil.

Era, mais uma vez, o começo do caos.

O fim de um sonho por um último lance de jogo.

Silêncio.

O som do apito ressoa.

Riascos.

Victor.

Riascos.

Victor.

VICTOR.

VICTOR.

VICTOR.

E de novo, não.

Ao menos desta vez.

Os demônios foram exorcizados por São Victor, o torcedor atleticano era quem se exaltava com o resultado final da partida.

Acompanhei inúmeras decepções como resultados mudados ao final da partida, pênaltis mal marcados, pênaltis não marcados, mas esse ano não, esse ano era do Galo. Era um time diferente, com raça. Finalmente, o torcedor atleticano pôde fazer valer todo seu orgulho de vestir sua camisa alvinegra, de gritar aos quatro cantos que o Galo era o Brasil na Libertadores.

Finalmente compreendi o que era ser Galo.

O nosso Galo.

## O voo de Ceni

*Victor Deucher Figueiredo Santos*

Era 18 de dezembro de 2005, quando o São Paulo (do outro lado do mundo!) lutava para conquistar o título mais importante de sua história. O mundial de Clubes da FIFA, o primeiro a ser disputado no atual modelo, tinha que ficar com um clube (ou melhor, o clube) que representasse o Brasil. Afinal, a nação brasileira respira futebol, enxergando este quase como uma religião; era extremamente justo que o título viesse para um povo que desse tamanha importância à ele.

E a justiça foi feita! Com suor, lágrimas, e sacrifício de todos da equipe tricolor, o Clube da Fé fez o sonho impossível tornar-se realidade.

Eram incríveis os comandados por Paulo Autuori. Estes não se destacavam por ter um elenco recheado de estrelas, mas sim por sua disposição em campo, levando cada jogo como uma final, levando o clube a vencer a final da Libertadores atropelando o Atlético PR pelo placar de 4 a 0! Cada um dos 11 tricolores tinha que encarar o maior desafio de suas vidas ao enfrentar o esquadrão do Liverpool, que, além de ter um senso de coletividade como o da equipe tricolor, contava com o destaque individual de Gerrard, Carragher, Xabi Alonso, Luis Garcia, entre outros. Além disso, o Liverpool estava há 11 jogos sem tomar um único gol, o que só parecia tornar ainda mais impossível a missão do tricolor paulista naquele fatídico dia.

Contudo, o que realmente contou foram os 90 minutos, nos quais o São Paulo não conseguiu ser Soberano embora tenha levado a taça. O Liverpool atacava e atacava, cruzando, chutando de perna direita, esquerda, no ângulo, no canto e no meio do gol... mas parecia que o destino já estava selado desde o apito inicial. De fato, para o título vir, em momento nenhum a bola poderia passar de Rogério Ceni. E passou, três vezes! Sorte que todas elas foram bem invalidadas por Benito Archundia, o árbitro da partida. Se fosse outro, quiçá o destino não seria o mesmo.

Desde o começo do jogo o Liverpool pressionava, mas o São Paulo “achou” o heroico gol logo aos 27 minutos da etapa inicial, numa trivela “paraguaia”, de acordo com o próprio Amoroso, para o volante Mineiro, que deslocou Pepe Reina com a facilidade de um centroavante do quilate de Ronaldo Fenômeno ou Romário. Quando a bola passou do arqueiro espanhol, Galvão gritou “gol do São Paulo!”, mas poderia ter falado que era do Brasil, como narrou aquele gol do Fenômeno no penta.

Daí em diante, foi Rogério Ceni o verdadeiro herói, um verdadeiro MITO na partida. Agarrou até o vento, não deixou passar nem pensamento! Dentre as inúmeras finalizações do Liverpool, houve a famosa falta de Gerrard, eternizada na história, cobrada com maestria no ângulo esquerdo da meta de Ceni; que voou para, perfeitamente, fazer a maior defesa de sua carreira, uma genuína prova de amor ao Clube da Fé.

O resto das defesas de Ceni, talvez não tão incríveis como esta na cobrança de

Gerrard (mas mesmo assim fantásticas!) renderam à ele o prêmio de melhor jogador, não só da final mas também do Mundial de Clubes.

Isso foi tudo o que Ceni precisava (e merecia) para se consolidar como um dos maiores jogadores da história do São Paulo Futebol Clube. O que aconteceu a partir do ano seguinte, o tricampeonato brasileiro, deixou poucas dúvidas sobre quem merecia o posto de maior jogador que já jogou pelo único brasileiro (na época) tricampeão da América e do mundo.

## **Acredita!!!**

*Victoria Pissolato*

Se tem uma coisa que a gente aprende no esporte universitário é que a sensação de vitória não necessariamente está ligada com a derrota alheia.

Desde que entrei na faculdade e comecei a treinar Futsal, ansiava muito mais por jogar e ver o time todo entrosado e satisfeito com o desempenho coletivo do que ganhar do adversário – não que seja extremamente ruim conseguir os dois.

A FEA sai do InterUSP deste ano com essa sensação. Em termos absolutos, mantivemos-nos na terceira colocação. Mas, relativizando, foi um terceiro muito bom. Foram 12 semi finais, 9 finais, algo que se isso fosse falado antes, ninguém ia botar fé.

Sabe, é muito fácil ganhar quando você acredita na vitória. Não aquela crença esperançosa que beira à utopia, mas sim quando você sabe que vai ganhar. Quando você já viu a vitória, quando você sabe que é o melhor, quando suas previsões dizem que dá. Agora, experimentem convencer toda a sua faculdade de que “olha, a gente não tem um clube próprio com recursos abundantes, tampouco 900 ingressantes por ano; a gente nunca ganhou; mas a gente acha que, se você der o seu melhor, a gente consegue o inédito”. Foi esse tal de “RAÇA FEA”, contra tudo - todas as previsões, toda falta de sorte no chaveamento, todo tabu de que íamos para o inter para buscar o terceiro lugar – e contra todos - uspianos e até feanos que não acreditavam em nós mesmos.

O título não veio esse ano. Mas o resto veio: lá estávamos nós, no sábado à noite, fazendo contas pra ver se era possível. Foi bonito ver a esperança no olhar dos atletas. Foi bonito ver torcedor chorar no pênalti. Foi bonito sentir o gosto da vitória, partida após partida, conquistando lugar em nove finais, das doze semi disputadas. Foi bonito chegar na reunião de tabela com mais jogo pra marcar do que a Poli. Foi bonito ganhar seis dos oito confrontos diretos com a Medicina. Foi um terceiro lugar? Foi, mas foi um terceiro lugar bonito.

A FEA tem que fazer além do arroz e feijão: não temos todos os times completos e não temos o passado a nosso favor. Não temos a melhor estrutura ou a maior gama de atletas.

Mas a gente tem Raça. Agora a gente acredita, e agora vamos buscar.

## O fatídico dia

*Virgílio de Sousa*

AUTORIZA O ÁRBITRO...

E assim começava a final da copa do mundo de 2002. Galvão Bueno, aquele que calado é um poeta, narrava com seu jargão o início da partida. Eu estava tenso...o Brasil estava tenso...pois no mesmo sofá que estava assistindo esse início de partida, degustando pipoca com manteiga, eu havia assistido aquele desastre da final da copa de 98 na qual, digamos assim, o MC Zidane havia comandado um verdadeiro baile “funk” em cima de nós. Acredito que a esmagadora maioria dos brasileiros que viu 98 pensou em 98 nesse começo de partida de 2002, como numa sensação de engolir a seco alguma coisa...mas era outro time, agora era a Alemanha de Oliver Kahn, Alemanha essa que nos enfiaria um 7x1 no futuro( O DEUS, Por que???) mas o 7x1 deixaremos para uma futura crônica....Enfrentaríamos a temida Alemanha liderada por Oliver Kahn, o goleiro que era considerado o melhor do mundo..seria o talento brasileiro suficiente para superar a frieza alemã? Essa dúvida passava na cabeça de milhões de brasileiros...mas enfim começava o jogo...começava o jogo da dúvida...da superação...da consagração ou da humilhação? Aqueles 90 minutos iriam dizer...confesso que não lembro de detalhes da partida, pois minha gente, o jogo foi em 2002 e estamos em 2017...mas uma rápida consulta ao youtube me leva claramente ao ano de 2002...Assisto os melhores momentos e claramente me sinto em 2002...boas chances para os dois lados...numa bola enfiada do gaúcho, Ronaldo Fenômeno perde uma chance clara de gol...

MEU DEUS, ira se repetir 98?????????

Que aflição...o tempo está passando..estou deitado em meu sofá e jogo um olhar para minha tia, que é quase uma mãe para mim e apaixonada pela seleção brasileira...nada precisa ser dito...nessa troca de olhares já entendemos a angústia que ambos estamos passando...acaba o primeiro tempo...intervalo...a família começa a discutir o jogo...eu me calo, vou para o meu quarto...olha, confesso que não tenho uma relação muito íntima com Deus...mas, meu amigo que por ventura lê essas linhas, em final de copa do mundo não existe brasileiro ateu...em meu quarto, faço uma súplica ao Criador pedindo para que fossemos campeões...retorno para a sala...reinicia o jogo...os alemães têm uma falta para bater...eles batem com tanta força que a bola milagrosamente não entra, explodindo na trave de São Marcos...logo ali, meus caros, comecei a sentir que seríamos consagrados campeões...então começa a jogada do primeiro gol...Ronaldinho, como um verdadeiro gatuno, rouba a bola do alemão e toca pro Rivaldo...Rivaldo chuta...

MEU DEUS O KAHN SOLTOU A BOLA, RONALDINHO CORRE MEU DEUS  
EEEEEE...GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOLLLLLLLLLLLLLLLLL  
LL ROOOOONALDINHO!!!!!!!!!!!!

Ufa, que alívio....espera um pouco, quer dizer que o “melhor goleiro do mundo”



falhou? Confesso que, olha, nunca cogitei ser jogador profissional de fato, mas na escola eu jogava de goleiro...era pré adolescente...em uma competição que tivemos, eu falhei, tomei um gol e sai chorando do gramado...meus caros que já se arriscaram debaixo das traves, quando você falha, não tem como você não ficar abalado por mais frio que você seja...mas naquele momento em 2002, já tinha 50% de certeza do título...até que Kleberson, como um foguete, dispara para o ataque...a jogada vai se criando...Rivaldo deixa a bola passar pra chegar no Ronaldinho....

MEU DEUS, QUE LINDO...

Ronaldinho chuta no cantinho e e GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOLLLLLL.

O Brasil explode de emoção...eu explodo de emoção, que sensação maravilhosa...agora eu tinha a certeza do título..

ACABOUUUUUUUUUUU É PEEENTA!!!!!!!!!!!!!!

E assim, enterrávamos o fantasma de 98.....98 estava morto!!! Confesso que sempre que o Brasil jogar contra a França, eu me lembrarei de 98, mas lembrança mais forte na minha mente e coração será a final da copa de 2002...Quando os presos do corredor da morte vão ser executados, eles podem escolher fazer uma última refeição de acordo com seus gostos...olha, se estivesse nessa situação, eu não escolheria fazer uma refeição..eu pediria para rever a final da copa do mundo de 2002...eu reviveria esse fatídico dia.

## O dia que me aproximei de Garrincha

*Wagner Tertuliano de Lima*

Bragança Paulista, pequena cidade do interior do Estado de São Paulo. Corria o final do ano de 1966. Era um domingo que amanheceu bonito e ensolarado, mas decisivamente não era como os outros. Sentia-se no olhar, nos movimentos e atitudes das pessoas algo diferente. Percebia-se que em alguns bares, nas ruas e na praça da cidade não se ouvia falar de outra coisa. Assunto não faltava, e pelas palavras dos interlocutores, havia um presságio de que um grande e significativo fato iria ocorrer. No já caótico trânsito das ruas centrais, desfilava muita gente em carreatas que seguravam bandeiras, cornetinhas de plástico e assopravam estridentes apitos, e nessa euforia soltavam gritos de satisfação e alegria, chamando a atenção dos curiosos que perfilavam nas calçadas.

Mas o que de importante estava por acontecer? Qual o motivo de tanto barulho espalhafatoso? E porque essa comoção tomou conta da cidade? Uns diziam está chegando o carnaval, outros tinham a impressão que comemoravam a passagem da padroeira da cidade. Mas não era nada disso e sim um grande jogo pelo conceituado e importante Campeonato Paulista, onde o humilde Bragantino de Odarci, Luizinho, Luizão, Hamilton, Roberto e Walter, Del Pozo, Hélio Burini, Nivaldo e Wilsinho iria enfrentar o todo poderoso Corinthians de Heitor, Jair Marinho, Ditão, Clóvis e Edson, Nair e Rivelino, Marcos, Tales, Flávio e Gilson Porto, e além de já ter um grande time neste ano de 1966, o Esquadrão do Parque São Jorge ainda contratou o mundialmente e aclamado como “a alegria do Povo”, Garrincha, que dava dribles maravilhosos e desconcertantes, e foi Campeão Mundial de 1958 e 1962, mas, já era considerado veterano para o futebol com a idade de 32 anos.

Neste dia diferenciado a cidade estava apinhada de pessoas importantes, a imprensa falada, escrita e televisiva a todo o momento dava destaque para essa contenda histórica. Próximo ao Estádio Marcelo Stefani, milhares de torcedores chegavam com grandes bandeiras e cantarolavam o hino do Sport Clube Corinthians Paulista, em oposição aos torcedores do Clube Atlético Bragantino, que não ficavam atrás. Enfim, aquele aglomerado de torcedores dos dois alvinegros entoava e referenciava cada vez mais alto o nome do seu apaixonado clube.

Eu nos meus 14 anos observava a multidão, sentia aquela vibrante emoção, e feliz por estar ali naquele momento inesquecível, participar como torcedor numa partida de grande peso era tudo o que eu queria para ver os grandes astros corintianos e talvez a maior contratação da época que era o famoso Gênio das pernas tortas, Garrincha.

Porém, havia um detalhe, que separava a minha vontade de assistir o jogo da entrada, para dentro do Estádio. Eu simplesmente estava sem dinheiro para comprar o ingresso. Então, entre um momento de tristeza e frustração, me veio à evidência de um

infinito brilho e plena lucidez. Ao ver a Delegação Corintiana, descendo do ônibus para adentrar os vestiários, não tive dúvidas, me misturei com os jogadores e fui parar na boca do túnel que dá acesso ao campo de jogo. Ali fiquei estacionado até o início da partida, pois não havia a mínima possibilidade de eu ir para as arquibancadas.

Ao presenciar os jogadores entrando no campo, eu parecia um deles, e qual foi a minha surpresa naquele magnífico momento da minha vida, o jogador Garrincha que não pode jogar, ficou do meu lado assistindo a partida e eu com a minha característica curiosidade de adolescente lhe perguntei por que não iria jogar? E ele na sua humilde resposta: Estou fora de forma, mas, dentro de alguns dias eu voltarei aos gramados. Tempos depois fiquei sabendo que esse eterno craque de pernas tortas só jogou 13 partidas pelo Corinthians, pois já não tinha mais condições pelo seu vício com as bebidas alcoólicas e por também estar com os joelhos estourados. Por pouco tempo estive ao lado de um lendário atleta que foi considerado um dos maiores jogadores de futebol do planeta.

## O jornalista esportivo

*Luciano Victor Barros Maluly*

Quando comecei a escrever esta crônica sobre jornalismo esportivo, minhas pernas tremeram da mesma forma de quando tive a oportunidade de ser titular, pela primeira vez, de uma equipe de futebol. Eu tinha sete anos e fui acompanhar meu primo Marcelo ao quintal da casa dos vizinhos. O dono da bola também era um menino gordinho, um ano mais velho, e que seria titular porque, simplesmente, era o dono da bola. O nome dele era José Luiz Cerveira Filho (hoje professor de sociologia na Universidade Federal do Paraná). Os garotos maiores jogariam na linha e o Zé, mesmo xingando a todos, ficou como um dos goleiros. Ninguém queria *jogar no gol*, mas, para mim, seria a glória. Fiquei lá, quietinho, esperando uma chance. “*Bota o Tuquinho!*”, meu apelido de criança, gritou um dos moleques. “Ele é muito pequeno e magrinho”, o outro menino sussurrou. “Sua mãe ficará brava”, disse o meu primo. Tomei coragem e fui lá, sem falar uma palavra. Não tomei nenhum gol e, quando estávamos ganhando de cinco a zero, o goleiro adversário começou a chorar e fugiu com a bola gritando “*Eu quero jogar na linha!*”.

E foi ali na Estância Turística de Piraju, no interior paulista, que comecei a descobrir o meu amor pelos esportes e pelas atividades físicas. Aprendi a nadar no Rio Paranapenama, quando meus amigos Rogério Campanelli e Renato Dardes Barbério tomaram a minha boia de pneu de caminhão no meio da travessia e precisei retornar, sozinho, a nado até a beira do rio. Também foram esses mesmos amigos que me empurraram do trampolim do Iate Clube Piraju, onde aprendi a dar alguns saltos.

Pratiquei atletismo, futsal, basquete, vôlei e, principalmente, handebol na escola. Gostava tanto desta última modalidade, que uma vez virei herói estudantil, quando disputamos a final do campeonato da aula de Educação Física, ministrada pelo professor Theodoreto Porfírio da Rocha Júnior, chamado de Doretinho. O jogo decisivo estava empatado, quando defendi um pênalti no último minuto e ainda fiz o gol da vitória ao encobrir o goleiro adversário que estava adiantado. Considero o feito como a minha primeira conquista como “profissional”. Devo ao meu professor os ensinamentos sobre o esporte e a educação física. Aprendi com ele as regras das modalidades e também valores como o jogo limpo (*fair play*), a amizade e, principalmente, dar o melhor de si, mesmo que o resultado não seja o esperado.

Também joguei futebol de campo, tendo sido campeão interescolar da cidade na categoria até os 14 anos. Não joguei a final, porque fiquei doente em virtude de minha irmã Christiane ter caído de Mobilete (tipo de bicicleta motorizada). Preferi ser solidário a ela. Também joguei os Jogos Regionais em Garça, onde fomos vice-campeões, com muito orgulho. Lutamos para ser vice e ali aprendi que nem sempre o *campeão* é o primeiro colocado. A cidade de Marília, representada pelos juniores do Marília Atlético Clube, ficou em primeiro, mas ambos saímos vencedores.

Meu último jogo na cidade foi como titular do time de futsal do Tiro de Guerra. Que time! Estávamos entrosados, mas ficamos em quinto lugar, jogando como a seleção brasileira dos craques Douglas e Jackson - ídolos da garotada na época - que conquistou o bicampeonato mundial em 1982 e 1985.

Alguns atletas da minha cidade sempre impressionaram pelo talento, como o Marquinhos Zampieri e os irmãos Rogério e Alexandre Mineiro (craques em todas as modalidades), o Cláudio Pezão e o Zé Carlos Nunes (pelos dribles), o Paulo Kase (pela raça) no futebol, a Elianinha no basquete, a Lúcia Goretti na natação, entre tantos outros. Ficava admirando e torcendo pelos meus ídolos.

Porém, foi com o time profissional do Piraju Futebol Clube que enfrentei os primeiros desafios como torcedor, junto com o meu primo Ricardo Pedro. Quando adolescentes, queríamos assistir aos jogos, mas, como bons malandrinhos, sem pagar o ingresso. Em vez de gastar o dinheiro com o jogo, guardávamos para o sorvete e a pipoca. Só tinha uma saída: pular o muro e se esborrachar no terreno que ficava do lado oposto das arquibancadas. Deixamos o jogo começar para não sermos flagrados. O resto era só comemorar. Nosso ídolo, assim como dos demais torcedores, era o goleiro Gilmar, que era o único titular natural da cidade. Do Piraju Futebol Clube, recordo do esforço do falecido presidente Pedro Jonas da Silva, o Pedrão, um incentivador do esporte na cidade, que sempre organizava campeonatos e levava a molecada para participar de algumas peladas com os craques da época. Ficava no banco e entrava nos segundos finais, com orgulho de compartilhar o tapete sagrado com meus ídolos, como Tarugo, Mané Carioca, entre outros.

Quando terminei o colégio, fiquei perambulando por um tempo, pensando no que fazer da vida. Sempre fui muito estudioso e cheguei até a passar no vestibular para o curso de Educação Física na Universidade Estadual de Londrina, no Paraná. Desisti, porque sabia que o meu destino era outro. Anos depois, passei novamente UEL, mas desta vez para o curso de jornalismo. Logo no primeiro ano, comecei a frequentar as aulas obrigatórias de Educação Física. Para mim, era um prazer. No primeiro jogo, o nosso professor formou um grupo para treinar contra o time titular da UEL. Primeira bola do jogo, primeiro gol do *fixo* (jogador de marcação) do catadão. O professor ficou chateado com a situação e eu mais ainda, pois torci o pé no final do jogo.

As minhas memórias permanecem nos campos, nas quadras, nas piscinas, nos rios e nos lugares onde se pratica uma modalidade ou qualquer atividade física. Dou o mesmo valor aos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol e aos atletas amadores que caminham pelo Campus da Cidade Universitária. Sempre desejei contar algumas histórias, assim como revelar o que aprendi com os meus mestres ou o que ensino aos meus alunos. E hoje o meu sonho se transformou em realidade ao escrever esta crônica esportiva.

## Um empurrãozinho

*Alexandre Bianquini do Amaral*

A vida é feita de desafios. Lá estava eu: Camiseta, blusa (que mais parecia um capote), calça jeans e – o que viria a ser o mais pesado – tênis. Pronto para pular na piscina. Mas antes, um dos meus técnicos, o Renan, foi buscar a corda. Corda? Pra amarrar os pés. E os braços presos atrás das costas, lógico. Só faltava colocar a venda nos olhos... e PRONTO! “Gira o moleque no lugar pra perder o equilíbrio!” Uma, duas... vinte. “Agora, pula.”

E com um empurrãozinho fui parar no meio da piscina. O desafio? Chegar na borda, de preferência sem se afogar pelo caminho.

Se com seis meses de idade meus pais já tinham me colocado na água pra perder o medo e ir aprendendo a nadar, agora, praticamente vinte anos depois, era bom que a estratégia deles funcionasse. Estávamos durante a semana de treinamento de sobrevivência aquática e eu e meus técnicos decidimos, digamos, levar a brincadeira pra outro nível. O lado bom era que eu estava preparado pra sobreviver a qualquer naufrágio – e também para participar da gravação de qualquer filme de ação que se preze, se é que isso conta.

Fato é, cheguei na borda. Mas brincadeiras à parte, devo admitir que precisei de muito mais do que um empurrãozinho durante minha vida esportiva para chegar onde cheguei em termos de amadurecimento pessoal.

Como quase todo garoto, ainda jovem, fui para o futebol. Me tornei o famoso Goleirão. Em parte porque não era tão bom na linha, em parte porque até que alguém fosse pro gol, não ia ter jogo. E o que queria era jogar. Acabei pegando gosto pela posição. Mas gostava mesmo do fato que todas as quartas e sextas de manhã, meu avô vinha em casa e eu tomava café enquanto assistíamos os Três Patetas na TV. Depois disso, ele me levava jogar bola. Até hoje acredito que boas risadas são o melhor pré-treino.

Fui crescendo e o futebol foi junto. Em casa, meu pai era ídolo. Bom de bola mesmo. Aprendi com ele o que é fazer o certo. E também com a minha mãe, que nunca me fez duvidar de mim mesmo.

Mas uma das coisas que mais me impressionava no futebol era que não importava onde, fosse no time da escola, no bairro, na academia... se juntassem um time, os integrantes se tornavam sangue do mesmo sangue. As diferenças, se é que haviam, ficavam de lado. O importante era que cada um desse tudo o que tinha dentro de quadra, o que normalmente era reconhecido com um simples olhar ou um aceno de cabeça, mas que valia mais do mil palavras.

Por um convite de um amigo, decidi praticar vôlei. Comecei a “ficar bom” na raça. Três horas de treino, cinco dias por semana. Defendi o time de Jundiá por anos na Federação, e espero não ter feito feio. Minha categoria sempre custava para formar um time competitivo, então na maioria dos meus anos, eu completava o time dos mais velhos.

Devo dizer, no começo eu tomava muita bolada. E não pensem que por ser mais novo, a cobrança era menor.

Eu era ponteiro titular, e de titular se espera muito. Era esporro atrás de esporro. Flexão atrás de flexão. E haja suor dos quilômetros corridos embaixo do sol. A gente podia não ganhar muita coisa; afinal, os atletas do Pinheiros tinham toda uma estrutura de treinamento, os atletas do Sesi eram tão altos e barbados que pareciam pais de família, e alguns outros times nos superavam taticamente. Mas ninguém, NINGUÉM, podia dizer que o nosso time não era o mais disciplinado e o mais preparado fisicamente. Os atletas faziam questão de dizer que treinar com o Pires era pior do que exército. E eu tenho certeza que era. Nenhuma pessoa sã diria o contrário.

Ao mesmo tempo, foi a época esportiva mais marcante da minha vida. Só tenho a agradecer a todos os ensinamentos e o carinho que o Pires e o Felipe me passaram ao longo desses anos. Aprendi verdadeiramente o que é ter respeito pelos outros. O que é se entregar totalmente a uma causa e fazer parte de uma equipe. Como responder à altura a pressão e a responsabilidade para com os outros. E quando fui capitão, aprendi o que é liderar de maneira firme e justa.

Se eu fosse me estender por tudo que gostaria, não acho que acabaria esta crônica, tamanhos os momentos que tenho gravados em minha memória, que sei que levarei para toda a vida. Mas no fim das contas, como podem ter imaginado, voltei para a natação. Um esporte maravilhoso, que por ser individual, nos ensina muito sobre superar nossos próprios limites.

Falando nisso, hoje ainda tenho treino e, mês que vem, competição. O Giorgio não vai dar mole não. Já consigo até imaginar minha situação depois dos tiros... o de sempre: ânsia, câimbras, falta de ar. Mais importante: um sorriso no rosto, risadas de companheirismo e a sensação de um dever cumprido. Abro os braços, e que venha o próximo desafio.

Sei que se cheguei até algum lugar no esporte, os campeonatos que venci e as medalhas que conquistei, não cheguei lá sozinho. Na verdade, precisei da minha família, dos meus técnicos, e de todos os companheiros – do meu time e também adversários – para aprender um pouco mais sobre o esporte. E muito mais sobre a vida.

Essa crônica é pra vocês. Aqueles que me deram nada mais do que um empurrãozinho.

## REFERÊNCIAS

BICUDO, Francisco. *Crônicas boleiras*. São Paulo: Chiado Editora, 2016.

CARDOSO, Marcelo. A medalha de ouro de Thiago Braz da Silva e o Olimpismo: Um estudo da cobertura do Portal UOL nos Jogos Olímpicos de 2016. In: *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*, V. 1, Nº1, 2017, pp.90-105.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1981.